

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**VIRGÍNIA CÉLIA CARVALHO DA SILVA**

**Da selva imaginária à fantasia fundamental:  
variações sobre a lógica da fantasia em Freud**

**Belo Horizonte**

**2014**

**VIRGÍNIA CÉLIA CARVALHO DA SILVA**

**Da selva imaginária à fantasia fundamental:  
variações sobre a lógica da fantasia em Freud**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Jésus Santiago

**Belo Horizonte**

**2014**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação Serviço de Biblioteca e Documentação

da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

150 S586d 2014	Silva, Virgínia Célia Carvalho da Da selva imaginária à fantasia fundamental [manuscrito] : variações sobre a lógica da fantasia em Freud / Virgínia Célia Carvalho da Silva. - 2014. 107 f. Orientador: Jéus Santiago.  Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  1.Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicologia – Teses 3. Fantasia - Teses. I.Santiago, Jéus . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.
----------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PPG  
PSICOLOGIA  
UFMG

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Da selva imaginária à fantasia fundamental: variações sobre a lógica da fantasia em Freud**

**VIRGINIA CELIA CARVALHO DA SILVA**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2014, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Jesús Santiago - Orientador  
UFMG

Prof(a). Nadia Laguardia de Lima  
UFMG

Prof(a). TANIA COELHO DOS SANTOS  
UFRJ

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 2014.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jésus Santiago que, com sua transmissão tão viva da psicanálise, causou as questões que me levaram a esse trabalho. Também por sua aposta constante e sua orientação precisa, dinâmica e paciente. Mais ainda, por me permitir descobrir o prazer das atividades de docência, a partir de sua referência e acompanhamento.

Ao grande amor da minha vida, meu eterno parceiro Eduardo, que nunca hesitou em me ouvir em minhas elucubrações dissertativas, me ajudando a seguir sempre em frente. À Ana Júlia, minha filha querida e amada, por trazer um colorido especial a esse trabalho, apresentando-me as diversas facetas do termo fantasia. À Roberta por tornar minha vida mais simples.

Aos meus pais pela presença marcante. Ao meu pai, por me ensinar o valor de uma argumentação. À minha mãe, por me encorajar sempre. À Alessandra e ao Júlio, pela presença constante.

À Marina e à Lelê, pela parceria sem limites, inclusive na logística necessária ao andamento do trabalho solitário de escrita. Ao João Pedro, meus sobrinhos e cunhados pelos momentos de distração. Aos meus avós, por estarem sempre de portas abertas para uma boa conversa. Aos demais familiares que também contribuíram, inclusive, suportando minhas ausências.

À Fernanda Costa, por compartilhar lado a lado desse momento tão peculiar e por ajudar a torná-lo mais sereno. Aos meus queridos e presentes amigos, por estarem sempre comigo. Aos colegas do mestrado, pelos momentos agradáveis.

Ao CNPq pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. À Elisa Alvarenga e à Nádia Laguárdia, que, com seus comentários na banca de qualificação permitiram-me ampliar o tema, buscando outras vertentes de investigação. E à Tânia Coelho por sua pronta aceitação em viajar para Belo Horizonte para compor a banca de defesa da dissertação.

À Ariana Lucero pela revisão consistente e pela permanente disponibilidade. Também à Amanda Bruno de Mello pela revisão do português.

Ao Lázaro Elias Rosa, pelo acompanhamento acolhedor e à Ana Lydia Santiago, sem a qual não teria sido possível concluir. Enfim, agradeço a todos aqueles que direta e indiretamente estiveram comigo ao longo desse percurso.

## RESUMO

Silva, V. C. C. da. (2014). *Da selva imaginária à fantasia fundamental: variações sobre a lógica da fantasia em Freud*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

Por se tratar de um conceito eminentemente clínico, a fantasia tem função capital na psicanálise. Considerando essa relevância, a presente pesquisa propôs uma leitura retroativa do conceito em Freud. Para tanto, buscou-se precisar as primeiras utilizações do termo que acabaram por evidenciar sua importância decisiva para a própria invenção da psicanálise. Também se procurou identificar possíveis modificações do uso dessa noção. Assim, verificaram-se três enfoques distintos. O primeiro refere-se a uma indicação mais descritiva da fantasia e demonstra a pluralidade de suas apresentações na neurose. Uma selva das fantasias – nome designado por Lacan – foi o que se encontrou nesse percurso inicial. Além de designar a grande quantidade de algo, o termo “selva” denota um lugar em que a intervenção dos processos civilizatórios ainda não se deu com toda a sua força. O primeiro capítulo desta dissertação centrou-se nessas duas vertentes da fantasia, indicando sua variedade de apresentações, assim como sua característica de afastar o sujeito neurótico da realidade. Um segundo momento do percurso de Freud pode ser extraído do texto que faz uma “reviravolta” em seu pensamento sobre a fantasia, o “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”(1919). Nele, Freud trabalha uma fantasia comumente encontrada no relato de seus pacientes e tenta formalizar seu modo de funcionamento, o que faz com que se depare com uma vertente fundamental, a qual nomeia “cicatriz de Édipo”. Essa marca levada pelo sujeito neurótico na vida é como uma resposta ao que acredita que o Outro espera dele, e a utiliza como enquadramento da realidade. Seu modo de ver o mundo é emoldurado pela fantasia, que funciona como uma tela que esconde o real e, ao mesmo tempo, uma janela que permite algum acesso ao real. A fantasia aponta para um limite em relação ao dizer, pois não é possível acessar essa marca pela via do significante. Por esse prisma, o referido texto freudiano levou ao destaque de um terceiro momento, a partir da noção de construção, apontada em 1919 e aprofundada em 1937 no texto “Construções em análise”. Nesse terceiro momento, foi possível reconhecê-la como um pilar da lógica da fantasia em Freud, assim como a operação de redução da selva das fantasias à fantasia como cicatriz. Essas operações, por tocarem nos limites do dizer, evidenciam uma vertente da análise que é infinita: o “rochedo da castração”. Insistir em tentar fazer representar esse infinito leva a análise a um interminável. Por considerar que a lógica do tratamento é equivalente à lógica da fantasia e também por fazer valer a ideia freudiana da pulsão como o que não pode ser destruído, Lacan se preocupa em introduzir essa dimensão na análise e não luta contra ela. Entende que para que se possa viver a pulsão é preciso atravessar o plano das identificações, em que o sujeito busca ser o que agrada ao Outro e se aprisiona nesse movimento. A travessia da fantasia – noção da qual Freud não dispunha –, a redução e a construção foram trabalhadas no terceiro capítulo dessa dissertação como os três pilares da lógica da fantasia. O presente trabalho conclui, portanto, que há uma lógica da fantasia em Freud. E, ainda, que se Lacan pôde ir além de Freud, foi porque deu a essa lógica da fantasia função central na lógica da cura.

Palavras-chave: fantasia; lógica da fantasia; Édipo; construção; redução; travessia da fantasia.

## ABSTRACT

Silva, V. C. C. da. (2014). *Da selva imaginária à fantasia fundamental: variações sobre a lógica da fantasia em Freud*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

Insofar as it is an eminently clinical concept, fantasy plays a capital role in psychoanalysis. Taking that into account, the present research proposes a retroactive reading of this concept in Freud, aiming to locate its logic. In order to do so, one searches to precise the earliest uses of the term, revealing its decisive importance to the invention of psychoanalysis. One also intended to identify possible modifications in the use of this notion. The first one refers to a more descriptive feature of fantasy, and demonstrates the plurality of its presentation in neurosis. A wilderness of fantasies – expression coined by Jacques Lacan – was perceived in this initial moment. Besides implying a great quantity of something, the term wilderness denotes a place that has not suffered the full intervention of civilizatory processes. The first chapter of this dissertation focused on these two versants of fantasy, showcasing its variety of presentations, as well as the fact that it pushes the neurotic patient further away from reality. A second moment of Freud's *démarche* can be extracted from a text that operates a “twist” in his thoughts on fantasy, that is, the article from 1919, entitled “A child is being beaten: a contribution to the study of the origin of sexual perversions”. In the latter, Freud deals with a fantasy commonly found in patient's account, in order to formalize its functioning. That leads him to a fundamental versant, namely the “Oedipal scar”. This mark, carried by the neurotic subject throughout his/her life, is an answer to what he/she believes is expected from him/her by the Other, being used by him/her as a framing of reality. His/her way of perceiving the world is framed by fantasy, that works both as a screen that hides reality and a window that grants him/her some access to the same. Fantasy points towards a limit regarding speech, insofar as it is not possible to access this mark via signifier. Through this optic, the aforementioned Freudian text – so relevant to psychoanalysis and widely emphasized by Lacan – brought about a third moment of argumentation, based on the notion of “construction”, referred to in 1919 and further developed in 1937, in the text “Constructions in analysis”. In this third moment, it was possible to recognize the idea of construction as a cornerstone of Freud's logic of fantasy, as well as the reduction of the wilderness of fantasies to fantasy as a scar. These operations, insofar as they reach the limits of speech, evidenciate an endless versant of analysis: the “rock of castration”. The insistence in trying to represent this endless versant leads analysis towards an interminable point. For considering that the logic of treatment is equivalent to the logic of fantasy and also for taking seriously the Freudian idea of drive as something that cannot be destroyed, Lacan introduces this dimension into analysis instead of fighting against it. He understands that in order to live, drive must cross the plane of identifications, in which the subject strives to accomplish what pleases the Other, and is therefore imprisoned in this movement. The crossing of the fantasy – notion absent in Freud's theorization – alongside with reduction and construction were approached in the third chapter of this dissertation as the three pillars of the logic of fantasy. The present work concludes, therefore, that there is a logic of fantasy in Freud's work, and still that, if Lacan could go further than Freud, it was because he affirmed that this logic plays a crucial role in the logic of the cure.

**Keywords:** fantasy; logic of fantasy; Oedipus; construction; reduction; crossing of the fantasy

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 1 - A selva imaginária das fantasias</b>	<b>15</b>
1.1 <i>Do próton pseudos à fantasia</i>	17
1.2 <i>Fantasia e realidade psíquica: uma reserva natural</i>	21
1.3 <i>Defesa contra o trauma</i>	26
1.3.1 <i>O trauma é sexual</i>	27
1.4 <i>Efeito da neurose</i>	31
1.5 <i>Teorias sexuais infantis: matrizes da fantasia</i>	33
<b>Capítulo 2 – Cicatriz do Édipo: a fantasia fundamental</b>	<b>43</b>
2.1 <i>Núcleo inconsciente e pontos de fixações</i>	44
2.2 <i>Lógica temporal dos resíduos libidinais</i>	48
2.3 <i>A fantasia, o masculino e o feminino</i>	51
2.4 <i>A temporalidade da fantasia em Lacan</i>	54
2.4.1 <i>Primeiro instante: O chicote do pai</i>	57
2.4.2 <i>Segundo tempo: O chicote no sujeito</i>	59
2.4.3 <i>Terceiro momento: O chicote no mundo</i>	60
2.5 <i>A função do desejo e a fantasia</i>	62
2.6 <i>Uma resposta ao Che vuoi?</i>	64
2.7 <i>A fantasia na histeria</i>	67
2.8 <i>A fantasia na obsessão</i>	69
<b>Capítulo 3 – Três pilares da lógica da fantasia: construção, redução e travessia</b>	<b>73</b>
3.1 <i>O trabalho de construção em análise</i>	75
3.1.1 <i>Construção e recalque originário</i>	76
3.1.2 <i>Tarefa do analisante, ato do analista</i>	78
3.2 <i>Redução da fantasia – axioma fundamental</i>	82

<i>3.3 Extrair consequências da redução</i> .....	87
<i>3.4 Viver a pulsão mais-além da fantasia</i> .....	90
<b>Conclusão</b> _____	<b>96</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> _____	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

A presente investigação se constituiu como uma leitura retroativa da noção de fantasia em Freud e se estabeleceu a partir de um interesse pessoal pela dimensão extremamente clínica do tema. No trabalho como psicanalista e também na experiência como analisante a questão sobre o final de análise apresentava-se com grande intensidade: o que encerraria uma análise?

Em busca de uma resposta conceitual que servisse de diretriz clínica, deparou-se com o cerne da lógica da cura que é a fantasia. Essa dimensão vinha sendo trabalhada por Jesús Santiago (2011) em seu Seminário sobre “*Pulsão e Sublimação: A lógica da fantasia e o sintoma sexual*”, que tinha como ponto central a seguinte questão: a identificação ao sintoma prescindiria da travessia da fantasia? Antes de aprofundar nessa resposta, sentiu-se a necessidade de compreender melhor a fantasia, em suas raízes conceituais. Nesse sentido, o referido Seminário serviu de ponto de causa para a presente pesquisa, ao mesmo tempo, em que apresentou um referencial teórico importante.

O sujeito neurótico, para não ter que se deparar com as limitações que a realidade lhe impõe, recorre à fantasia como um modo de se proteger. Ao mesmo tempo em que ela é um consolo, por enquadrar a maneira como o sujeito vê o mundo, escraviza-o a um modo de satisfação monótono e repetitivo. Trata-se de uma tentativa de encarceramento da pulsão a um significante, mas, como a pulsão resta sempre insaciável, a fantasia mostra sua ineficiência, deixando o caminho aberto para os sintomas, que fazem com que o sujeito procure análise.

No tratamento psicanalítico, quando o analisante é convidado a falar livremente, chega-se a duas constatações: a primeira delas é a de que há um fio condutor em toda a elaboração subjetiva e, em segundo lugar, que há um limite no dizer. Esse limite no dizer é um dos nomes do rochedo da castração – ponto que indicou para Freud a vertente ilimitada que se apresenta na análise. Insistir em tentar dizê-lo mantém a análise numa dimensão infinita, como está indicado nas elaborações freudianas do tema.

A fantasia é o próprio fio condutor que tenta fazer borda ao limite no dizer e, por essa razão, acaba se tornando uma regra da qual o sujeito não abre mão. Na análise, essa regra não está disponível pronta em algum lugar dos confins do psiquismo. Ela precisa ser construída pelo próprio analisante, com o auxílio do psicanalista. Posteriormente, após uma operação de

redução, ela pode ser atravessada, o que expressa um modo do sujeito ir além de seu aprisionamento ao “tecido da fantasia” (Laurent, 2011).

Ir da construção da fantasia a sua redução a um enunciado fundamental, possibilitando uma travessia, são passos fundamentais para que a análise possa ir mais além do rochedo da castração. Desse modo, tendo em vista a importância da fantasia no direcionamento da cura, assim como a relevância das elaborações freudianas para uma melhor compreensão do conceito, o tema a que se propõe esta investigação se faz essencial na formação do psicanalista. Além disso, apresenta uma vertente epistemológica por abordar uma noção que está nos fundamentos do surgimento da psicanálise propriamente dita, como propõe Freud (1925b/1996). A fantasia é também a *via* em que se pode conduzir-se no ensino de Lacan (Miller 2008).

E, ao partir de uma investigação da referida noção na obra de Freud, uma questão precisou ser mais aprofundada: haveria em sua obra uma lógica da fantasia? O percurso desenvolvido a respeito desse questionamento levou a três enfoques distintos da fantasia. Um primeiro em que a “*a selva imaginária das fantasias*” é o que se destaca; um segundo que se apresenta como “*cicatriz do Édipo: a fantasia fundamental*” e um terceiro, mais conclusivo, que indica “*três pilares da lógica da fantasia: construção, redução e travessia*”. Como se pode perceber, trata-se de dois momentos freudianos por excelência e de um terceiro que não seria possível localizar sem Lacan. É importante precisar que esses três enfoques não podem ser localizados cronologicamente na obra desses dois autores, tendo em vista que são vertentes que a fantasia pode apresentar em momentos diferenciados.

O primeiro capítulo dessa dissertação retoma as primeiras referências de Freud ao termo. Durante a realização desse trabalho, inferiu-se que foi como *próton pseudo* que a fantasia primeiramente surgiu na pesquisa freudiana. Essa expressão, Freud destacou de Aristóteles, para designar que uma falsa premissa é precedida de um pensamento lógico que a incita. Trata-se de um momento em que Freud ainda considerava que os sintomas histéricos eram provenientes de um abuso sexual factual provocado por um adulto sobre uma criança imatura sexualmente. Mas, mesmo “acreditando em suas histéricas”, Freud considerava que havia uma “primeira mentira”, na qual elas próprias acreditavam, pois aparecia algo em seus relatos que estava em desacordo com a realidade material.

O abandono da teoria da sedução, passo que não foi simples para Freud, permitiu que se conferisse estatuto de realidade psíquica a essa “mentira” que a fantasia veiculava. A *Carta*

69, de 21 de setembro de 1897, em que o psicanalista enumera suas razões para não acreditar mais em sua neurótica, é o marco do caráter central do reconhecimento da fantasia no núcleo das neuroses.

Embora abandone a teoria de sedução por um adulto, Freud mantém o trauma como ponto *princeps* para o surgimento dos sintomas neuróticos. Assim, a fantasia se constituiria como o que permite ao sujeito se proteger do encontro traumático com a castração – maior trauma dos seres falantes. Nesse sentido, foi preciso estudar as elaborações de Freud que demonstram a fantasia como uma reserva natural, apartada da realidade, e que funcionaria como uma satisfação substitutiva.

A aproximação entre o trauma e o sexual também se fez necessária para que fosse possível compreender a vertente libidinal que está presente na fantasia. Por essa razão, também se pesquisou sobre as teorias sexuais infantis, demonstrando, inclusive, como elas são matrizes das fantasias adultas.

No primeiro capítulo ganhou cena a pluralidade de fantasias e suas apresentações em Freud, seja como *próton pseudos*, seja como lembranças encobridoras, como reservas naturais, como defesa contra o trauma, como teorias sexuais infantis ou fantasias sexuais. São diversas versões da fantasia que evidenciam como seu funcionamento está a serviço do princípio de prazer – o que visa à redução do acúmulo pulsional – transformando o excesso libidinal em prazer, tal como uma *máquina de transformar gozo em prazer* (expressão de Jacques Allain-Miller [1997]). Ao mesmo tempo, o caráter escravizante da própria fantasia, mesmo em sua apresentação imaginária, não é negligenciado por Freud – o que também se indicou. Há, ainda, a dimensão edípica, indicada no capítulo 1 e mais aprofundada no segundo capítulo.

No segundo capítulo, da selva imaginária das fantasias à fantasia como “cicatriz do Édipo”, evidencia-se uma passagem importante que se localiza em Freud. O texto “Bate-se numa criança” expressa nitidamente essa passagem, pois é a partir dele que seu interesse por investigar um funcionamento mais estrutural da fantasia se evidencia. Trata-se de um texto que tem grande relevância para o tema, o que fez com que Lacan o retomasse em diversos momentos de seu ensino.

A elaboração clínica de Freud o levou a um núcleo inconsciente da fantasia, expresso em pontos de fixação aos quais o sujeito se aprisiona. Esses pontos relacionam-se aos resíduos libidinais das primeiras experiências infantis de satisfação – e esta é uma nova definição da

fantasia que se pode depreender do texto de Freud. Das primeiras experiências ao Édipo, há uma temporalidade da fantasia: três tempos que Freud estabeleceu a partir de modulações que vão ganhando a frase “Bate-se numa criança”, repetida por vários de seus analisantes.

O primeiro tempo da fantasia refere-se a uma cena em que o pai bate em uma criança que o sujeito odeia, o que revela sua condição de amado pelo pai. O segundo é uma construção que coloca o próprio sujeito sendo batido pelo pai, consentindo em deixar-se submeter a seus caprichos por amá-lo. O terceiro é o de uma redução simbólica de toda a cena imaginária a um enunciado, em que se destaca a forma dessubjetivada da frase, que indica que “Bate-se numa criança” – não se sabe quem está batendo e o sujeito está apenas olhando, reduzido ao olhar.

Lacan faz uma leitura desse movimento gramatical proposto por Freud, destacando o objeto “chicote” como expressão do que seria a fantasia: a demonstração de que se está sempre submetido ao jugo de alguém. Esse enfoque foi mencionado nesta dissertação ao se indicar a temporalidade da fantasia em Lacan. No primeiro instante da fantasia, o chicote estaria no pai; no segundo, no próprio sujeito e no terceiro, no mundo, o que a frase indefinida e dessubjetivada de “Bate-se numa criança” revela.

A leitura lacaniana do referido texto coloca em evidência a função do desejo do Outro sobre o qual a fantasia busca se fazer de resposta. O sujeito neurótico prefere se ocupar desse desejo a ter que lidar com sua castração. E, nesse sentido, ele passa a vida tentando ser o que responde ao desejo do Outro, esforçando-se para manter a consistência do Outro e apagar sua falta. A fórmula da fantasia inventada por Lacan ( $\$ \diamond a$ ) expressa a maneira como o sujeito busca responder a esse desejo, incluindo nessa resposta tanto a vertente da divisão subjetiva por sua submissão ao significante, quanto a vertente libidinal presente no objeto *a*. O objeto *a* pode ser lido como elemento irreduzível que resta da alienação do sujeito ao Outro. O *a*, esse objeto procurado no Outro, se materializa no seio, nas fezes, no olhar e na voz por serem peças destacáveis do corpo, mas que mantêm com ele uma ligação (Lacan, 1966-67). Ao mesmo tempo em que o *a* expressa materialidade, evoca o vazio que concerne à falta do complemento perfeito.

Na neurose, a questão sobre o desejo do Outro tem configurações distintas na histeria e na obsessão. Na fantasia, o sujeito histérico busca um Outro absoluto fazendo-se de portador do objeto que poderia vir a completá-lo (o falo imaginário). Para isso, posiciona-se como causa de desejo, mantendo seu próprio desejo em uma condição de insatisfação. O sujeito

obsessivo procura anular o desejo do Outro, tamponando-o com objetos falicizados para não se livrar da castração. Essas duas maneiras diferentes de fantasiar foram indicadas no segundo capítulo, com os exemplos clínicos do caso Dora e do Homem dos Ratos, ambos atendidos por Freud.

Por trás dessas distinções clínicas na maneira de fantasiar, há uma definição da fantasia que dá fundamento a ambos os mecanismos neuróticos. É uma definição freudiana que Lacan aponta e que, com a leitura de Miller (2011c), sintetiza-se incluindo tanto sua dimensão de tela no real (*écran sur le réel*) quanto de janela sobre o real (*fenêtre sur le réel*). A fantasia seria, portanto, uma tela que esconde o real, ao mesmo tempo em que é o que abre para o sujeito um ponto de vista sobre esse real (Naveau, 2011), ou seja, o que permite ao sujeito uma elucubração sobre o real (Miller, 2011c) – sobre isso que não é passível de ser representado.

Dessas considerações, o desenvolvimento realizado no segundo capítulo evidenciou a vertente fundamental da fantasia, reconhecendo seu núcleo inconsciente e seus pontos de fixação, sua lógica temporal e sua relação ao desejo, bem como suas diferentes apresentações clínicas no masculino e no feminino, assim como na histeria e na neurose obsessiva. Perpassou esse percurso a noção de que a fantasia toca no ponto de um limite no dizer, o que possibilitou uma associação de sua dimensão fundamental ao recalque originário, justamente por sua dimensão real, de resíduo imodificável.

A fantasia fundamental é o que determina as escolhas do sujeito e direciona sua maneira de viver. No entanto, ela não pode ser enunciada através de uma interpretação ou de uma reconstituição das memórias. É preciso uma operação de construção para enunciá-la – o que foi trabalhado no terceiro capítulo dessa dissertação.

A operação de construção da fantasia é essencial em um tratamento psicanalítico, pois permite ao sujeito formalizar a maneira como se posiciona subjetivamente através dos elementos repetidos que vão sendo extraídos ao longo da análise. Freud associa esse trabalho ao do arqueólogo que vai unindo pequenos vestígios para reconstruir culturas antigas. Porém, o analista não se mantém solitário ao investigar e reunir vestígios do “objeto psíquico” (expressão de Freud [1937a/1996]), tal como faz o arqueólogo. Afinal, é do analisante a tarefa da construção, posto que ao analista cabe autorizar simbolicamente a construção do analisante, permitindo que ela aconteça (Miller, 1996). Nesse sentido, fica claro que se trata de um trabalho lógico – o que o terceiro capítulo apontou.

A operação de construção da fantasia permite uma redução da selva imaginária das fantasias a uma vertente fundamental, com a produção de um enunciado que funcionaria tal como um axioma – proposição irreduzível, do qual partem outras proposições (Ferrater Mora, 1991). Trata-se de uma operação simbólica de redução, ponto de partida para uma outra redução, mais concernente ao real. Esta última permite um desinvestimento desse enunciado axiomático, possibilitando seu atravessamento.

A travessia da fantasia, expressão proposta por Lacan, foi uma maneira de ir além da dimensão infinita da análise (Miller, 2011b) que, como se indicou anteriormente, refere-se ao rochedo da castração. Ao construir sua fantasia fundamental, reduzindo-a a um enunciado axiomático, o sujeito pode ir mais além dela. Isso equivale a um franqueamento no plano das identificações, plano em que ele busca ser aquilo que acredita que o fará amado pelo Outro. É uma mudança de posição para um outro plano em que é possível se sustentar no mundo sem precisar se fiar no Outro.

O trajeto desta dissertação mostra como, no decorrer de uma análise, espera-se que aconteça um movimento da fantasia que tem como pilares as operações de: construção, redução e travessia – identificadas no terceiro capítulo. Sabe-se que essas operações sobre a fantasia deixam o caminho aberto para a pulsão e, por isso, seu atravessamento não é suficiente para propiciar ao sujeito um saber fazer aí (*savoir-y-faire*). A identificação ao *sinthoma* é o que vem responder em Lacan (1975-76/2007) a um último movimento tão necessário ao desenlace da análise.

Ao se concluir o percurso teórico nesta pesquisa, constata-se que há uma lógica na fantasia e que, por essa razão, é possível considerar a noção de um final de análise. Esse caráter lógico da fantasia pode ser entendido sobre dois aspectos. O primeiro deles concerne ao modo como o enfoque clínico da fantasia está submetido aos três registros propostos por Lacan: imaginário, simbólico e real. Ou seja, é possível destacar no âmbito de todo o material fantasístico de um sujeito esses três registros do ternário lacaniano. Nesse sentido, a fantasia se constitui por uma componente imaginária, a “selva das fantasias”; uma componente simbólica, apresentada em sua dimensão significativa, de roteiro na vida do sujeito, como apontada no “Bate-se numa criança”; e outra real, que se refere a sua característica de resíduo imodificável, impossível de ser recoberto pelo significante.

O caráter lógico da fantasia também se justifica por um segundo aspecto que concerne à distinção entre a construção e a travessia da fantasia. Esta última está submetida a uma

operação lógica que é a operação de redução, que se realiza segundo três modalidades: por repetição, por convergência e por evitação – como se explicita no terceiro capítulo, a partir de Miller (1998b). A primeira operação de redução, por repetição, consiste em isolar um traço que se repete, formalizando a repetição e a elaborando. A segunda operação, por convergência, pressupõe a ideia de que todos os enunciados do sujeito levam a um enunciado essencial. A terceira, por evitação, opõe-se à repetição e à convergência, embora seja possível apenas a partir delas. Trata-se de reconhecer que há algo que se repete não por sua presença, mas pela ausência, ou seja, é uma repetição do que insiste em não se representar simbolicamente. Nessa operação, procede-se a uma redução quantitativa do investimento atribuído à fantasia e, por esse motivo, é o que permite seu atravessamento.

Essa lógica da fantasia, como se depreende desta investigação, pode ser lida em Freud, pelas dimensões que ele dá à fantasia ao longo de seu percurso clínico e conceitual. Observa-se nitidamente como essas dimensões contemplam o referido ternário lacaniano. Também está em Freud o movimento de redução da selva das fantasias à fantasia como uma "cicatriz do Édipo", ponto de fixação do sujeito. Pode-se verificar, ainda em Freud, a ideia de que é pela operação de construção que essa redução se torna possível. No entanto, é somente com Lacan que o atravessamento da fantasia se apresenta. Parafraseando Miller (2011b), verifica-se que a lógica freudiana da fantasia é “um apelo a Lacan”. Isso porque é Lacan quem torna possível ir além da infinita elucubração fantasística sobre o real.

## Capítulo 1 – A “selva” imaginária das fantasias em Freud

Antes da invenção da psicanálise, a fantasia já se fazia presente no mundo e no interesse de Freud, como se observa em seus textos “pré-psicanalíticos”. Tal noção ganha tons diferentes à medida que a teorização avança e permite que aconteça uma “transição da catarse para a psicanálise propriamente dita” (Freud, 1925b/1996, p. 29). Das fantasias consideradas como imaginações e falsificações de determinados fatos à fantasia definida como uma “cicatriz do Édipo” (Freud, 1919/1996, p. 208), determinante na maneira do sujeito se colocar no mundo e a ser construída, há um longo percurso teórico-clínico de Freud.

As fantasias – no plural – são aquelas recheadas de imagens e se aproximam da definição lexical: “faculdade de imaginar, de criar pela imaginação”, derivada do latim *phantasia*, que remete à “visão, imaginação, aparência, sombra, fantasma, sonho, ideia, concepção” (Houaiss, 2013). Jacques Lacan (1962/1998) diz de uma selva da fantasia<sup>1</sup> para nomear essa variedade de elementos imaginários presentes na fantasia. Ao se analisar o termo “selva”, depreende-se não apenas a grande quantidade de elementos que há em uma fantasia, mas a própria variedade de tipos de fantasias existentes na vida psíquica. Além dessas considerações, “selva” pode ser aquele lugar em que a civilização ainda não chegou com toda sua força, exigindo do sujeito renúncias pulsionais. Essa ideia se aproxima da equivalência feita por Freud (1917a/1996) entre a fantasia e uma reserva natural, local em que tudo é preservado e, de certo modo, apartado da realidade. Portanto, a “selva da fantasia” ou *das fantasias*, em Freud, refere-se à característica da fantasia de propiciar um afastamento dessa realidade de renúncias pulsionais, permitindo ao sujeito neurótico criar “castelos no ar” (Freud, 1908a/1996, p. 136).

A “selva das fantasias” é o que inicialmente ganha a cena da invenção da psicanálise – práxis que reconhece uma instância da vida psíquica (o inconsciente) em que a verdade e a ficção coexistem, sem que uma precise eliminar a outra. Como se pode inferir, uma das primeiras apresentações dessa selva encontra-se nos *próton pseudos* – falsas premissas

---

<sup>1</sup> O termo no francês é “fôret” (Lacan, 1992/1966, p. 775), que pode ser traduzido por “floresta” (Lacan, 1962/1998, p. 786), como consta nos *Escritos*, ou “bosque” ou, ainda, “selva”. Neste trabalho, optou-se por utilizar “selva da fantasia”, como utilizado pela tradução brasileira no texto em que Jacques-Allain Miller (1997) a destaca, dando-lhe ênfase.

contadas pelos pacientes. *Próton pseudos*, termo extraído de Aristóteles, designa o fato de que uma proposição falsa é decorrente de um erro que a precede, uma falsa premissa, e indica que há um pensamento lógico para se chegar a uma falsidade (Ramirez, 2007). É o que se pode observar no “caso Emma”, relatado no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, e desenvolvido mais adiante.

O relato das situações traumáticas que estariam subjacentes aos *próton pseudos* levava Freud a cenas de sedução por um adulto, o que o impulsionou a construir uma “teoria da sedução”, em que o desencadeamento da neurose se explicava por uma lembrança relacionada à vida sexual. Para Freud (1896), nesse momento, o evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente estava referido a um abuso sexual – a uma experiência precoce de relações sexuais, com excitação “real” dos órgãos genitais por outra pessoa, antes que a criança tivesse atingindo uma maturidade sexual.

Em suas investigações, reconhecer a fantasia por trás dessas lembranças permitiu-lhe identificar que verdade e ficção poderiam estar juntas lado a lado no inconsciente. Esse reconhecimento o forçou a abandonar sua teoria da sedução, passo que foi decisivo para o surgimento da psicanálise. Trata-se de um marco que inclui no trauma não apenas o acontecimento factual (ou acidental, como diz em 1906), mas também as impressões psíquicas sobre os fatos. Essa modificação acaba por alterar a noção de realidade, ao considerar também sua vertente de realidade psíquica – realidade efetiva no mundo das neuroses (Freud, 1917a/1996).

Embora a teoria da sedução tenha sido abandonada, o caráter traumático do encontro com a sexualidade se mantém, como fundamentado nas pesquisas de Freud (1905/1996) sobre a sexualidade infantil. Houve um deslocamento do trauma como fato, vivido como acidente, ao trauma como efeito da ruptura produzida como reação ao excesso pulsional proveniente de estímulos externos ou internos. Nessa perspectiva, a fantasia viria dar tratamento ao trauma por se constituir como um tipo de satisfação substitutiva, que reduz a quantidade de estímulos (Freud, 1908a/1996) e, ao mesmo tempo, propicia “um embelezamento dos fatos” (Freud, 1897/1996, p.296), contornando o caráter traumático desses estímulos.

O “reino das fantasias” existe na vida psíquica desde a mais tenra idade e tem uma evidência expressiva nas elucubrações infantis acerca da sexualidade. As crianças constroem verdadeiras teorias sexuais e estas possuem uma função relevante, fazendo-se de matrizes para as fantasias adultas (Freud, 1910c/1996), como se verá mais adiante.

À presente investigação, que visa a localizar a lógica da fantasia em Freud, interessa localizar o modo como a questão da fantasia se delineia no texto de Freud. Para tanto, esse primeiro capítulo se constitui como um recenseamento da maneira como a fantasia vai sendo tratada por Freud em sua obra.

### *1.1 Do próton pseudos à fantasia*

As elaborações de Freud acerca das fantasias trazem para o primeiro plano as construções psíquicas feitas pelos sujeitos para dar conta da realidade. O reconhecimento dessa noção ancorou suas bases no interesse freudiano pelo que a ciência de sua época rejeitava, a histeria. Naquele tempo de 1886, um diagnóstico de histeria era suficiente para eliminar qualquer motivação para se compreender o que se passava com aquele paciente (Freud, 1886/1996, p.45). Antes consideradas feiticeiras ou possuídas pelo demônio, as histéricas eram tratadas como simuladoras. Segundo Freud (1886/1996), para que se tornasse possível a existência de um tratamento para sua sintomatologia, foi preciso um homem de “coragem” que acreditasse no que esses sujeitos em sofrimento diziam e, ao mesmo tempo, não se enganasse por eles. Nesse momento, acreditava que esse homem fosse Charcôt, de quem reteve grandes ensinamentos e quem considerava ter tido “a coragem de reconhecer esses sintomas como sendo, na sua maior parte, reais, sem negligenciar as precauções exigidas pela insinceridade do paciente” (p. 45).

Por acreditar em seus pacientes, Freud atrelava a explicação para a etiologia da histeria ao trauma. Considerava que os histéricos sofriam de *reminiscências*, indicando que um ataque histérico era “o retorno de um estado psíquico que o paciente já experimentou anteriormente – em outras palavras, o retorno de uma lembrança” (Freud, 1892/1996, p. 194). Os sintomas histéricos seriam “como efeitos e resíduos de excitações que atuaram no sistema nervoso como traumas” (Freud, 1895/1996, p.115), ou seja, resíduos de impressões insistentes e sem representação no psiquismo. Os traumas se definiam como aquelas impressões que o aparelho psíquico – regido pelo princípio de constância<sup>2</sup> – não conseguiu abolir por meio do

---

<sup>2</sup> Princípio que visa à constância de energia, trabalhado como princípio de prazer-desprazer, ampliado, mas não abandonado, em *Além do princípio de prazer*(1920), com o reconhecimento da pulsão de morte.

pensamento associativo ou da reação motora (Freud, 1892/1996).

É o que se depreende do “caso Emma”, trabalhado no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, que versa sobre uma mulher que procura Freud por estar dominada pela compulsão de não poder estar sozinha em uma loja. Aos doze anos de idade, havia entrado em um estabelecimento e visto dois vendedores rindo muito. Como concluiu que riam de suas roupas, saiu correndo, tomada por um “afeto de susto” (Freud, 1895/1996, p. 407). Lembra-se de que um dos vendedores a havia atraído sexualmente e toma esse acontecimento na loja como justificativa para seus sintomas, o que relata para Freud. Este considera que haveria algo de ininteligível nessa explicação, identificando uma estranheza no fato de alguém precisar ser acompanhado em uma loja em função do medo de ser criticado por suas roupas, mesmo trajando-se bem. Por essa razão, pede que a paciente fale mais sobre suas lembranças e, a partir daí, um acontecimento aos oito anos de idade é evocado. Emma esteve em uma confeitaria e o proprietário lhe agarrou os genitais por cima da roupa, com um sorriso. A paciente se recrimina por ter voltado ao local mesmo após esse fato ter ocorrido.

Das duas cenas, a dos 12 e a dos 8 anos, Freud (1895/1996) extrai um elo de ligação: trata-se do elemento “riso”, que aparece na cena mais tardia através do riso dos vendedores e que, na cena da confeitaria, figura-se no riso do proprietário. O riso dos vendedores, ao trazer de volta a lembrança do que se passou na confeitaria, desperta uma descarga de energia sexual até então sem representação no psiquismo de Emma. E, nesse sentido, a reminiscência dá à lembrança o caráter de um acontecimento, daí considerar que as históricas sofrem de reminiscências.

A primeira explicação dada por Emma para seu sintoma de não entrar sozinha em uma loja era um *próton pseudos*, erro inicial que conduz a uma estabilidade da resposta sintomática. Há, na explicação, “duas conexões falsas”: primeiramente a explicação de que riam dela em função de suas roupas e, em segundo lugar, o fato de que a atração sexual sentida por um dos vendedores seria motivo para o desencadeamento do sintoma (Freud, 1895/1996). Freud acreditava que haveria algo essencial por trás dessa associação aparentemente ininteligível e, ao buscar esse ponto, permite que essas conexões se desfaçam, dando lugar à cena traumática.

É importante observar que, mesmo não mencionando a fantasia nesse caso, Freud demonstra já reconhecer aí um movimento neurótico de alterar os fatos no psiquismo para se proteger das lembranças de uma experiência traumática. Percebe-se que, no relato do caso, ele

também não é alheio ao modo paradoxal de satisfação experimentado na cena traumática, o que está condensado no elemento “riso” – nome dessa satisfação paradoxal. Vê-se, portanto, que o mecanismo utilizado por Emma se aproxima daquilo que, dois anos mais tarde, Freud (1897/1996 – *Carta 61*) indica como fantasias, que são “estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamento deles e [que], ao mesmo tempo, serviriam como auto-absolvição” (p. 296).

Das cartas e rascunhos pré-psicanalíticos de Freud, verifica-se que a categoria das fantasias vai se delineando pouco a pouco. São localizadas como “fachadas psíquicas construídas com a finalidade de obstruir o caminho para as lembranças” (Freud, 1897/1996 – *Rascunho L*, p. 297) e se relacionam com as “coisas ouvidas”, assim como os sonhos estão relacionados com as coisas vistas ao longo do dia. Originam-se de uma combinação inconsciente daquilo que foi ouvido com o que se viu ou se experimentou e tem o intuito de tornar inacessível uma lembrança (Freud, 1897/1996). Um fragmento de uma cena vista se une a um fragmento auditivo e juntos eles formam as fantasias que, no lugar da memória, permanecem como “ficções inconscientes, não sujeitas à defesa” (Freud, 1897/1996, p. 302). Na medida em que vão se intensificando, a ponto de poderem irromper na consciência, há uma tentativa de mantê-las afastadas<sup>3</sup> e, desse modo, os sintomas surgem “mediante uma força que impele para trás, indo desde a fantasia até as lembranças que a constituíram”<sup>4</sup> (Freud, 1897/1996, p. 302 – *Rascunho M*). Parte das lembranças seria substituída pela fantasia, enquanto a outra parte conduziria aos impulsos (Freud, 1897/1996 – *Rascunho N*).

As “coisas ouvidas” de que fala Freud (1897/1996 – *Carta 59*, p. 293) remontam ao que foi escutado pelas crianças em uma idade muito precoce (seis ou sete meses em diante), mas somente compreendido mais tarde. É como no caso Emma, em que a cena sexual só ganha uma significação anos depois, em sua revivescência do riso – elemento de condensação do caráter sexual que a experiência traumática continha. O termo utilizado por Freud é *nachträglich*, que remete ao fato de um processo traumático apenas ganhar significação num segundo momento (Hanns, 1996), *a posteriori*.

<sup>3</sup> No texto “A Perturbação Psicogênica da Visão”, de 1910, Freud define o recalque como “algo análogo a um julgamento condenatório nos domínios da lógica” (p. 223) e indica que as falhas no mesmo são o que constituem a precondição da formação dos sintomas neuróticos.

<sup>4</sup> “Todos os sintomas de angústia (fobias) derivam, assim, de fantasias” (Freud, 1897/1996, p. 302 – *Rascunho M*).

Com o avanço de suas elaborações, Freud (1897/1996 – *Carta 59*, p. 293) vai dando cada vez mais destaque ao tema da fantasia, a ponto de reconhecê-la como o elemento que lhe havia escapado na solução da histeria. Desse modo, precisa dar um difícil passo em sua teorização, já que a crença de que suas pacientes teriam passado por situações de sedução por um adulto não se sustentava mais como fato e sim como fantasia. É o que escreve para Fliess, na *Carta 69*, de 21 de setembro de 1897: “Não acredito mais em minha *neurótica*” (p. 310). As razões se enumeram do seguinte modo: 1) a decepção de não ter conseguido fazer uma análise chegar a uma conclusão real e exitosa; 2) o descabimento da ideia de que todos os pais dos histéricos, incluindo o seu, seriam perversos, já que a perversão era muito menos frequente que a histeria; e 3) a “descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (Freud, 1897/1996, p. 310). Freud (1925b/1996) conclui que o abandono da dita “teoria da sedução” implicava que: “os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material” (p. 29). Tal abandono traz desdobramentos importantes para a psicanálise, como a transição da catarse para o método da associação livre e a localização de uma fantasia universal presente nos neuróticos, nomeada como Complexo de Édipo. Diz Freud (1925b/1996): “Eu tinha de fato tropeçado pela primeira vez no Complexo de Édipo, que depois iria assumir importância tão esmagadora, mas que eu ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia” (p. 40).

É possível perceber que o abandono da teoria da sedução permitiu-lhe trazer as fantasias para o primeiro plano, o que não significa que elas não existissem antes. Há uma certa tendência a se interpretar a carta de 1897 como “descoberta da fantasia” e abandono do trauma. A presente investigação indica que a fantasia aparece em Freud muito antes desse momento, embora sem estatuto conceitual. A “descrença” em sua histérica se anuncia claramente em 1897, mas pode ser vista, por exemplo, no caso Emma, quando o psicanalista considera as explicações da paciente como “primeiras mentiras históricas” (Freud, 1895b/1996, p. 406). Acompanhando-se as cartas de Freud (1892/1996) a Fliess, vê-se que não foi simples chegar à afirmação proferida na célebre *Carta 69*, pois o psicanalista teve que extrair consequências dela, reformulando toda a sua teoria. Como se pode perceber no texto que abre a coletânea de suas *Obras Completas*, em que relata seus estudos com Charcôt, Freud (1886/1996) não queria tratar as históricas como mentirosas. Conclui-se, portanto, que

extrair consequências da referida “descrença”, sem deixar esses sujeitos desacreditados, seria reconhecer a função dessa “mentira” no psiquismo, o que a noção de realidade psíquica permite elaborar, como se verá a seguir.

Além disso, Freud não abdica de considerar a verdade dos fatos, já que em um dos seus últimos textos afirma que “o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade – isto é no reconhecimento da realidade” (Freud, 1937a/1996, p. 265). De uma maneira diferente, o interesse pelo caráter traumático na vida psíquica se mantém, como será descrito posteriormente. Infere-se que, se no início trauma e sedução estavam unidos na “teoria da sedução”, com a ênfase na fantasia, há um descolamento de ambos que propicia o abandono da teoria da sedução e uma nova maneira de conceber o trauma.

### *1.2 Fantasia e realidade psíquica: uma reserva natural*

A ênfase dada por Freud às fantasias após o abandono da teoria da sedução lhe possibilita reconhecer o caráter encobridor das lembranças neuróticas, pois um fato que foi fantasiado pode perfeitamente ser lembrado como se tivesse ocorrido verdadeiramente. Ou seja, experimenta-se uma fantasia tal como se ela fosse uma lembrança infantil, o que equivale a dizer que as pessoas constroem esses fatos “inconscientemente, quase como obras de ficção” (Freud, 1899/1996, p. 298). Trata-se de uma lembrança encobridora, assim como são todas as lembranças relativas à infância, que mostram os primeiros anos da vida não exatamente como eles foram, mas tal como se mostram nos períodos em que são despertadas as lembranças. E, nessa perspectiva, as lembranças não *emergiriam*, e sim seriam *formadas*.

Veja-se o relato de Freud de uma fantasia infantil que ganha estatuto de cena lembrada – caso que seu editor indica como autobiográfico. A situação teria se passado na província, lugar em que vivia com os pais de maneira bastante confortável financeiramente até que os mesmos perdessem seus bens e a família tivesse que se mudar para a cidade grande em busca de oportunidades. Aos três anos, brincava com o primo e a prima na grama de um relvado de flores amarelas, dentes-de-leão. Colhendo-as e cada um segurando seu ramo, os meninos decidem arrebatam as flores da menina, pois seriam as mais belas. Ela sobe a colina em lágrimas, rumo à casa onde estavam a babá e uma camponesa e, “à título de consolo”, esta

última lhe dá um grande pedaço de pão preto. Ao vê-la comendo, os meninos largam as flores e correm em busca do seu pedaço de pão.

Da cena descrita, o sujeito ressalta o amarelo vivo das flores e o sabor delicioso do pão. Porém, escreve Freud (1899/1996), “o amarelo das flores é um elemento desproporcionalmente destacado na situação como um todo, e o gosto saboroso do pão... parece exagerado de maneira quase alucinatória” (p. 295). Associando sobre a lembrança, o amarelo o remeteu ao vestido que usava seu “primeiro amor” no primeiro encontro que tiveram nas férias de seus dezesseis anos, quando retornou à província. Os primos, que aparecem segurando os dentes-de-leão, se referiam a um tempo em que o pai e o tio arquitetavam o plano de seu casamento com a prima, mas ele estava lutando pelo “pão de cada dia”, muito absorvido por seus estudos.

A recordação infantil revelaria, nesse caso, a fantasia de uma vida confortável se tivesse ficado no campo e se casado com seu primeiro amor: “em linguagem simbólica, de como seria doce o sabor do pão pelo qual vinha tendo de lutar tão arduamente nos últimos anos” (Freud, 1899/1996, p. 297). Mas, também, indicaria uma fantasia de defloramento: “vejo que, ao produzir uma fantasia como essa, eu estava promovendo, por assim dizer, a realização de dois desejos recalcados – de defloramento e de conforto material” (Freud, 1899/1996, p. 300). Para Freud (1900/1996), as fantasias são realizações de desejo, tal como os sonhos, pois se baseiam em impressões de experiências infantis e se beneficiam de certo grau de relaxamento da censura.

Hanns (1996) nota que, em relação ao desejo (*Wunsch*), Freud utiliza a palavra realização (*Erfüllung*) e não satisfação (*Befriedigung*). Isso acontece porque tanto a realização quanto o desejo são termos que “pertencem à esfera do idealizado, do almejado e do onírico” (Hanns, 1996, p. 143), o que é diferente do termo satisfação, que denota uma necessidade que, se não for satisfeita, deixa o sujeito inquieto e em sofrimento<sup>5</sup>. Segundo Hanns (1996), a utilização do *Wunsch* no texto freudiano está vinculada a palavras do campo da representação: “pode-se dizer que o 'desejo' circula preponderantemente na esfera representacional, nas regiões do 'pensamento', do 'sonho', da 'fantasia', do 'idealizado', do 'imaginado', do 'alucinado'

---

<sup>5</sup> A raiz *fried-* significa “apaziguamento” e *Befriedigung*, como veremos a seguir, é um termo utilizado em referência à pulsão. “De modo geral, a *Erfüllung* apela para o investimento (catexia) ao nível da imaginação e da representação almejadas, e a *Befriedigung* aponta para vivências na imediatez do corpo” (Hanns, 1996, p. 143). Quanto ao termo *Wunsch* propriamente dito, é correto traduzi-lo por desejo, mas é necessário fazer uma precisão: não se trata do querer mais imediato (*Wille*), nem da vontade e do prazer (*Lust*) e nem mesmo da sofreguidão ou desejo intenso (*Begierde*).

e da 'loucura'" (p. 143).

Por sua dimensão onírica e imaginária, as fantasias acabam constituindo uma nova realidade como uma espécie de proteção à realidade insatisfatória, funcionando como realização de desejo, o que se deduz da afirmação de Freud (1908a/1996) de que “toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (p. 137). Em seu Seminário sobre “*A Relação de Objeto*”, Lacan (1956-57/1995) destaca que, na fantasia, o sujeito se encontra diante de um ponto de fixação que detém o fluxo da memória a uma lembrança encobridora. As lembranças encobridoras remetem Lacan ao fetiche, mecanismo do qual os sujeitos se servem para se proteger da castração materna e não terem que se deparar com a falta do falo na mãe, tal como havia definido Freud em seu texto sobre o “Fetichismo”. Isto ocorre porque o sujeito acredita que reconhecer a ausência do falo materno poderia colocar em risco sua própria posse dele. Ao ter enxergado aquilo que falta à mãe, a criança vê, sabe que ela não tem, mas, mesmo assim, não quer saber (Freud, 1927/1996), rejeita a castração através de um mecanismo perverso. Por isso, “a criança se detém na sua observação, pelo menos esta é sua lembrança, na barra do vestido da mãe” (Lacan, 1956-57/1995, p. 121). Pode-se fazer uma analogia entre o mecanismo fetichista e uma cena cinematográfica em que se apertou a tecla *pause*, deixando imobilizados todos os personagens. Na imobilização dessa cena, isso que a fantasia paralisa é carregado de valor erótico: “de todos os valores eróticos incluídos naquilo que ela exprimiu e de que ela é testemunha e o suporte, o último suporte restante” (Lacan, 1956-57/1995, p. 121). Em razão desse modo fetichista de funcionamento da fantasia, pode-se dizer que nela está presente um componente perverso.

Essa fantasia acaba por apresentar um caráter de efetividade (*Wirklichkeit*), como se vê nas elaborações de Freud sobre o conceito de realidade psíquica: “as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva” (Freud, 1917a/1996, p. 370).

Embora já esboçada no *Projeto para uma Psicologia Científica* em termos de uma distinção entre a “realidade externa” e a “realidade do pensamento”, é na *Interpretação dos Sonhos* que a expressão “realidade psíquica” aparece pela primeira vez. Nesse texto, a realidade psíquica é associada ao inconsciente, e Freud (1900/1996) chega a afirmar que “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (p. 637), pois ele é tão desconhecido para o

sujeito quanto a realidade do mundo externo. Do mesmo modo que os órgãos dos sentidos não são capazes de fornecer à consciência uma completa representação do mundo externo, o inconsciente somente se apresenta à consciência de modo incompleto.

A distinção entre a “realidade externa” e a “realidade do pensamento” fica mais clara no texto de 1913, *Totem e Tabu*, quando Freud aponta que o que está por trás do sentimento de culpa dos neuróticos são sempre realidades psíquicas e nunca realidades concretas. Ou seja, os neuróticos preferem a realidade psíquica à concreta e reagem aos pensamentos como se fossem reais, pois supervalorizam seus atos psíquicos (Freud, 1913/1996).

A neurose acaba por “arrancar” o paciente da vida real, alienando-o da realidade, o que Freud explica a partir dos dois princípios que regem o funcionamento mental trabalhados no texto de 1911. Trata-se, primeiramente, do princípio de prazer<sup>6</sup>, que consiste em uma atividade psíquica que visa a afastar “qualquer evento que possa despertar desprazer” (Freud, 1911/1996, p. 238). Nesse princípio, o que se visa é descarregar a energia livre, sem qualquer representação proveniente do que chega ao aparelho psíquico como estímulo (endógeno ou exógeno). A descarga dessa energia produz uma sensação de prazer, enquanto que seu acúmulo é vivenciado como desprazer. Por ser este um princípio bastante perigoso e ineficaz no que se refere à autopreservação do indivíduo, acontece sua substituição pelo princípio de realidade. Este último consiste numa exigência, por parte do eu, de adiamento na busca pelo prazer, possibilitando uma tolerância maior ao desprazer.

Ainda no texto de 1911, Freud acreditava que a transformação de um eu-prazer em um eu-realidade ocorresse no momento em que a criança atingisse um “completo desligamento psíquico dos pais” (p. 239). É importante destacar que, para Lacan (1956-57/1995), o princípio de prazer e o de realidade não são destacáveis um do outro, já que se implicam e se incluem numa relação dialética. Isso porque a leitura lacaniana ratifica a relevância dada à realidade psíquica como efetiva. Nesse sentido, esses dois princípios não poderiam ser abordados de modo separado, nem mesmo oposto, pois um princípio é constitutivo da posição do outro princípio (Lacan, 1957-58/1999, p. 222).

Há um paralelo feito por Freud (1917a/1996) entre a fantasia e o estabelecimento de reservas naturais preservadas da intervenção dos processos civilizatórios (agricultura,

---

<sup>6</sup> “Princípio de prazer-desprazer (*lust-unlust*) ou, mais sucintamente, princípio de prazer” (Freud, 1911/1996, p. 238).

indústria, comunicação) para exemplificar o modo como a fantasia é uma das atividades do pensamento que permanece apartada do princípio de realidade. Esse paralelo está presente no texto em que trabalha “Os caminhos da formação dos sintomas” (1917a), onde faz elaborações importantes sobre a fantasia. Nesse texto, Freud demonstra como, nas reservas naturais, há a preservação do estado original, inclusive do que é inútil e nocivo. A fantasia seria essa reserva e, quanto mais a realidade “aconselha modéstia e contenção” (p. 374), mais exuberantes e floridos se tornam os devaneios, que são sua expressão consciente. Nesse cenário, a fantasia seria responsável por inibir ideias desprazerosas para que não sejam notadas pela consciência.

Mais tarde em seu percurso, Freud (1920/1996) reconhece um “mais-além do princípio de prazer” que consiste em considerar que há situações em que o acúmulo de prazer traz uma satisfação paradoxal que leva os sujeitos a repeti-las. Há um “prazer que não pode ser sentido como tal” (p. 21), o que Lacan nomeou como gozo, conferindo-lhe um estatuto conceitual importante em seu ensino. A descoberta desse mais-além permite entrever que a fantasia tenta transformar esse excesso pulsional, que é o gozo, em prazer, na medida em que se constitui como um tipo de satisfação possível. É o que Miller (1997) sintetiza, dizendo que a fantasia é como uma máquina de transformar gozo em prazer.

Nessa perspectiva, a fantasia propicia uma perda da realidade na neurose que pode tomar a forma de um afastamento ou, nos casos mais graves, de uma “fuga da vida real” (Freud, 1924/1996). A neurose busca substituir a ideia desagradável por outra que esteja mais próxima dos desejos dos sujeitos e o “mundo da fantasia”, com seu caráter de reserva, “de um domínio que ficou separado do mundo externo real” (p. 208), é o terreno de onde a neurose tira material para se fixar.

Diferentemente da psicose que repudia a realidade, a neurose apenas a ignora. Seu mecanismo é o de tentar evitar determinado fragmento da realidade e se proteger dele. Freud (1924/1996) considera que tal fragmento está associado a alguma exigência de satisfação que precisou ser recalçada, como acontece no caso clínico em que uma jovem apaixonada pelo cunhado sucumbe aos sintomas histéricos a partir do momento em que, no leito de morte da irmã, pensa que ele estaria livre para casar-se com ela (trata-se do caso Elisabeth Von R., trabalhado nos *Estudos sobre Histeria* [1895/1996]). Nesse caso, toda sua sintomatologia neurótica, manifesta em fortes dores nas pernas, visa a tentar resolver o conflito, deixando-a reclusa e longe do cunhado. Freud (1924/1996) indica que, se fosse um caso de psicose, a

morte da irmã teria sido o elemento rejeitado.

A partir do percurso feito até o momento, fica claro como a fantasia se mantém como algo em desacordo com a realidade material – tal como os *próton pseudos* trabalhados anteriormente –, embora porte uma verdade relacionada ao desejo. Em síntese, as fantasias seriam fachadas psíquicas, impregnadas de desejo, construídas das coisas que são ouvidas em idade precoce e obstruem o caminho das lembranças, como ficções inconscientes não sujeitas à defesa. Elas apartam o sujeito da realidade, ao mesmo tempo em que lhe possibilitam não estar completamente desligado dela, pois lhe permitem suportá-la melhor. E, nesse sentido, há uma correspondência entre a fantasia e a realidade psíquica.

Considerando esse ponto de vista, há um elemento teórico-clínico que merece ser enfatizado e que surge como questão fundamental para o prosseguimento da presente investigação: por que o neurótico precisa tanto da fantasia? Ou, ainda, que ideias traumáticas seriam essas, carregadas de desprazer e das quais o neurótico se defende?

### *1.3 Defesa contra o trauma*

Em sua teorização acerca das neuroses, é importante considerar o modo como Freud, pouco a pouco, tratou das relações entre o trauma e a fantasia. Esse parece ser o núcleo essencial da maneira como ele concebeu a questão do funcionamento da causalidade em jogo nas neuroses. E, ao tomar o trauma como causa da neurose, as fantasias seriam uma espécie de proteção à cena traumática, falseando-a (Freud, 1897/1996). A fantasia seria uma elaboração da experiência traumática, o que aponta Miller (2013) em sua leitura do *Seminário 6* de Lacan, lembrando que o trauma é precisamente aquele ponto de pânico do sujeito frente à opacidade do Outro – ao qual o sujeito está submetido, como se aprofundará mais adiante.

Destacou-se, anteriormente, o abandono da teoria de que a neurose seria causada pela sedução de um adulto. Pode-se pensar que nessa teoria a opacidade do Outro era levada às últimas consequências, pois atrelava-se essa dimensão enigmática sobre o desejo do Outro a uma intervenção feita por ele no corpo do sujeito.

Mesmo ao reconhecer a fantasia por trás dessa sedução, percebe-se que Freud não deixou de relacionar o adoecimento neurótico a uma experiência traumática. A “descrença”

em sua histórica (Freud, 1897/1996) não parece ter produzido a substituição do trauma pela fantasia, conforme se poderia inadvertidamente pensar. Ao contrário, o que se verifica é que o reconhecimento da fantasia amplia o próprio estatuto conceitual do trauma que, se antes estava restrito ao acontecimento e à dificuldade subjetiva em simbolizá-lo, passa a incluir tanto a reação ao que foi vivido factualmente, quanto ao que se experimenta psiquicamente.

Antes de 1897, a teoria da sedução era tomada como equivalente à teoria do trauma. A “descrença” em sua histórica promove uma virada tanto clínica quanto conceitual, na medida em que revela uma disjunção entre a sedução e o trauma. Essa mudança permite a Freud, inclusive, não se abster de sustentar a íntima conexão do trauma com a maneira pela qual o sujeito neurótico reage às experiências sexuais infantis, já que a referida disjunção também possibilita ampliar a definição do sexual, não mais restrito à relação genital entre duas pessoas ou mesmo ao aparelho sexual humano (Freud, 1898/1996, p. 266).

Freud (1906/1996) acredita que o abandono da teoria da sedução fez “cair por terra a ênfase exagerada nas influências *acidentais* sobre a sexualidade” (p. 261), importando para a psicanálise não as excitações sexuais vividas (espontâneas ou provocadas), mas sim a maneira como o sujeito reage a essas experiências que são inerentes à própria vivência da sexualidade. Ou seja, um fato por si só não é suficiente para definir o trauma, já que um evento pode ter sido traumático para um sujeito e não para outro. É preciso que se considere a reação daquele sujeito ao fato e isso é o ponto decisivo com o qual trabalha a psicanálise. Essa recomendação é de extrema relevância, inclusive para que se compreenda porque a fantasia se constitui como uma proteção ao trauma.

### 1.3.1 O trauma é sexual

O sexual presente nas fantasias descritas por seus pacientes possibilitou a Freud (1905/1996) analisá-lo não mais como acidente, induzido por um adulto, e sim como fator fundamental presente no psiquismo, o que as pesquisas sobre a existência de sexualidade na infância ratificavam. Nos “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996), fica claro como os “sintomas são a atividade sexual dos doentes” (p. 155), por extraírem sua força da fonte dos impulsos sexuais que precisariam ser recalçados<sup>7</sup>. Ademais, verifica-se que “todos

---

<sup>7</sup> Recalque, *Verdrängung*, de acordo com o dicionário de Luiz Hanns (1996) tem sua significação genérica como

os processos afetivos mais intensos, inclusive as excitações assustadoras, propagam-se para a sexualidade” (p. 192), mesmo quando se trata de dor.

A questão sobre a origem da sexualidade acompanha Freud (1905/1996), que tenta indicar três fontes desencadeadoras dos estímulos sexuais. A primeira fonte seria localizada em processos orgânicos que acabariam por ser excitadores; a segunda estaria na estimulação das zonas erógenas e a terceira nas pulsões. Essas fontes localizadas no texto de 1905 se aproximam do que, vinte e cinco anos mais tarde, Freud nomeia como principais fontes de sofrimento dos neuróticos: o corpo próprio, o mundo externo e a relação entre os homens (1930/1996).

Vê-se que o encontro com o sexual não ocorre de modo instintivo, tampouco natural. As pulsões – conceito limítrofe entre o psíquico e o somático – representam “todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental” (Freud, 1920/1996, p. 45), pressionando-o no sentido da descarga. Embora se manifestem no interior do corpo, são experimentadas pelo sujeito com certa exterioridade, já que se apresentam como uma força constante da qual não há como fugir (Freud, 1915/1996, p. 125)<sup>8</sup>.

Inicialmente, Freud pensava em um dualismo entre as pulsões de autoconservação, a serviço do eu, e as pulsões sexuais. Tal dualismo não se mantém e, depois de “muito hesitar e vacilar”, Freud (1938/1996, p. 161) indica duas classes de pulsões: Eros e pulsão de morte. A primeira possui a finalidade de união e preservação e a última refere-se a uma tendência silenciosa à destruição e ao retorno ao inorgânico. O próprio Freud, no entanto, localiza que ambas as classes de pulsões são “tendências inerentes à substância viva no sentido da restauração a um estado anterior de coisas” (Freud, 1923/1996, p. 274). Esse modo de pensar considera que tanto Eros quanto a pulsão de morte estariam “operando e trabalhando um contra o outro desde a primeira origem da vida” (p. 274).

A pulsão tem estatuto de conceito fundamental da psicanálise na leitura de Lacan

---

“empurrar para o lado”, “desalojar”. Dá a conotação de “sufoco” e “incômodo”, levando o sujeito a desalojar o material que o incomoda. A principal ideia germânica do termo é a de afastar um incômodo. Apesar de ter sido afastado, o material permanece junto ao sujeito, pressionando pelo retorno e exigindo mobilização de esforço para mantê-lo longe. Esta foi a acepção utilizada por Freud que deu ao termo – retirado da filosofia – estatuto de conceito metapsicológico.

<sup>8</sup> A essência da pulsão é sua pressão (*Drang*), que é o impulso propiciado pela quantidade de força e de exigência de trabalho que ela representa. Sua finalidade (*Ziel*) é obter satisfação, que se dá pela eliminação de estimulação da fonte (*Quelle*) – processo somático que ocorre no corpo. O objeto (*Objekt*) é o que há de mais variável na pulsão e se refere àquilo através do qual ela pode atingir sua finalidade de satisfação (Freud, 1915/1996, p. 127).

(1964/1998), que esclarece esse paradoxo apontado por Freud. A pulsão é definida como demanda de satisfação, que insiste como demanda já que a satisfação é sempre impossível. Essa característica deve-se ao fato de que a pulsão não se esgota nunca com o objeto, que é sempre um substituto – o que se vê na afirmação freudiana (1905/1996) de que “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 210), por estar em busca do objeto perdido das primeiras experiências de satisfação. O trajeto pulsional cria no objeto uma situação em que ele se exprime como oco, buraco, furo. Ele comporta uma perda que faz com que Lacan (1964/1998) questione a dualidade entre Eros e pulsão de morte em seu *Seminário II* (p. 243), no qual considera que toda pulsão é de morte, ou seja, a pulsão de morte é a pulsão por excelência. Nesse sentido, as pulsões sexuais estariam para as pulsões de morte tal como o princípio de realidade para o princípio do prazer, como conclui Coelho (2013). Em outras palavras, as pulsões sexuais adiam, inibem e contornam o objetivo da pulsão de morte e, por isso, não são duais e nem mesmo opostas.

A noção de pulsão evoca sua força perturbadora, já que ela é insaciável, incontrolável, indestrutível, ineliminável, indizível e, ao mesmo tempo, desconforme com os objetivos civilizatórios. O caso do “Pequeno Hans” (1909/1996) é paradigmático desse aspecto por demonstrar o caráter desconcertante das excitações sexuais experimentadas no corpo dessa criança de quatro anos levada até Freud pelo pai, inicialmente como exemplo da teoria e, posteriormente, como caso clínico em função de seus sintomas fóbicos. Trata-se da demonstração de como a relação com o corpo é vivida como algo exterior e fora da representação psíquica. É o que demonstra a grande preocupação de Hans com seu *faz-pipi*, quando constata que está atarrachado no mesmo lugar: “ele está preso no mesmo lugar, é claro” (p. 38). Em seu *Seminário II*, Lacan (1964/1998) indica que a introdução da sexualidade é traumatizante e, ao mesmo tempo, tem uma “função organizadora para o desenvolvimento” (p. 65). Isso porque o encontro com o sexual é sempre “um mau encontro” (p. 65), já que, pela falta de proporção entre os sexos, deixa entrever a castração – que Freud (1938/1996) indicou como o maior trauma vivido pelo ser humano e que a passagem do caso Hans expressa.

Lacan (1980) considera que esse trauma se refere ao mal-entendido fundamental presente na linguagem: “trauma, não há outro: o homem nasce mal-entendido”; dois seres falantes não se entendem. Diante do trauma, é preciso inventar alguns truques para lidar com esse buraco (*trou*) do trauma, como se vê no neologismo “*troumatisme*” criado por Lacan

(1974) para designar o fato de que cada um inventa um truque para preencher esse buraco vazio e traumático que é o real<sup>9</sup>, nome da falta de proporção sexual. E é sob esse aspecto de truque que a fantasia mantém seu lugar na neurose. Com “embelezamento” e “falseamento” dos fatos (Freud, 1897/1996, p. 296), a fantasia constitui uma proteção ao excesso libidinal produzido pelo trauma por favorecer alguma satisfação, ainda que imaginária. É como se a fantasia tentasse dissipar esse mal-entendido fundamental que a pulsão mantém vivo.

Ao tentar se defender da castração, o neurótico tenta se ver livre da pulsão pois, como localizado anteriormente, o que ela revela é um vazio central. Nesse sentido, há um conflito subjetivo presente no modo como o sujeito vive a pulsão, o que faz com que tente abafá-la através da tela imaginária que a fantasia propicia, construindo um mundo fictício em que é possível aos sujeitos domarem e controlarem suas pulsões.

Dado o caráter traumático presente no encontro com a sexualidade e a busca neurótica de fugir da exigência pulsional, Freud (1915/1996) detectou quatro destinos diferentes que as pulsões podem sofrer nesse processo: 1) a reversão a seu oposto, que afeta a finalidade da pulsão (de ativa à passiva, por exemplo, de olhar para ser olhado) ou seu conteúdo (de amor para ódio); 2) o retorno em direção ao próprio eu, com uma mudança no objeto (“o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio eu”, [p.132]); 3) a sublimação, possibilidade de deslocamento do objetivo para fins socialmente aceitos, sem restrição da intensidade (Freud, 1908b/1996); e 4) o recalque, que seria a separação entre a ideia e o afeto que a acompanha, deixando a ideia afastada da consciência. Freud (1915/1996, p. 153) distingue um recalque originário (*Urverdrängung*) do recalque propriamente dito, indicando que o primeiro consiste em negar a entrada no consciente do representante psíquico (ideacional) da pulsão e o segundo numa “pressão posterior” (*Nachdängen*) que mantém à distância da consciência tudo o que possa se associar ao que fora inicialmente recalcado.

O recalque originário não é um conteúdo que não pode ser dito, conforme esclarece Miller (1997). O que essa noção indica é que haverá sempre mais um significante que pode advir, ou seja, sempre haverá mais um recalque e, nesse sentido, ele remete ao próprio vazio da representação. Seria o próprio buraco (*trou*) do trauma, como o “*troumatisme*” de Lacan (1974) sintetiza. Vê-se como a fantasia em sua vertente fundamental (e não imaginária, como

---

<sup>9</sup> Estar inscrito em um mundo de linguagem, servindo-se dos significantes para se fazer representar por eles, não é suficiente para recobrir o impossível de ser dito – o real. Este escapa ao sentido, só restando ao sujeito elucubrã-lo, o que faz o inconsciente e até mesmo a própria linguagem (Lacan, 1972-73/1895).

veremos a diante) corresponde ao recalque originário, já que, por se referir à falta de representação, “nunca poderia vir à luz no recalcado” (Miller, 1997, p. 105) e, por isso, não pode ser interpretada (e sim construída). Esse ponto será melhor desenvolvido adiante, o que não impossibilita que se indique com Jesús Santiago (2011a) que a fantasia é “um nome dos limites do simbólico”.

O neurótico estaria sempre tentando fugir da pulsão e ela estaria sempre insistindo em demandar satisfação (daí Lacan tê-la nomeado de demanda). Para Freud (1920/1996), o que produz os traumas são poderosas excitações que conseguem atravessar o escudo protetor do princípio de prazer, rompendo-o e inundando o aparelho psíquico com grandes quantidades de estímulos. Nesse sentido, tendo em vista o excesso libidinal que se depreende da experiência com a pulsão, esta pode ser vista como traumática, o que aponta um dos motivos pelo qual o trauma é sempre sexual em Freud. Fica nítido também o caráter protetor da fantasia em relação ao trauma e sua função de máquina de transformar esse excesso em prazer, viabilizando uma economia libidinal satisfatória para o sujeito (Miller, 1997).

#### *1.4 Efeito da neurose*

O fato de uma pessoa levar muito a sério as suas fantasias pode ser equivocadamente atribuído como *a causa* de seu adoecimento psíquico. O próprio Freud (1908a/1996) chegou a considerar que a intensidade das fantasias deixaria aberto o caminho para o desencadeamento da neurose, o que pode ser questionado com seu desenvolvimento posterior que indica a fantasia como um mecanismo da neurose e não como seu desencadeador (cf. Freud, 1919/1996). Nos textos de 1908, há elementos que favorecem essa ideia, que tem seus pilares na constatação de que os sintomas seriam provocados pela fantasia.

Freud (1908a/1996) chega a afirmar que “quando as fantasias se tornam exageradamente profundas e poderosas, estão assentes as condições para o desencadeamento da neurose ou da psicose” (p. 139). Afirma também, em “*Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade*”, que “as fantasias inconscientes são os precursores psíquicos imediatos de toda uma série de sintomas histéricos” (Freud, 1908b/1996, p. 151). Ainda, ao trabalhar com a ideia de uma bissexualidade constitutiva, indica que os sintomas são “a expressão, por um

lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina” (Freud, 1908b/1996, p. 153). O exemplo paradigmático dessa ideia é o caso da mulher que pressiona o vestido contra o corpo com uma das mãos, numa expressão feminina, e tenta arrancá-lo com a outra, numa iniciativa masculina (Freud, 1908b/1996).

Essas afirmações retiradas da escrita freudiana levam à observação de uma continuidade entre a fantasia e o sintoma. Freud propõe, inclusive, no referido texto, que o método clínico da psicanálise vai dos sintomas visíveis às fantasias inconscientes ocultas. Lacan (1960/1998) também considera esse aspecto, indicando a fantasia como anterior ao sintoma. No entanto, em sua releitura do tema, Miller (1997) delimita diferenças entre sintoma e fantasia.

Numa perspectiva que leva em conta sua fenomenologia, tal distinção pode ser pensada em alguns exemplos: o sintoma é facilmente mostrado enquanto a fantasia é escondida com apreço; dele se fala com facilidade e dela se silencia; o sintoma está mais próximo do gozo, enquanto a fantasia do princípio de prazer. Considerando sua função clínica, observam-se as seguintes diferenças: o sintoma pode ser interpretado e se articula mais à função significante, enquanto a fantasia precisa ser construída e se refere ao objeto causa de desejo; o sintoma chega na entrada do tratamento atrelado à queixa e é o que faz com que a análise prossiga, e a fantasia é construída e atravessada no final.

Colocar a fantasia no lugar de causa dos sintomas parece ter sido uma impressão ainda incipiente do que foi elaborado posteriormente sobre a função axiomática da fantasia. Quando se toma a questão levando-se em conta o direcionamento do tratamento psicanalítico, percebe-se que a fantasia realmente ocupa uma função central. Essa dimensão originária com que Freud a toma pode ser considerada uma percepção ainda incipiente de uma lógica na fantasia, o que seria elaborado no texto do “*Bate-se numa criança*”, onze anos mais tarde.

Embora os textos de 1908 pareçam produzir uma certa ruptura no pensamento de Freud por confundirem a fantasia com o trauma, eles são de extrema relevância tanto por exemplificarem a dimensão imaginária da fantasia como por apontarem que as fantasias também podem ser fontes de sofrimento. Se as fantasias se constituem como uma resposta ao trauma, dando-lhe um contorno, carregam consigo a força pulsional proveniente do excesso de energia liberado pelo trauma. Nesse sentido, elas retomam seu caráter sexual e podem se tornar escravizantes para o sujeito que só consegue se relacionar com a realidade através da fantasia. É o que se vê nos relatos da vida amorosa, em que alguns sujeitos se tornam

extremamente dependentes de uma fantasia para viver suas experiências sexuais, como se desenvolverá adiante.

### *1.5 Teorias sexuais infantis: matrizes da fantasia*

Desde uma tenra idade, às crianças são muito caros o “reino da fantasia” e a atividade imaginativa. Na brincadeira, que se aproxima do ato de fantasiar dos adultos, criam um mundo próprio, reajustando os elementos da realidade a uma nova forma que lhes agrada e levam isso muito a sério, mobilizando muitas emoções. Assim também fazem os poetas ao criarem em suas obras um mundo vivo de fantasias. Embora se aproximem, o brincar e o poetizar se diferenciam do fantasiar, pois, se nos dois primeiros a energia investida no brinquedo e no mundo imaginário se distingue perfeitamente da realidade, na fantasia essa distinção não é tão clara (Freud, 1908a/1996).

As fantasias infantis são a matriz das fantasias adultas e, por isso, Freud teve grande interesse em reconhecê-las ao estudar a sexualidade infantil e suas manifestações. Ele percebeu que as crianças empreendem grandes pesquisas sobre a sexualidade, edificando teorias e elucubrações a respeito do tema tal como pequenos cientistas (Freud, 1907/1996).

A primeira dessas teorias é “a suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos” (Freud, 1905/1996, p. 184). Trata-se do que Freud (1923/1996) nomeou como primazia do falo, o que o levou à percepção de que a diferença sexual anatômica não é dada *a priori* e, por isso, traz consequências psíquicas para os meninos e para as meninas no Complexo de Castração, como se verá mais adiante.

As crianças também se questionam sobre a origem dos bebês e sobre o coito – ao que constroem suas respostas. Acreditam que os filhos chegam quando se come algo e que nascem através da eliminação das fezes, numa concepção “cloacal”<sup>10</sup> do nascimento (Freud, 1905/1996, p. 184). Elas “interpretam o ato de amor como sendo de violência”, e destacam do casamento o fato de que “os casados urinam um em frente do outro” e que “duas pessoas mostram seus traseiros um ao outro (sem sentir vergonha)” (Freud, 1908c/1996, p. 200). A

---

<sup>10</sup> A cloaca é uma bolsa presente nos anfíbios, répteis, aves e muitos peixes, onde os sistemas digestivo, excretor e reprodutor descarregam seus produtos (Houaiss, 2013).

observação do coito foi nomeada por Freud (1917b/1996) de cena primária, no caso em que trabalha o Homem dos Lobos, e refere-se a uma tendência humana de fantasiar sobre a relação sexual dos pais.

Se a teoria da sedução foi abandonada por Freud (1897/1996), suas elaborações sobre as pesquisas infantis a trazem de volta sob o aspecto de fantasias de sedução. Segundo indica, as crianças fantasiam sobre a ocorrência de um abuso sexual para poderem encobrir o período autoerótico de sua atividade sexual masturbatória. As consequências nas situações fantasiadas e naquelas em que houve o fato estariam próximas: “se ocorreram na realidade, não há o que acrescentar; mas, se não encontram apoio na realidade, são agregados a partir de determinados indícios e suplementados pela fantasia. O resultado é o mesmo...” (Freud, 1917a/1996, p. 372). Essa fantasia não deixa de ser uma das apresentações do Complexo de Édipo – tema que se desenvolve a seguir.

Verifica-se que há, na temática das investigações infantis, um caráter universal: a ameaça de ser castrado, a observação do coito dos pais e a sedução por um adulto. Inicialmente, Freud faz uma leitura de que essas teorias infantis seriam “fantasias primitivas” com bases filogenéticas relacionadas a experiências ancestrais: o que hoje são fantasias teriam sido uma ocorrência real nos tempos primitivos da família humana. Nessas “fantasias primitivas” (1917a/1996, p. 373), as crianças preenchem “os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica” (p. 373). Nota-se que, em 1919, ele trabalha a vertente universal do tema das fantasias de uma maneira diferente, o que lhe permite, inclusive, elaborar melhor a noção de construção da fantasia, como se desenvolve posteriormente neste trabalho. Não obstante, é importante destacar como Freud (1917a/1996) já se dá conta da insuficiência do significante para dizer toda a fantasia. Percebe-se que esses “claros da verdade individual” (p. 373) são a própria fantasia fundamental – a ser aprofundada mais adiante – em sua dimensão de resíduo, resultado da decantação da selva das fantasias. Esse desenvolvimento está em consonância com a elaboração de Jacques-Alain Miller (1997) que indica uma correspondência da fantasia fundamental ao recalque originário, como se apontou anteriormente.

Feitas de fantasias imaginárias, as teorias infantis possuem, para as crianças, a função de mantê-las alheias à castração materna e, embora deixem resquícios na vida adulta, são anteriores ao Complexo de Castração. Freud (1905/1996) acredita que é a mãe quem ensina o filho a amar, por ser “o primeiro sedutor” (1938/1996, p. 202) da criança, investindo seu

corpo de cuidados e libidinizando-o. É com quem se estabelece uma relação que será o protótipo de todas as posteriores. Afirma Freud (1938/1996): “não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 210), em busca desse objeto perdido das primeiras experiências de satisfação. Lacan (1956-57/1995) se detém nessa frase de Freud, desenvolvendo-a em termos da inexistência de uma cooptação entre o sujeito e o objeto para a psicanálise:

Freud insiste no seguinte: que toda maneira, para o homem, de encontrar o objeto é, e não passa disso, a continuação de uma tendência onde se trata de um objeto perdido, de um objeto a se reencontrar... É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se o procura (p. 13).

Percebe-se que a leitura lacaniana aponta para a inexistência de uma relação sujeito-objeto, o que é fundamental na teorização sobre a fantasia, já que ela consiste em um modo de se relacionar com o objeto. Lacan (1956-57/1995) considera que não existe relação mãe-bebê, pois é preciso considerar entre eles o falo, significante do desejo.

O conceito de falo, que já se verifica rudimentarmente em Freud (1923/1996), provém da Antiguidade grega. Lacan (1957-58/1998) indica que o *phallos* nomeado pelos gregos de modo algum é tratado como idêntico ao órgão do corpo. O uso mais predominante dessa palavra, diz, “é seu emprego a propósito de um simulacro, de uma insígnia, seja qual for a maneira como ele se apresente” (Lacan, 1957-58/1998, p. 359). Seja como “um bastão em cujo cimo ficam pendurados os órgãos viris”, como “iniciação do órgão viril”, “pedaço de madeira, pedaço de couro” ou “outras variedades em que ele se apresenta”, o *phallos* seria um substituto com caráter de “consolo” (p. 359). Há uma extensa teorização em Lacan desse conceito até chegar à sua definição final do falo como resíduo verificador do real (Lacan, 1975/2007). Por ora, recorre-se à seguinte constatação: “E de saída, porque falar de falo e não de pênis? É que não se trata de uma forma ou de uma imagem ou de uma fantasia, mas de um significante, o significante do desejo” (Lacan, 1958/1998, p. 696).

Embora não o situe explicitamente em termos do falo, o Complexo de Édipo trabalhado por Freud, a partir do que “a lenda grega traduziu do mundo da fantasia de uma criança para a suposta realidade” (Freud, 1938/1996, p. 203), expressa essa dimensão ressaltada por Lacan. É importante compreender o modo como Freud (1919/1996) concebia esse “complexo nuclear das neuroses” pela articulação que atribui entre ele e a fantasia. Mais

adiante se enfatizará a conclusão freudiana de que a fantasia seria uma cicatriz do Édipo (Freud, 1919/1996). Em 1925, ao discorrer sobre as fantasias de sedução, Freud as considera como uma manifestação do Édipo: “eu tinha de fato tropeçado pela primeira vez no complexo de Édipo, que depois iria assumir importância tão esmagadora, mas que eu ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia” (p. 40).

Lacan (1957-58/1999) sintetiza esse complexo em três tempos lógicos que promovem uma transformação da criança “assujeitada” em um “sujeito” que, por consentir com sua divisão, pode fazer parte do mundo como desejante. Esses tempos não são cronológicos, embora se desenrolem em uma sucessão.

O primeiro instante do Édipo refere-se a uma identificação especular do sujeito com o objeto do desejo da mãe, ou seja, com o falo imaginário. Miller (1999) indica que essa identificação fálica na relação com a mãe tem a simpatia de Lacan por ser o tempo em que, no fundo, o sujeito tem o que quer e, nesse sentido, é um período bastante enriquecedor.

O segundo tempo é o do “pai potente” e privador (Lacan, 1957-58/1999, p. 200), aquele que interdita e “priva a mãe, dizendo: 'acabou'” (Miller, 1999, p. 50). A privação de que se trata é a da mãe, e não a da criança. Uma interpretação que considera o contrário acaba por atribuir as devastações do Complexo de Édipo à onipotência paterna, o que não permite compreender o que se passa após esse momento e leva a equívocos na condução de um tratamento psicanalítico (Lacan, 1957-58/1999). Miller (1999) ressalta que esse momento não é tão rico em potencialidades, mas é fundamental para que o terceiro tempo se institua: “a criança é desalojada, para seu bem, da posição ideal na qual ela e a mãe poderiam satisfazer-se e, graças a isso, o terceiro tempo, fecundo, se estabelece” (p. 51).

O terceiro refere-se ao momento da *promessa* de se obter o que se quer no futuro. O pai privador do segundo tempo era aquele que intervinha com um “não”, privando a mãe. No terceiro momento, o pai é aquele que pode dar à mãe o que ela deseja, porque o possui: é o pai que tem e que dá o falo. Lacan (1957-58/1999) coloca ênfase nesse pai (e não no outro), e este foi seu ponto de virada em relação a outros leitores de Freud. A diferença no desfecho do Édipo para as meninas e para os meninos também é apontada por Lacan. Enquanto os meninos se identificam com o pai e com seu título de “direito à virilidade” (p. 202), as meninas sabem que devem buscar o falo do lado do pai, indo em direção àquele que o tem<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Lacan (1957-58/1998) aponta que na homossexualidade masculina há “um acidente no segundo tempo do

O caminho da menina em relação ao Édipo é diferente daquele do menino, pois os efeitos do Complexo de Castração para ela são de entrada e não de saída. Como indica Freud (1938/1996): “nos indivíduos do sexo masculino, como vimos, a ameaça de castração dá fim ao complexo de Édipo; nas mulheres, descobrimos que, ao contrário, é a falta de um pênis que as impele ao seu complexo de Édipo” (p. 207). Essa ideia de Freud se verifica nas elaborações de Lacan (1956-57/1995) sobre a simbólica do dom, nas quais ressalta que o falo não tem o mesmo valor para aquele que o possui realmente (criança masculina) e aquele que não o tem (criança feminina). A criança feminina se introduz na simbólica do dom pelo menos. Nessa perspectiva, por falicizar essa situação e acreditar que pode vir a ter, entra no Complexo de Édipo. A masculina entra com o mais e é pelo Édipo que sai: “No fim do Complexo de Édipo, no momento em que realiza num certo plano a simbólica do dom, é preciso que ele faça dom daquilo que tem” (Lacan, 1956-57/1995, p. 125). E, para Lacan, no interior dessa simbólica do dom várias coisas podem entrar como troca, como equivalentes do falo, especialmente os objetos pré-genitais que se prestam mais facilmente a representações verbais: “a criança pode dizer a si mesma mais facilmente que aquilo que o pai dá à mãe na ocasião é sua urina, porque, da sua urina, ele conhece muito bem o uso, a função e a existência como objeto” (Lacan, 1956-57/1995, p. 125).

Em um primeiro momento, a menina acredita que todos tem o falo, inclusive ela e a mãe. No entanto, diante da visão do órgão genital, ela “faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela viu, sabe que não tem e quer tê-lo” (Freud, 1925a/1996, p. 281). Inicialmente, a diferença sexual é tratada como um infortúnio individual e leva-se um tempo para se generalizá-la às mulheres, em especial, à mãe. Sentimento de inferioridade, ciúme e afrouxamento da relação afetuosa da menina com a mãe são consequências que podem advir dessa *penisneid* – “demanda de pênis” (Santiago, 2013). E é por essa demanda que ela entra no

---

Édipo”, o que Miller (1999) explica afirmando que “a homossexualidade masculina aparece relacionada a uma disfunção do segundo tempo, no qual, por falta do pai, não se realiza a separação da criança e da mãe, a dissolução da captura imaginária do falo como objeto de desejo da mãe” (p. 53). Miller (1999) considera que essa disfunção é proveniente de uma inversão da Metáfora Paterna, o que lê em Lacan quando ele diz que a mãe é no casal o mais forte ou aquela de quem o pai é completamente dependente por amar demais. No texto em que trabalha a “Atualidade clínica da homossexualidade masculina: solução ou escolha de objeto”, Santiago (2007) aponta para uma correlação clínica da homossexualidade à *père-version*, noção que Lacan traz para indicar “o fim do privilégio do Nome-do-Pai concebido como encarnação da função da lei” (Santiago, 2007). O pai é, então, pensado como um instrumento, uma ferramenta útil, o que o homossexual evidencia. Isto está em consonância com as elaborações mais recentes de Jacques-Alain Miller (2013), em que este tem demonstrado, a partir do *Seminário 6* de Lacan, que o fracasso do pai é generalizável na neurose, o que fez Lacan afirmar que não há Outro do Outro (Lacan, 1958-59/2013).

Édipo, buscando tomar o pai como objeto de amor, ou seja, é no reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos e, especialmente, da castração materna, que a menina se afasta de sua posição masculina em direção a “novas linhas que a conduzem ao desenvolvimento da feminilidade” (Freud, 1925a/1996, p. 284).

Lacan (1957-58/1999, p. 288) indica que a *penisneid* apresenta-se, com efeito, sob três modalidades diferentes desde a entrada até a saída do Édipo. A primeira delas está relacionada a uma fantasia: o anseio de que o clitóris seja o pênis. A segunda refere-se à intervenção da *penisneid* no momento em que o desejado é o pênis do pai: “o sujeito se apega à realidade do pênis lá onde ele está e vê onde ir buscar-lhe a posse. Mas ele é frustrado nisso tanto pela proibição edipiana, quanto em razão da impossibilidade fisiológica” (p. 288). A outra modalidade vem da fantasia de ter um filho do pai, ou seja, de possuir o pênis de uma maneira simbólica.

Por ser secundário ao Complexo de Castração, há uma maior persistência do Édipo nas meninas. No artigo de 1931, Freud indica que o desenvolvimento da sexualidade feminina tem duas tarefas: abandonar o clitóris em favor da vagina e trocar de objeto amoroso da mãe para o pai. O primeiro deslocamento refere-se ao comportamento da menina com o seu clitóris como um homenzinho, esperando que ele cresça e o estimulando como se fosse um pênis. O deslocamento da zona erógena em questão para a vagina refere-se ao consentimento com a diferença sexual anatômica. Também o movimento de a menina se afastar da mãe constitui um passo extremamente importante em seu desenvolvimento. A ligação que a garota estabelecerá com o pai tem sua intensidade herdada da relação que estabeleceu com a mãe, daí o momento pré-edípico ser tão importante<sup>12</sup>. Afastar-se da mãe é um passo que vem acompanhado de hostilidade e pode terminar em ódio para com a mesma, o que leva Freud a se questionar sobre o motivo pelo qual a menina desloca seu objeto de amor para o pai e o menino não. Na *Conferência XXXIII*, trabalha esse assunto, chegando à conclusão de que a resposta para tal questão reside no fato de as meninas responsabilizarem as mães pela falta de pênis, não as perdoando por terem sido “colocadas em desvantagem” (Freud, 1933/1996, p. 126).

---

<sup>12</sup> Diz Freud (1933/1996): “a fase de ligação afetuosa pré-edipiana é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem; a ligação edipiana deste a sua mãe transfigura a atração da mulher em paixão” (p. 132).

Lacan (1957-58/1999) destaca essa formulação de Freud em seu *Seminário 5*, indicando que “é na decepção que Freud vê a mola da entrada da menina em sua posição feminina”(p. 287). Ao considerar que a mãe lhe colocou “em desvantagem”, a garota vai tentar ter acesso a isso que lhe falta, situando-o no pai. Para Freud (1933/1996), a descoberta da castração representa um marco decisivo no comportamento da menina, culminando em um dos três caminhos possíveis para ela: 1) inibição sexual ou neurose; 2) complexo de masculinidade, com identificação à mãe fálica ou ao pai; e 3) feminilidade normal.

A dissolução do Complexo de Édipo na menina demora um tempo maior para acontecer e pode até mesmo não se dar. Vemos a indicação de Freud (1933/1996) de que, em suas escolhas amorosas, as mulheres tendem a procurar o ideal narcísico do homem que gostariam de ter se tornado. E por isso ele considera que o relacionamento “mais perfeito” é o da mãe com seu filho do sexo masculino, em que esta obtém uma “satisfação sem limites” (p. 132). Freud considerava a maternidade como uma saída para o feminino e pode-se questionar, a partir da própria definição que ele dá do feminino como a “priorização de objetivos passivos”, se o exercício da maternidade seria mesmo uma função feminina<sup>13</sup>. Considerando que as mulheres são, muitas vezes, “incapazes de desfazer a conexão entre a atividade sensual e a proibição”, Freud (1912/1996) indica que comumente elas se tornam frígidas quando a atividade sexual “finalmente, lhes é permitida” (p. 192), ou seja, há uma proibitividade na vida erótica das mulheres.

Nos meninos, com a saída do Édipo, as fantasias ganham uma força especial. Na puberdade, “o homem deixará seu pai e sua mãe e se apegará a sua mulher, então se associam afeição e sensualidade” (Freud, 1912/1996, p. 187). O obstáculo erguido contra o incesto compele a libido que estava ligada ao objeto de amor primário a permanecer no inconsciente e, então, “a libido se afasta da realidade e é substituída pela atividade imaginativa” (Freud, 1912/1996, p. 187). Mas, quando as fantasias inconscientes que se formam a partir desse material tornam-se admissíveis à consciência, vemos dificuldades no campo sexual, especialmente para os homens.

Freud (1910-1918/1996) se dedicou ao tema em suas *Contribuições à Psicologia do Amor*. Elas se subdividem em três textos de datas e títulos diferentes, mas que foram agrupados por Freud em um único bloco sob o título que enunciaremos. São elas: *Um tipo*

---

<sup>13</sup> É Lacan quem nos traz esse questionamento, indicando o quanto a maternidade está referida ao falo, sendo, portanto, uma função em que a mulher está colocada do lado masculino.

*especial de escolha de objeto feita pelos homens*, de 1910, *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, de 1912, e *O tabu da virgindade*, de 1918. A questão da fantasia perpassa esses textos, em especial o segundo deles, em que tem maior destaque. No primeiro, Freud (1910c/1996) se dedica a apontar quatro tipos de condições buscadas pelos homens na escolha do objeto amoroso: 1) a de que exista um terceiro prejudicado, como por exemplo, o homem que escolhe uma mulher sobre a qual outro homem reivindicará a posse; 2) a de que a parceira seja do tipo “mulher fácil”, uma *Dirne*, como se diz na língua alemã; 3) o caso de ser uma mulher para superestimar; e 4) uma parceira que precisa ser resgatada, tornando-se dependente dele. Em todas as pré-condições, o protótipo é a relação que o sujeito estabeleceu com a mãe, ou seja, elas seriam suas substitutas e a fantasia estaria a serviço do estabelecimento dessas condições do amor.

No texto em que trabalha o tabu da virgindade, analisando a prática de ruptura do hímen fora do casamento em culturas primitivas, Freud (1918/1996) conclui que há um receio generalizado em torno da mulher, expresso em regras de evitação, tal como o tabu da virgindade, o que o faz considerar que a mulher é, ela própria, um tabu. Diz: “talvez esse receio se baseie no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha e aparentemente hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostra-se ele próprio incapaz” (p. 206). Nesse terceiro texto, são mencionadas as fantasias infantis de negar as relações dos pais, transformando a mãe em uma “virgem ileso”. Freud recorre à tragédia de Hebbel, *Judite e Holofernes*<sup>14</sup>, em que a mulher decapita e castra o homem que a deflorou. Depois de o poeta ter provado a virgindade de sua heroína, sua imaginação recai sobre a reação hostil ao homem que a viola. Freud acredita que em função dessas fantasias que se erguem contra aquele que desvirgina a mulher, pode-se explicar a observação de que o segundo casamento das mulheres, quando existe, costuma ser mais feliz que o primeiro.

---

<sup>14</sup> Freud se referiu a essa tragédia também em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Lacan a retoma no *Seminário 8*, sobre a transferência. Christian Friedrich Hebbel (1813-1863), dramaturgo e poeta alemão, escreveu “Judith: uma tragédia em cinco atos”, que foi encenada pela primeira vez em Berlim no ano de 1840. Ela foi inspirada pela história bíblica em que Judith seduz, embebeda e decapita, enquanto dormia, Holofernes – enviado pelo rei da Babilônia para se vingar dos judeus. Hebbel altera a história bíblica, mostrando uma Judite diferente, dividida entre a salvação universal e sua realização pessoal de viver sua sexualidade e ser mãe. “Disposta a seduzir Holofernes para o matar depois, a Judite de Hebbel cai na própria armadilha e apaixonou-se por ele. Deixa, pois, de ser executora para se tornar também vítima. Consciente da sua sexualidade, passa a noite com Holofernes e, quando depois o mata, não é a alegria da vitória que a assalta, mas sim a culpa e a vergonha” (Monteiro, 2012).

Na segunda *Contribuição*, à qual daremos ênfase por tratar mais especificamente da fantasia, Freud (1912/1996) afirma que no amor do homem civilizado a impotência psíquica se apresenta muito comumente, manifestando-se na incompatibilidade de unir a corrente afetiva e a sensual no mesmo objeto<sup>15</sup>. Segundo ele, a impotência psíquica existe porque a corrente sensual permaneceu forte o bastante para buscar vazão na realidade e, para tanto, essa corrente busca apenas elementos que não rememorem imagens incestuosas. É o que se manifesta na gramática: “quando amam, não desejam. Quando desejam, não amam” (Freud, 1912/1996, p. 190). Ou seja, os homens recorrem a uma medida protetora que supervaloriza o objeto incestuoso e seus representantes e deprecia o objeto sexual, o que fora nomeado como *tendência universal à depreciação na esfera do amor*. Nas mulheres, tal tendência não se apresentaria, tendo em vista que elas não fazem tal supervalorização. Por outro lado, “sua longa contenção de sexualidade e seu anseio de sensualidade em fantasia” (Freud, 1912/1996, p. 192) comumente traz como consequência uma dificuldade de desfazer a conexão entre a atividade sensual e a proibição e, no momento em que tal atividade se torna permitida, a frigidez surge como sintoma. Nesse sentido, Freud (1912/1996) acredita que para as mulheres é a “condição de proibitividade” em sua vida erótica o que se equivaleria à tendência universal à depreciação do lado dos homens. Ele explica essa diferença em função do comportamento frente ao tempo de espera necessário entre a maturação sexual e a atividade sexual. Nessa lógica, as mulheres respeitariam esse tempo, mantendo a proibição em torno dessa atividade, e os homens não, servindo-se da depreciação para obter uma satisfação, como se pela depreciação da mãe (ou de seu substituto), fosse possível tê-la como objeto sensual: “são esforços para transpor a distância entre as duas correntes amorosas, pelo menos em fantasia e, pela depreciação da mãe, adquiri-la como objeto de sensualidade” (Freud, 1912/1996, p. 189).

As *Contribuições* de Freud demonstram como a natureza da pulsão é “desfavorável à realização da satisfação completa” (Freud, 1912/1996, p. 194), pois o objeto final dessa pulsão nunca mais será o objeto original, já que a barreira contra o incesto já foi erigida, fazendo com que o objeto sexual seja apenas um substituto a proporcionar somente uma satisfação parcial, nunca completa. Nessa perspectiva, as fantasias serviriam como um certo

---

<sup>15</sup> Jacques Allain Miller (2010) indica que há um mito freudiano em torno da convergência e divergência dessas duas correntes, com um certo ideal de que elas se encontrassem. Ele acredita que Freud manteve esse ideal para indicar que na verdade a divergência entre o amor e o gozo é que se constitui como regra e, também, para demonstrar que não há sexualidade sem componentes perversos.

tratamento aos embaraços do sujeito frente à exigência pulsional de satisfação. Mas, ao mesmo tempo, comportam um outro tipo de exigência e deixam o sujeito de certo modo escravizado a elas.

Se nas fantasias infantis, “primárias”, a criança se mantém alheia à castração materna e à sua própria, com o Complexo de Castração as fantasias vêm para tentar encobri-la, promovendo, com isso, um certo alheamento da realidade. O Complexo de Édipo, que Freud localiza ter saído das fantasias infantis, estaria a serviço dessa mesma função de uma forma mais elaborada. No próximo capítulo, ver-se-á como, dessa dispersão de fantasias imaginárias, o Édipo promove uma redução a uma fantasia que se constitui como sua cicatriz e que é fundamental na maneira como os neuróticos se relacionam com a realidade.

## Capítulo 2 – Cicatriz do Édipo: a fantasia fundamental

No primeiro capítulo, trabalhou-se a vertente imaginária das fantasias, destacando-as em Freud (1897/1996) como fachadas psíquicas, impregnadas de desejo e construídas das coisas que são ouvidas em idade precoce. São ficções inconscientes que apartam o sujeito da realidade ao mesmo tempo em que lhe possibilitam não estar completamente desligado dela, pois as fantasias possuem realidade psíquica (Freud, 1924/1996). Constituem-se como substitutos da satisfação pulsional e, por isso, mantêm uma íntima conexão com a vida sexual (Freud, 1908a/1996). Com “embelezamento” e “falseamento” dos fatos (Freud, 1897/1996, p.296), promovem uma satisfação que a realidade insatisfatória não propiciaria (Freud, 1908a/1996). Por isso mesmo, permitem ao neurótico suportar a castração – nome desse insuportável que a realidade evoca e sobre o qual as fantasias intervêm como proteção. Ao mesmo tempo, as fantasias podem se tornar fonte de sofrimento por manterem o sujeito escravo das suas exigências, dependendo delas para se relacionar com a realidade (Freud, 1917a/1996).

Depois de tratar a questão do modo como a fantasia aparece na obra de Freud a partir de vários ângulos – como é o caso do *próton pseudos*, da relação da fantasia com o trauma e das teorias sexuais infantis – observa-se que, pouco a pouco, o enfoque da fantasia vai adquirindo uma certa lógica. A vertente imaginária da fantasia se mantém mesmo com todo o desenvolvimento que se segue. No entanto, o que se percebe é que o imaginário vai cedendo lugar à dimensão simbólica subjacente à fantasia. A leitura lacaniana torna possível reconhecer como Freud já se ocupa dessa dimensão simbólica no texto em que trabalha a fantasia de “*Bate-se numa criança*”, escrito em 1919. Há uma passagem de Lacan (1957-58/1998), em seu Seminário sobre “*As Formações do Inconsciente*”, que corrobora essa indicação:

Essa ideia da fantasia como alguma coisa que, sem dúvida alguma, participa da ordem imaginária, mas que, não importa em que ponto se articule, só adquire sua função na economia através de sua função significante, parece-nos essencial, e não foi até hoje formulada dessa maneira (p. 422).

Com o aprimoramento da experiência clínica, Freud (1917a/1996) foi se dando conta de que a eliminação dos sintomas não é suficiente para promover a cura, ou seja, remove-se um sintoma e, rapidamente, outro vem a ocupar o seu lugar. Percebeu que por trás deles

estava a fantasia, sobre a qual recomendava que o foco do analista estivesse.

Embora os sintomas sejam tomados como prejudiciais, causadores de sofrimento e motivos de queixa pela pessoa que procura análise, eles constituem-se como uma nova maneira de satisfação da libido, conciliando duas forças antagônicas que entram em conflito no psiquismo: a libido insatisfeita e a realidade. O sintoma surge como um “como um derivado múltiplas-vezes-distorcido da realização de desejo libidinal inconsciente” (Freud, 1917a/1996, p. 363) e se instala no psiquismo através de uma distorção. Exatamente por isso, ele porta em si mesmo dois sentidos contraditórios: um que se refere à satisfação libidinal e outro que concerne ao recalque.

Por trás dos sintomas, há uma tentativa da libido de contornar o recalque e se descarregar e, para tanto, fixa-se em atividades sexuais infantis ou em objetos abandonados. Isso é o que justifica a observação de Freud (1917a/1996) de que os neuróticos estão sempre ancorados em um período de seu passado em que eram felizes por não precisarem privar a libido de satisfação. Através de sua investigação clínica, Freud (1917a/1996) percebe que essas experiências infantis nas quais a libido está fixada não correspondem nem a experiências verdadeiras, nem a experiências inventadas pelo paciente. São fantasias, mas, possuem efetividade (*Wirklichkeit*).

Vê-se como esses pontos de fixação que são as fantasias possuem estreita conexão com o inconsciente e, por se constituírem como realidade psíquica, vão moldando também a realidade material, já que é a realidade psíquica o que prevalece para o sujeito. Essa noção é de grande relevância para todo o desenvolvimento que Lacan deu à questão da fantasia ao considerar que ela funciona tanto escondendo o real (“*écran au réel*” [tela no real]) quanto permitindo um acesso enquadrado ao real (“*fenêtre sur le réel*” [janela sobre o real]) (cf. Miller, 2011c), ponto que se desenvolverá mais adiante.

### 2.1 Núcleo inconsciente e pontos de fixação

Nas fantasias, é como se fosse possível aos seres humanos continuar a gozar da sensação de serem livres da compulsão externa – liberdade a que renunciaram para viver juntos. Seria uma espécie de reserva natural em que se preserva o estado original, como já

indicamos no capítulo anterior. Desde que a quantidade de investimento na fantasia seja “saudável”, o fantasiar não gera conflito para o eu, ao contrário, permite uma satisfação, pois nele se mantêm, de alguma maneira, as tendências e objetos que a libido teve que abandonar. Ou seja, “a libido necessita apenas retirar-se para as fantasias, a fim de encontrar aberto o caminho que conduz a todas as fixações recalçadas” (Freud, 1917a/1996, p.375). É como se a fantasia pudesse, assim, transformar todo o excesso pulsional vivido como gozo em prazer, como uma máquina de transformar gozo em prazer (Miller, 1997).

Embora gerem prazer ao sujeito, quando o investimento libidinal nas fantasias aumenta, “elas começam a estabelecer exigências e desenvolvem uma pressão no sentido de se tornarem realizadas” (Freud, 1917a/1996, p. 375), o que traz um conflito inevitável entre as fantasias e o eu, que tenta recalá-las. Com isso, a libido movimenta-se para trás, em direção à origem dessas fantasias, fixando-se nesses pontos. O que seria então uma grande fonte de prazer torna-se alvo de um intenso sofrimento, pois o sujeito se vê completamente escravizado a esse modo de funcionamento.

Em seu *Seminário 5*, Lacan (1957-58/1998) procede a uma certa confirmação sobre a fantasia que denota claramente a função traumática que ela pode alcançar: “essas fantasias podem assumir, em alguns sujeitos, uma forma realmente invasiva, absorvente, cativante, capaz de tragar pedaços inteiros de sua vida psíquica, de sua vivência, de suas ocupações mentais” (p. 423). Vê-se que esta é uma definição importantíssima da fantasia que evidencia a lógica como ela opera na vida dos sujeitos, deixando-os escravos dela. E é por essa lógica absorvente da fantasia que ela tem na direção do tratamento uma função tão essencial, como se verá ao longo dessa pesquisa. Tanto é que, nos relatos clínicos e testemunhos de analistas sobre suas experiências analíticas, é possível reconhecer claramente como se faz presente a dimensão traumática da fantasia. No testemunho dado por Jésus Santiago (2013) de sua experiência como analisante, esse ponto está colocado na indicação de que “o engano ardente da fantasia” deixava o sujeito aprisionado em um gozo sacrificial que determinava sua maneira de se colocar no mundo. No relato de Maurício Tarrab (2006), essa dimensão reaparece quando o sujeito se percebe escravizado em um “conto altruísta”, em que o “mel da fantasia se torna repugnante”.

Por levar em consideração os pontos de fixação aos quais o sujeito está aprisionado na fantasia, Freud (1917a/1996) prognostica a arte como uma possibilidade importante do sujeito ser conduzido da fantasia de volta à realidade. Considera que aqueles que não são

artistas estão fadados a obter prazer com os devaneios que podem ter acesso à consciência sem trazer problemas aos sujeitos.

No texto de Freud a que se tem referido, “Os caminhos da formação dos sintomas”, pode ser destacado um primeiro movimento de saída da “selva das fantasias” em direção ao modo de funcionamento da fantasia, considerando-a em uma vertente mais nuclear e inconsciente. Assim, o mecanismo fantasístico que se repetia entre seus casos podia ser explicado através de bases filogenéticas, como fez com as fantasias de observação do ato sexual dos pais, de sedução e de castração.

Embora tenha inicialmente recorrido à história evolutiva das espécies para responder à questão sobre os pontos de fixação repetidos entre seus pacientes, a mesma questão retorna dois anos depois, mas dessa vez sem uma resposta pronta. No esforço de formalização desses elementos clínicos, em 1919 dedica um artigo inteiro a investigar uma fantasia encontrada com grande frequência, a de “*Uma criança é espancada*”. Freud (1919/1996) mantém em aberto a causa pela qual tal fantasia se repete, tentando investigá-la minuciosamente. Para tanto, vai destrinchando-a em fases e buscando compreender a lógica de seu funcionamento a partir do material recolhido de seis casos – quatro mulheres e dois homens.

O contexto que precede esse artigo é o da Primeira Guerra Mundial, que durou quatro anos (1914-1918). Esse foi um período difícil da vida de Freud, pois, como relata Jones (1981), naquele momento três de seus filhos e um sobrinho estavam na guerra. O filho Martin foi prisioneiro dos italianos e, até o final do conflito, não pode mandar notícias à família. A maioria dos colegas de Freud estava no *front* e ele havia permanecido sem pacientes por um longo período, passando por dificuldades financeiras que o deixavam limitado, inclusive, na obtenção de papel para escrever. Nessa época atendia sua filha Anna Freud, que teria sido um dos casos relatados no texto de 1919. Esse texto foi tão importante para ela que escreveu, em 1922, seu primeiro trabalho psicanalítico, intitulado “Fantasias e devaneios diurnos de uma criança espancada” (Roudinesco e Plon, 1998).

O título completo do artigo freudiano é: *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. Nos comentários ao artigo freudiano, embora reconheça que a tradução estrita do alemão seja “uma criança é batida” (Lacan, 1966-67, p. 416), Jacques Lacan (1958-59/2013) utiliza a expressão “*On bat un enfant*” (p. 154), destacando o *on*, partícula apassivadora, para demonstrar a neutralidade do sujeito da frase e indicar a situação de dessubjetivação da fantasia fundamental, em que se

tem um sujeito reduzido ao olhar (Lacan, 1956-57/1995). Na tradução dos Seminários de Lacan, utilizou-se a expressão “Bate-se numa criança”, a qual será adotada neste trabalho por considerar o tom impessoal que essa tradução ressalta.

O texto “Bate-se numa criança” apresenta uma formulação da fantasia que é fundamental para a concepção lógica desse conceito. Acrescenta-se a isso o fato de que nesse texto de 1919, Freud dá tanta relevância a essa fantasia que lhe atribui o caráter de uma “cicatriz do Édipo” (p. 208). É interessante notar que a origem etimológica do termo “cicatriz”, que vem do latim “*cicatrix*” e que significa “corte” (Dicionário Etimológico, 2013). Na definição lexical, o termo designa um tecido fibroso que se forma no processo de cicatrização que substitui os tecidos lesados ou seccionados, deixando uma marca (Houaiss, 2013).

Nesse sentido, a fantasia seria como um tecido de material edípico construído para “substituir” aquele lesado pela castração, restando como marca. Essa cicatriz ganha todo um destaque por Jacques Lacan, que faz uma leitura sistemática do referido texto freudiano. Laurent (2011), inclusive, faz uso do termo “tecido” ao se referir à fantasia, dizendo do “tecido da fantasia” para evidenciar sua dimensão inconsciente.

Ao comentar o “*Bate-se numa criança*” em outro texto, ainda sobre a fantasia, Laurent (2012) deixa nítida a relevância clínica desse artigo de Freud. Além disso, o relato que Laurent apresenta, de que é comum os sujeitos com esse tipo de fantasia procurarem um psicanalista, reforça ainda mais a atualidade do tema. Ele afirma que os analisantes falam dessas fantasias, que têm um traço masoquista, dizendo não compreenderem os motivos pelos quais precisam evocar representações em que são espancados, golpeados ou humilhados a cada vez que “fazem amor”, por exemplo. É comum que esses sujeitos cheguem ao tratamento se perguntando sobre o motivo pelo qual estão tão escravizados a essa fantasia, não conseguindo se ver livres dela. Chegam com uma questão clara sobre esse ponto: “como o sujeito que tem tudo para ser feliz vive acompanhado desse devaneio constante?” (Laurent, 2012, p. 45). Vê-se como essa pergunta toca no que se desenvolveu anteriormente a partir da leitura de Lacan no *Seminário 5*, sobre o caráter invasivo das fantasias, que pode ser indicado nos relatos clínicos de um modo geral.

## 2.2 *Lógica temporal dos resíduos libidinais*

Ao analisar essa fantasia que se repetia entre seus pacientes, Freud (1919/1996) indica

que os relatos referiam-se a uma situação imaginária, quase “invariavelmente” associada a uma satisfação masturbatória realizada nos genitais. A fantasia se inicia voluntariamente pelo prazer que produz, mas passa a ocorrer contra a vontade do paciente, adquirindo um caráter de obsessão. Sua comunicação dá-se apenas com grande hesitação e há mais vergonha e culpa ao falar da fantasia do que das lembranças do início da vida sexual. Embora o paciente não consiga precisar o momento em que surgiu pela primeira vez, é possível inferir que tais fantasias foram nutridas desde muito cedo, “certamente antes da idade escolar e jamais depois do 5º ou 6º ano de vida” (Freud, 1919/1996, p. 195). Elas se constituem como resíduo das primeiras experiências da criança, quando os fatores libidinais são despertados, entre os dois e os quatro anos e meio de idade.

Freud (1919/1996) passa alguns dos parágrafos iniciais do texto tentando demonstrar como a fantasia não corresponde à realidade dos fatos, mesmo que a criança possa tê-la vivenciado na escola: “as fantasias já existiam antes disso”, diz. E, ademais, “os indivíduos dos quais foram obtidos os dados para as análises haviam sido muito raramente espancados na infância, ou não haviam sido, em todo caso, educados com ajuda da vara” (p. 196). A fantasia nasce de causas acidentais e, ao ser retida para satisfação autoerótica, é considerada como “um traço primário de perversão” (p. 197). É certamente o que justifica o subtítulo do artigo, que deixa evidente o interesse de Freud no tocante à implicação de um elemento perverso nas fantasias de um modo geral (cf. Santiago, 2011). Tal elemento, mais tarde, na vida adulta, pode ser submetido ao recalque, transformar-se em sintoma ou ser sublimado. Caso contrário, é encontrado na aberração sexual, no fetichismo ou na inversão (Freud, 1919/1996).

Miller (1997) aponta que esse componente perverso presente na fantasia é contraditório em relação aos valores morais do neurótico, e por isso ele se envergonha de sua fantasia. Ele exemplifica sua constatação lembrando que é comum encontrar em análise mulheres feministas que têm fantasias masoquistas. Como aquelas estão em desacordo com seus ideais, não sabem o que fazer com estas. Do mesmo modo, há homens humanistas que têm fantasias extremamente agressivas e atormentadoras por serem destoantes de sua maneira de conceber a vida (Miller, 1997, p. 102). Tais exemplos permitem compreender a afirmação freudiana de que as fantasias subsistem apartadas do resto do conteúdo da neurose (1919/1996).

Ainda sobre o elemento perverso presente na fantasia, Miller (1997) esclarece que “o

neurótico se defende do gozo através do desejo, enquanto o perverso, pelo contrário, assume o desejo como vontade de gozo”, ele se oferece como instrumento do gozo do Outro. Nesse sentido, é possível ver uma conexão entre o desejo masculino e a perversão, já que o desejo masculino busca “dar instrumento” ao gozo diante da incidência do Outro sobre ele (Miller, 1997, p. 119). Com as mulheres, há uma conexão com a sublimação, que seria “fazer algo com nada” (Miller, 1997, p. 119). Isso mostra que, se do lado masculino prevalece um caráter perverso em seu modo de lidar com o objeto, do lado do feminino, o aspecto do amor é o que se destaca.

Considerando a diferença entre a modalidade de fantasia feminina e a masculina, Freud (1919) opta por privilegiar em seu artigo os casos femininos por ter um material clínico maior. Embora não desenvolva o tema, Miller (1997) indica que é mais fácil obter o relato de fantasias de mulheres que de homens, o que provavelmente teria influenciado seu maior número nessa pesquisa freudiana. Questiona-se se essa maior facilidade das mulheres falarem de suas fantasias deve-se ao fato de que nelas o amor se sobrepõe à componente perversa.

Seguindo em sua investigação sobre o tema da fantasia, Freud (1919/1996) enumera três tempos em que ela se desdobra: 1º) *Meu pai bate em uma criança, que eu odeio*; 2º) *Estou sendo espancada por meu pai*; 3º) *Bate-se numa criança, ou seja, crianças estão sendo espancadas, e, provavelmente, eu estou olhando*.

A primeira fase pertence a um período mais primitivo da infância. Chega na análise como “bate-se numa criança”, mas, ao ser explorada, desdobra-se em uma situação em que o pai bate em uma criança, ao que Freud acrescenta: não uma criança qualquer, mas aquela a quem o sujeito odeia por ter lhe tirado o lugar, como um irmãozinho, por exemplo. Há uma satisfação sádica encontrada na cena, através da ideia de que “ele não o ama, apenas me ama”.

Entre a primeira e a segunda fase há “profundas transformações”, tendo em vista que a pessoa que bate se mantém a mesma, enquanto que a “batida” se desloca para o próprio sujeito. É, portanto, um momento de caráter masoquista, cuja frase se enuncia como “estou sendo espancada por meu pai”. Esta, que é a fase mais significativa, em certo sentido, “jamais teve existência real” (Freud, 1919/1996, p. 201). Nunca é lembrada, pois se trata de uma construção da análise e indica a expressão do sentimento de culpa pelo amor incestuoso. Trata-se de uma fase decisiva para a forma lógica que a fantasia irá tomar na etapa seguinte.

A terceira fase é semelhante à primeira pela indeterminação. A pessoa que bate não é mais o pai e também a criança que fantasia não aparece mais. Apenas seu olhar entra em cena, pois afirma “provavelmente estou olhando” (p. 201). Não é apenas uma criança que está sendo espancada, mas várias. Diferentemente das outras fases, “a fantasia se liga agora a uma forte e inequívoca excitação sexual, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbadora” (Freud, 1919/1996, p. 201). Vê-se que esse caráter sexual é extremamente desconcertante para o sujeito.

Esses três tempos, que podemos formalizar segundo o quadro abaixo, já fornecem um indício do quanto, nesse texto, o enfoque de Freud da fantasia envolve uma dimensão lógica.

Quadro 1 – “Bate-se numa criança”

Primeira fantasia	<i>“Meu pai bate em uma criança, que eu odeio”.</i>	<i>“Ele não o ama, apenas me ama”.</i>
Segunda fantasia	<i>“Estou sendo espancada por meu pai”.</i>	<i>“Eu o amo”.</i>
Terceira fantasia	<i>“Bate-se numa criança”.</i>	<i>“Crianças estão sendo espancadas, e, provavelmente, eu estou olhando”.</i>

Fonte: elaboração própria.

É importante assinalar o quanto esse processo lógico que se vê em Freud está determinado por uma dimensão edípica. É o que está colocado no próprio surgimento da fantasia, pois, quando a análise leva o paciente a esse ponto, demonstra que, nessa época, a criança estava bastante envolvida e agitada por seu complexo parental. Na leitura lacaniana desses tempos lógicos, é possível localizar mais claramente que o Édipo se encontra no segundo momento da fantasia, como se verá adiante. Isso fornece indicações para pensar que em Lacan a fantasia está além do Édipo (Miller, 2013), já que, em seu terceiro tempo, a fantasia o supera, como está explícito na forma dessubjetivada que ela assume. Cabe lembrar que, nessa forma, o pai não aparece mais.

O pai tem função decisiva nesse desenvolvimento de Freud (1919/1996), o que faz com que ele, inclusive, destaque o fato de que as fantasias não dizem respeito à relação da criança com a mãe. Mais adiante, se indica o enfoque dado por Lacan ao “chicote” do pai, responsável por delimitar a submissão do sujeito a um mundo de linguagem, para além de sua relação com a mãe. Sobre isso, Freud (1919/1996) afirma poeticamente: “chega a época em que esse florescimento prematuro é estragado pela geada. Nenhum desses amores incestuosos

pode evitar o destino do recalque” (p. 203).

Através do sentimento de culpa, a criança se vê castigada, ao que transforma a primeira fase da fantasia – em que se sente amada pelo pai por ele estar batendo em seu rival – na segunda fase, que quer dizer: “*não, ele não ama você, pois está batendo em você*” (p. 204). Freud explica que esse segundo tempo da fantasia permanece inconsciente, provavelmente pela intensidade do recalque que incide sobre o primeiro instante. Ou seja, na frase “*meu pai está batendo na criança, ele só ama a mim*”, a segunda parte da frase – “*ele só ama a mim*” – é recalcada. O que resta da frase ganhará ênfase no terceiro momento, como resíduo. Nele, o pai não está presente como sujeito da ação de bater e nem mesmo a criança que apanha é definida. Sabe-se apenas que se trata de uma criança de sexo masculino, tanto na fantasia das meninas como na fantasia dos meninos.

### 2.3 A fantasia, o masculino e o feminino

No início do artigo, Freud (1919/1996) afirma que não falará das fantasias masculinas, porém, ao longo do texto, marca sua diferença em relação às femininas. A forma original da fantasia inconsciente masculina não aparece como “*estou sendo espancado por meu pai*”, mas sim como “*sou amado por meu pai*”, o que é transformado em fantasia consciente como “*estou sendo espancado por minha mãe*”. Trata-se de uma fantasia que começa de maneira passiva, diferente do que ocorre com as meninas, cujo início é ativo e “*deriva de uma posição feminina em relação ao pai*” (p. 213). Se, nas meninas, a fantasia inconsciente parte da atitude edípica, nos meninos, ela parte de uma inversão da mesma, ou seja, o pai assume o lugar do objeto de amor. Nas meninas, há uma primeira fase da fantasia e nos meninos não. Na terceira fase, que é o momento em que a fantasia se torna consciente, se, para as meninas, crianças do sexo masculino são espancadas por pessoas também do sexo masculino, para os meninos, trata-se deles mesmos espancados por suas mães. Na transformação que o menino faz, recalca uma posição homossexual em relação ao objeto. Mas, em suas fantasias, ele se sente como uma mulher, dotando as mulheres que o espancam de atributos e características masculinas. Já a menina, que renuncia à sua sexualidade, realizando, assim, um recalque mais completo, não se liberta do pai.

Vê-se como Freud tenta nesse texto fazer uma simetria análoga da fantasia para as meninas e para os meninos. Laurent (2012) comenta essa ideia, pontuando que ele associa o “ser espancada pelo pai” como correspondente do “ser espancado pela mãe”. Nessa época, Freud ainda não tinha escrito os textos sobre “*A organização genital infantil*” (1923) e nem sobre “*A sexualidade feminina*” (1933), no qual revê essa posição indicando a mãe como o primeiro objeto de amor tanto do menino quanto da menina. Além disso, afirma que o pai é decisivo para introduzir o sujeito no mundo simbólico, separando-o da mãe. Com essas novas elaborações, perde-se a simetria analógica entre o Édipo feminino e o masculino, e Freud precisa rever sua teorização sobre o Édipo. Na leitura que faz do “Bate-se numa criança”, Lacan não utiliza essa diferenciação entre meninos e meninas exatamente por tomar a fantasia sobre um aspecto lógico e não descritivo.

Percebe-se como, em Freud, todo o dispositivo fantasístico que emana da sexualidade infantil e do Complexo de Édipo torna-se o verdadeiro “núcleo das neuroses”. É esse caráter fundamental da fantasia, inclusive no próprio funcionamento dos sintomas, o que está destacado na importante passagem do texto de Freud (1919/1996): “a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou” (p. 208). Nessa indicação, fica claro como há uma redução da selva das fantasias a uma marca única, determinante na vida do sujeito.

Na conclusão desse artigo de 1919, vê-se o autor retomando a força proveniente das pulsões, capazes de derrotar o recalque e permanecerem exigindo satisfação. A “natureza perturbadora” das pulsões (p. 218) faz com que a sexualidade infantil que precisa ser recalçada atue formando sintomas e, por essa razão, Freud conclui o artigo dizendo que as aberrações sexuais seriam “ramificações” do Complexo de Édipo. Em 1917, Freud havia apontado o modo como a fantasia serve para o sujeito como uma proteção à realidade, ou seja, à castração que a realidade pode revelar. Com suas elaborações de 1919, evidencia-se como o Édipo é decisivo para uma certa redução da selva fantasística a um ponto único, ou seja, ao corte que o pai introduz na relação do sujeito com o objeto primordial que é a mãe.

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1925a/1996) afirma de modo explícito que a fantasia que resta do “Bate-se numa criança” parece se constituir como “uma relíquia do período fálico nas meninas” (p. 283). Chama-lhe a atenção a rigidez presente nessa “fórmula monótona” (p. 283), o que denota uma fixação à

mesma. Mais uma vez, tem-se a fixação, que a ideia de cicatriz permite sintetizar, como um modo de Freud reconhecer a lógica presente na fantasia.

Em relação ao feminino, Freud (1924/1996) explicita essa lógica dizendo que a fantasia de “*Bate-se numa criança*” não é nada mais do que o próprio clitóris, ou seja, seria uma maneira da menina levar algo da fase fálica para a vida adulta. Sabe-se que Freud (1905/1996), em seus “*Três Ensaio*”, indica que “a sexualidade das meninas têm um caráter inteiramente masculino” (p. 207). Há uma certa equivalência entre feminino e passividade, mesmo que a insuficiência desse tipo de explicação já tenha sido por ele apontada. Freud (1905/1996) considerava impossível pensar em uma libido feminina exatamente pela característica ativa da libido, tal como a pulsão, que é sempre ativa, mesmo que estabeleça alvos passivos.

Embora tenha declarado que os conceitos de masculino e feminino figuram entre os mais confusos da ciência, após se dedicar ao estudo sobre a feminilidade, em 1933, acredita que o que diferiria os homens e as mulheres estaria relacionado a uma maior coerção que as mulheres sofrem para tentar moldar sua libido. Nesse sentido, pensa a feminilidade “como a priorização de objetivos passivos” (Freud, 1933/1996, p. 19), já que, por uma imposição constitutiva e social, a mulher precisaria conter sua agressividade, que acaba por retornar ao próprio sujeito, favorecendo “a formação de fortes sentimentos masoquistas” (p. 19). Concluindo que o masoquismo é tipicamente feminino, questiona sobre o aparecimento desse tipo de satisfação paradoxal nos homens: “o que lhes resta dizer senão que esses homens mostram sinais femininos muito significativos?” (Freud, 1933/1996, p. 19).

Embora tenha alertado para a insuficiência de definir o masculino e o feminino em termos de atividade e passividade, este é o recurso que ele mobiliza para minimamente bordejar o tema: do lado masculino estaria a atividade e do lado feminino a priorização da passividade sobre a atividade, ou seja, uma atividade não-toda ativa. Lacan traz toda uma elaboração lógica que permite ir além dessa limitação encontrada por Freud. Não é possível aprofundar no tema durante essa pesquisa, no entanto, indica-se o falo como elemento central para compreender a elaboração lacaniana que propõe o masculino como orientado pelo falo e o feminino como não-todo fálico. O não-todo é uma noção que Lacan (1972-73/1985) retira de Aristóteles para definir a impossibilidade lógica de se definir um todo.

Quando Lacan (1957-58/1998) lê a afirmação freudiana de que “a criança espancada aí, e que por isso é apreciada.... não é outra coisa senão o próprio clitóris” (p. 358), mesmo

ainda sem ter o recurso conceitual do não-todo, indica que é do falo que se trata. O falo é o que oferece um significante ao desejo do Outro. E, nesse sentido, é como falo que a criança quer se oferecer para o Outro, pagando o preço, inclusive, de ser batida. Mais adiante, Lacan vai prosseguir com esse desenvolvimento, chegando ao ponto de demonstrar que se trata, aí, é da submissão do sujeito à linguagem, na qual o que bate é o significante, que produz marcas sobre a maneira desse sujeito se colocar no mundo.

#### 2.4 A temporalidade da fantasia em Lacan

A fantasia tem sua teorização demarcada em Lacan a partir de suas leituras do “*Bate-se numa criança*”. Esse texto é cuidadosamente lido e examinado em alguns de seus seminários, dos quais destaca-se o *Seminário 4 – A relação de objeto* (1956-57/1995); o *Seminário 5 – Formações do inconsciente* (1957-58/1998); o *Seminário 6 – Le désir et son interprétation* [O desejo e sua interpretação] (1958-59/2013), ainda não traduzido para o português, e o *Seminário 14 – A lógica da fantasia* (1966-67), ainda não estabelecido.

No Seminário sobre “*A relação de objeto*”, Lacan (1956-57/1995) situa o texto em questão como a síntese de “uma massa considerável de experiências” de Freud e sua tentativa de organizá-las (p. 116). Em “*Formações do Inconsciente*” o caracteriza como um artigo que fez uma reviravolta e deu um passo adiante no pensamento freudiano por mostrar “a instância essencial do significante na formação dos sintomas” (p. 241), lembrando que a definição lacaniana do significante é a de ser o que representa o sujeito para outro significante<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Para marcar a importância da função significante da fantasia é preciso situar brevemente um percurso sobre a questão do significante na psicanálise. Mesmo sem contar com a presença da linguística, Freud se interessava pelos mecanismos da linguagem (condensação e deslocamento) e pelo “desapego” entre a imagem acústica da palavra (significante) e seu significado, dado através da articulação entre os significantes. Isso está evidente em “A significação antitética das palavras primitivas”, em que Freud (1910b/1996, p. 161) localiza esse “desapego” do significante ao significado através do texto escrito por um filólogo e da característica dos sonhos de “combinar os contrários numa unidade” (em que uma única palavra pode designar, ao mesmo tempo, uma coisa e seu oposto). Lacan (1957/1998) faz todo um percurso pela linguística de Ferdinand Saussure (1998) para nos advertir que o significante não atende à função de representar o significado. Ele nos indica que o significante se articula a outro e só assim podemos obter um efeito de significação. Não era o que indicava o linguista, que preconizava a sobreposição do significado sobre o significante. Lacan (1957/1998) indica que há um mal entendido fundamental na linguagem que está colocado desde o início e que se refere ao fato de que uma significação só se constitui quando se remete a uma outra significação, estando, desse modo, sempre em cadeia – nunca isolada. Isso ocorre porque o significante carrega em si a propriedade de ser polissêmico: “manga” pode ser a fruta ou pode ser uma parte da camisa. A linguagem se constitui de duas leis: a da metonímia e da

No Seminário sobre “*A Lógica da Fantasia*”, o psicanalista francês indica que nenhum comentário, nenhuma metalinguagem, dará conta do que se introduz sob a fórmula de “*Bate-se numa criança*”, pois se trata de uma frase que não precisa ser comentada, já que se mostra por si mesma, tal como uma montagem pulsional. Isso se dá pelo que Lacan já havia indicado anteriormente de que há uma diferença entre jogar com a fantasia e falar dela. No tratamento, ela é falada com imprecisão e, ao ser formulada, evidencia nos pacientes dificuldade, aversão, repugnância e culpa, muito embora não revelem tais sentimentos quando relatam suas práticas masturbatórias. Mas, à medida que, sob a pressão analítica, a fantasia se abre, é possível localizar seus três momentos, que “se escandem na história do sujeito” e, a partir daí, reencontrar a sua origem (Lacan, 1956-57/1995, p. 117).

Da fantasia de surra, Lacan (1957-58/1998) destaca a função do chicote, conferindo-lhe o estatuto de “quase modelo da relação com o desejo do Outro<sup>17</sup>” (p. 252), pois o que esse instrumento evidencia é que “os seres humanos, como tais, estão todos sujeitos ao jugo de alguém” (p. 252). E “a função da fantasia terminal é manifestar a relação essencial do sujeito com o significante” (p. 252). Trata-se de um duplo valor para o sujeito: “como desejo, ele se sente escorado naquilo que como tal o consagra e o valoriza, ao mesmo tempo que o profana” (p. 255). Essa passagem do *Seminário 5* de Lacan é fundamental para entender a estrutura que fundamenta seu tratamento lógico à questão da fantasia a partir do texto freudiano. Vê-se claramente como o chicote é o índice da relação de submissão ao desejo do Outro, bem como o objeto do qual o sujeito faz uso para se relacionar com o Outro.

Na relação do sujeito com o Outro, sob o modo de uma divisão, se produz um Outro barrado, assim como um sujeito marcado pela falta. Essa operação deixa um resto, elemento irreduzível que Lacan nomeou de “objeto *a*” – aquilo que se recorta de um inteiro (Lacan, 1966-67). O *a* mantém uma relação fundamental com o Outro e pode ser tomado como: “o seio, as fezes, o olhar, a voz”. São peças separáveis, contudo, profundamente ligadas ao corpo, as quais o sujeito busca, no campo do Outro, visando uma complementaridade (Lacan,

---

metáfora. A primeira se refere ao deslizamento dos significantes, ao que ele nomeia pelo que vai “de palavra em palavra” (Lacan, 1957/1998, p. 509). A segunda refere-se a uma substituição de “uma palavra por outra”, o que se obtém no intervalo entre dois significantes, produzindo sentido: “o amor é um seixo rindo ao sol” (Lacan, 1957/1998, p. 512). A lei da metonímia se refere ao que Freud nomeou deslocamento e a da metáfora à condensação. Se Lacan parte do mal-entendido fundamental da linguagem para chegar à célebre constatação de que “o inconsciente é estruturado como linguagem”, é porque considera que o inconsciente trabalha a partir das leis da metáfora e da metonímia. Não se trata de uma caixinha preta, nem de obscurantismo, “a linguagem é a condição do inconsciente” (Lacan, 1970/2003, p. 404). (Silva, 2009).

<sup>17</sup> Outro tomado como código e que tem seu primeiro lugar no Outro real da primeira dependência (Lacan, 1958-59/2013).

1966-67). Ao mesmo tempo em que o objeto *a* se apresenta como materialidade, evoca um vazio que deixa evidente a falta do complemento perfeito.

Vê-se como a fantasia, em sua dimensão simbólica, se configura como uma tentativa de aprisionamento desse objeto *a*, para isso tentando enquadrar o modo de satisfação do sujeito neurótico. A partir da leitura que Lacan faz de “*Bate-se numa criança*”, é possível constatar suas elaborações no sentido de favorecer a localização de uma lógica no modo como a fantasia enquadra a realidade dos sujeitos para que a análise opere sobre ela. Se Freud apresenta uma gramática da fantasia, com frases que apresentam variações gramaticais em torno da fantasia, Lacan traduz essa gramática em termos lógicos, introduzindo a dimensão axiomática presente na fantasia fundamental (Miller, 1997). Mais adiante, se indicará melhor a noção de axioma, embora seja possível indicar que um axioma é uma proposição irreduzível, do qual partem outras proposições (Ferrater Mora, 1991). No quadro que sintetiza os tempos da fantasia em Lacan, vê-se como o desenrolar desses três tempos culminam em uma proposição irreduzível, da qual podem partir uma série de variações no modo como os sujeitos vão fazer uso dessa fantasia ao longo de suas vidas.

Quadro 2 – “Bate-se numa criança” a partir de Lacan

TEMPO DA FANTASIA	AGENTE	OBJETO DA AÇÃO	SUJEITO	CHICOTE	GRAMÁTICA-> LÓGICA
1) Meu pai bate numa criança que é a criança que eu odeio.	Pai	Uma criança que o sujeito odeia.	Terceiro	Do pai.	Bater.
2) Eu sou espancado por meu pai.	Pai	Sujeito		No sujeito.	Ser batido, fazer-se bater.
3) Bate-se numa criança.	Na partícula <i>se</i> , reencontra-se vagamente a função paterna, mas em geral o pai não é reconhecível, não passa de um substituto.	Várias crianças.	Posição terceira: olho.	No mundo.	Bate-se.

Fonte: elaboração própria.

#### 2.4.1 Primeiro instante: o chicote do pai

Da primeira fase da fantasia, “*meu pai bate numa criança que é a criança que eu odeio*”, Lacan (1956-57/1995) deduz uma complexidade que se manifesta por comportar três

personagens: o agente da punição, aquele que se submete e o sujeito. O agente é o pai e aquele que se submete é alguém que o sujeito odeia e que quer ver despencar da preferência parental. São três relações que se centram no sujeito, em posição de terceiro a interpretar a cena. Esta é lida como uma comunicação de amor feita pelo agente: “*Meu pai bate em meu irmão ou minha irmã por medo de que eu não acredite que o prefiram a mim*” (p. 118). A cena propicia ao sujeito receber “a expressão de seu voto, de ser preferido e amado” (p. 118).

Nesta etapa, a introdução do segundo sujeito, objeto da ação, é o meio pelo qual se passa de um sujeito ao outro, numa estrutura intersubjetiva. No momento dessa fantasia, o mais importante não é o fato de ela ter sido falada, aponta Lacan (1956-57/1995). O que se destaca dessa fantasia primitiva é o fato de que ela porta a marca da intersubjetividade presente na linguagem. Essa primeira fantasia comporta uma certa organização, “uma estrutura que põe ali um sentido” (p. 119) e é “preenche de toda virtualidade” (p. 119), pois representa para o sujeito algo que ele deduz imaginariamente da cena e que julga ser muito importante: a interpretação de que é amado pelo pai. Perpassa essa etapa um certo medo que indica uma espécie de antecipação do que pode ocorrer, como uma “tensão temporal” (p. 119).

Para Lacan (1957-58/1998), a figura que aparece na fantasia como agente não deve ser tomada como o pai da realidade, e sim como alguém “da linhagem dos que detém a autoridade” (p. 244). Diz: “longe de assimilá-lo ao pai, convém situá-lo no para-além do pai, isto é, naquela categoria do Nome-do-Pai que tomamos o cuidado de distinguir das incidências do pai real” (p. 244). No *Seminário 5*, momento em que faz a referida afirmação, o Nome-do-Pai é definido como o pai simbólico, aquele que, como significante, dá esteio e promulga a lei, ou seja, “a articulação numa certa ordem do significante”, e que funciona como uma espécie de Outro do Outro<sup>18</sup>. Lacan (1957-58/1999, p. 246) ressalta que a

---

<sup>18</sup> No ano seguinte, Lacan (1958-59/2013) revê essa noção, indicando que o grande segredo da psicanálise é que “il n’y a pas d’Autre de l’Autre”, “não há Outro do Outro” (p. 353, *tradução nossa*). Ao destacar essa virada, Miller (2013) indica que, para afirmar que “não há Outro do Outro”, Lacan precisou ir contra ele próprio, pois o Nome-do-Pai vinha ocupando essa função nos Seminários precedentes, função daquele que organiza e indica que há uma lei da linguagem. E, onde há lei, há ordem. Miller (2013) comenta que, para Lacan, não haveria outra ordem que não a simbólica. Há uma oposição entre a ordem simbólica, em que cada coisa tem seu lugar, e a desordem imaginária, em que os elementos não se distinguem como tais, pois não estão separados. Quanto ao real, está fora da clivagem ordem e desordem. “Ele é, pura e simplesmente” (Miller, 2013, p. 8, *tradução nossa*). Sob esse prisma, um mundo regido pela ordem simbólica seria um mundo onde cada coisa estaria em seu lugar – ideal de uma ordem harmônica, com leis invariáveis e amarradas ao Nome-do-Pai. Embora tenha deixado essa abertura definindo o Nome-do-Pai como suporte da função simbólica – o pai encarnando a figura da lei –, todo o percurso posterior ao *Seminário 6* segue contrário a isso, rumo ao “desmantelamento dessa pseudo-harmonia simbólica” (Miller, 2013). Freud já tinha constatado a impotência do Nome-do-Pai para reabsorver todo o gozo sobre seu signo, o que designou como vertente infinita da análise. Para Miller (2013), o *Seminário 6* seria um

significação da fantasia trabalhada por Freud está colocada no nível do pai, mesmo sendo esta uma fantasia “primitiva”, “arcaica”. O primeiro momento se passa antes do Édipo e, ainda assim, o pai está presente na relação que a fantasia coloca entre o sujeito, o irmãozinho ou a irmãzinha e o pai.

A relação da criança com a mãe se faz pela “descoberta do que é o objeto do desejo dela” (Lacan, 1957-58/1999, p. 248). Para que a criança tenha acesso ao “mundo do significado” e se constitua em sua “aventura humana”, precisa localizar qual é o seu lugar no desejo materno, ou seja, “fazer a descoberta do que significa para ela seu desejo” (p. 248) e, “o significante do significado em geral é o falo” (p. 249). Lacan indica (1957-58/1999) que, em um primeiro momento, a criança se confronta com um lugar imaginário onde está situado o desejo da mãe, e esse lugar encontra-se ocupado por outra coisa, por exemplo, o irmãozinho ou a irmãzinha que aparecem na fantasia. Ele lembra a indicação freudiana de que, para uma criança que se crê alguém na família, um único sopapo basta para lhe retirar do alto de sua onipotência. A fantasia de surra, com chicote ou vara, funciona como “uma solução bem-sucedida do problema” (p. 250), pois carrega a marca simbólica de produzir um risco, algo como uma abolição do sujeito. O pai, nessa etapa, como agente do flagelo, mostra-se como a chave da significação desse movimento primitivo da fantasia, como indica Santiago (2011), que destaca também o instrumento que o pai detém no cenário em questão. A criança açoitada, o rival, não é amada pelo pai, o que a coloca numa situação de não existir, “pois sua existência de desejante é reduzida a nada” (Santiago, 2011, p. 6).

Santiago (2011) indica que a matéria com a qual se constrói essa fantasia provém do sexual e de seu componente sádico, presente no ato do pai de bater. Além disso, há um prazer que o sujeito experimenta ao reconhecer, por trás da surra, uma prova do amor paterno. Nesse sentido, o que importa nessa fantasia não é a integridade física do espancado, mas, sim, o caráter simbólico presente na cena, ou seja, ela apenas assume um valor erótico se o sujeito se sente amado. É por isso que a intervenção paterna assume seu valor fundamental para o que decorre desta etapa.

#### 2.4.2 Segundo tempo: o chicote no sujeito

O segundo momento, representado por “*eu sou espancado por meu pai*”, reduz-se a

---

Seminário “carrefour”, de cruzamento, em que Lacan está diante de duas vias abertas: a da Metáfora Paterna e a da Metonímia Desejante. Lacan escolheu seguir a via do desejo, e não a do Pai.

apenas dois personagens. O sujeito encontra-se numa posição de reciprocidade com o outro: ou ele ou o outro é espancado. A cena porta uma ambiguidade que exhibe, no ato de ser batido, um deslocamento “de um elemento talvez já marcado de erotismo” (Lacan, 1956-57/1995, p. 119). Isso incita um questionamento sobre o que o açoitado teria feito para estar nessa posição: “em que medida o sujeito participa da ação daquele que o agride e o golpeia?” (Lacan, 1956-7/1995, p. 119). Estaria ele numa posição de fazer-se bater?

Como já se indicou no desenvolvimento proposto por Freud, essa etapa não pode ser relembrada, tal como a primeira que se reencontra na análise. Precisa ser “reconstruída”, e Lacan (1957-58/1999) considera uma ousadia de Freud ter deduzido isso de sua experiência, que indicava esse momento como o retorno do desejo edípico da menina. Ser objeto do desejo do pai comporta culpa, o que desencadeia a exigência de ser batida e demonstra “a relação francamente libidinal” (p. 247) estabelecida no tempo anterior com o pai. Trata-se, portanto, de uma coincidência entre esse tempo da fantasia e o Complexo de Édipo propriamente dito e, por isso, esse tempo é “indispensável para compreender a motivação daquilo que se produz na história do sujeito” (Lacan, 1956-57/1995, p. 118).

É desse amor ao pai que se nutre a fantasia nesse tempo de “*estou sendo espancada por meu pai*”. Lacan (1957-58/1999) ressalta que nele a mensagem “*meu pai me bate*” não chega ao lugar do sujeito. No lugar desta, vem outra, como um desdobramento da primeira: o que inicialmente queria dizer “*o rival não existe*”, não é nada em absoluto, agora quer dizer “*Tu existes e é até amado*” (p. 251). Por essa razão, Santiago (2011) afirma que, nesse momento, prevalece o recalque e, se a mensagem foi recalcada a ponto de o sujeito não se lembrar dela no transcurso da análise, ele acaba recorrendo à figuração da etapa anterior.

Lacan (1957-58/1999) acredita que essa fantasia em que o sujeito figura como criança açoitada expressa “a relação com o Outro por quem se trata de ser amado, enquanto ele mesmo não é reconhecido como tal” (p. 256). Essa fantasia se situa “em algum lugar da dimensão simbólica entre o pai e a mãe, entre os quais, aliás, ela efetivamente oscila” (p. 256). A segunda etapa da fantasia é indicada como a mais significativa, pois é onde o ser se encontra mais próximo de sua realização de sujeito dividido pela dialética significativa (Lacan, 1958-59/2013). Nesse sentido, a fórmula desse momento coincide com a do masoquismo.

Lacan (1958-59/2013) lembra a afirmação freudiana de que algo de essencial se passa entre a primeira e a segunda etapas da fantasia, já que o sujeito viu o outro ser precipitado de

sua dignidade de sujeito privilegiado. A relação de anulação subjetiva que se experimenta nessa etapa coloca em cena a dimensão da vontade do Outro e sua sujeição a ela como cruciais para sua subsistência. Esse caráter de submissão ao desejo do Outro é a essência da dimensão masoquista para Lacan, e é nesse sentido que o chicote tem toda sua relevância para demonstrar, como já foi indicado anteriormente, o fato de que se está sempre submetido ao jugo de alguém (1957-58/1998). Para Lacan (1958-59/2013, p. 153), a segunda etapa da fantasia é a base de transformação a partir da qual o sujeito entra na última fase a fim de encontrar o ponto de equilíbrio de sua posição de sujeito barrado, \$.

#### 2.4.3 Terceiro momento: o chicote no mundo

No terceiro tempo da fantasia, tem-se “o sujeito reduzido a seu ponto mais extremo” (Lacan, 1956-57/1995, p. 119), o de um puro e simples observador, numa posição novamente terceira. É o momento de uma “situação dessubjetivada que é a da fantasia terminal, a saber: *Bate-se numa criança*” (p. 119, grifo nosso) – não se sabe quem são as crianças e o agente é apenas suposto. Trata-se do sujeito reduzido ao objeto olhar: “É preciso para vê-lo, nem sempre um sujeito, mas ao menos um olho, que pode não passar de *uma tela sobre a qual o sujeito é instituído*” (p. 120, grifo nosso). Há nessa relação uma “dessubjetivação fundamental” (p. 119) pela presença de uma palavra inconsciente que toma lugar entre o Sujeito e o Outro. Essa *palavra inconsciente* refere-se tanto a “*meu pai batendo numa criança que é a criança que eu odeio, me manifesta que me ama*” quanto a “*meu pai bate numa criança de medo que eu acredite que não seja preferido*” (Lacan, 1956-7/1995, p.120).

Nessa terceira etapa, “existe uma redução simbólica, que eliminou progressivamente toda a estrutura subjetiva da situação para deixar subsistir apenas um resíduo inteiramente dessubjetivado” (p. 120). Essa dessubjetivação seria uma espécie de redução da cena, tal como a imobilização dos personagens de uma sequência cinematográfica quando está em *pause*. Trata-se de um resíduo que conserva a marca da “estrutura articulada em que o sujeito está engajado”, ou seja, da linguagem (Lacan, 1956-57/1995, p. 120).

Esse resíduo se constitui tal como uma cicatriz, pois “depois da saída do Édipo, não resta outra coisa da fantasia senão um esquema geral” (Lacan, 1957-58/1999, p. 247). Nele, a figura do pai é transposta para uma forma genérica e o próprio sujeito se apresenta sob o aspecto de crianças multiplicadas numa “série neutra” (p. 247). Dessa transformação resulta a

delimitação de uma maneira de inscrição, que evidencia o que se mantém como fixação, investimento e memória em uma imagem, “um cenário privilegiado no qual o sujeito encontra apoio para suas satisfações sexuais” (Santiago, 2011, p. 8, *tradução nossa*)<sup>19</sup>.

Essa forma geral que se mantém como resíduo do pai é associada por Santiago (2011) à forma do supereu<sup>20</sup>. Pode-se pensar que inclusive a dimensão de imperativo que a fantasia porta poderia advir daí. Haveria, nesse momento, uma antecipação da posição do sujeito frente ao desejo do Outro, passando a fantasia a se inscrever como uma lei no real, que conferiria a chave do destino do sujeito. Essa expressão genérica de “*Bate-se numa criança*” pode vir a se tornar sintomática, encarnando, a partir de seu estatuto de fantasia fundamental, a lógica da vida de sujeitos que estão sempre se fazendo bater ou se fazendo maltratar em suas parcerias<sup>21</sup>.

Para Lacan (1966-67), a fantasia é estruturada como linguagem de um modo ainda mais estreito que o inconsciente, pois ela se constitui como frase que tem uma estrutura gramatical e uma lógica que funciona como uma significação fechada (axiomática) para o sujeito neurótico – isso que representa a fantasia de “*Bate-se numa criança*”. Percebe-se, portanto, que essa fantasia se configura tanto como uma cicatriz referente ao modo pelo qual a ferida da castração incidiu sobre o sujeito quanto por um ponto de encruzilhada que é

---

<sup>19</sup> “Es cierto que la utilización de estas expresiones surgen para delimitar el modo de inscripción última del fantasma, sobre todo en aquello que en él, se mantiene fijado, memorizado e investido sobre la forma de una imagen, de un escenario privilegiado en el cual el sujeto encuentra apoyo para sus satisfacciones sexuales”.

<sup>20</sup> Como se trabalhou anteriormente (Silva, 2005), o supereu é uma instância psíquica que tem sua origem nas mais primitivas identificações do indivíduo. Ele funciona como uma modificação no eu que toma maior consistência a partir do complexo de Édipo. Trata-se de uma instância paradoxal que ao mesmo tempo em que se constitui como um resíduo das primitivas escolhas objetais do Isso (instância das paixões – das pulsões), representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A relação do supereu com o eu inclui tanto o “*Você deveria ser assim (como seu pai)*”, como também o “*Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele*” (Freud, 1923/1996, p. 47). Ao mesmo tempo em que o supereu se constitui a partir do complexo de Édipo, é sua missão recalca-lo. O supereu “*retém o caráter do pai*” e, quanto mais poderoso for o complexo de Édipo e mais rápido ele submeter o sujeito ao recalque (pela religião, pela educação e pela leitura), mais severa será a dominação do supereu sobre o eu. As apresentações clínicas dessa dominação se expressam no sentimento inconsciente de culpa e sob a forma de consciência moral. A consciência moral é formada como interiorização da autoridade paterna e funciona através da censura moral. O sentimento de culpa se constitui da tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do eu, ou, em outras palavras, da distância entre o eu e o ideal do eu (igualado aqui ao supereu). Em Freud, o conceito de supereu está bastante atrelado à lei edípica e, por isso mesmo, ao pai. Ainda que isso seja verificável nos rumos que ele foi traçando do conceito que nomeou pela primeira vez em 1923, é também notável como já identificava um além-do-Pai, através do qual considerava a existência de um supereu arcaico. Lacan faz uma renovação desse conceito na medida em que propõe que o supereu funciona muito mais como um imperativo de gozo do que como um interditor de gozo.

<sup>21</sup> Indica Santiago (2011, *tradução nossa*): “como sintoma, esta fantasia constitui uma forma pouco refinada de suprir a não-relação entre os sexos”.

decisivo em sua existência enquanto sujeito (Santiago, 2011). A observação freudiana da fantasia como cicatriz do desenlace do Édipo demonstra como ela é um signo privilegiado do que se passa no campo do Outro, ou seja, está referida ao modo como a castração materna foi levada a termo pela criança, como indica Santiago (2011). Nesse sentido, o aspecto do desejo do Outro e o do falo imaginário, que viriam responder imaginariamente a esse desejo, são privilegiados na fantasia.

A partir do percurso feito até aqui, é possível constatar que toda a leitura de Lacan sobre o texto freudiano de 1919 destaca a dimensão da submissão ao desejo do Outro e a função dessa submissão na constituição subjetiva. O destaque feito por Lacan permite reconhecer na escrita de Freud uma lógica da fantasia que concerne a uma resposta construída pelo sujeito para dar conta desse desejo enigmático, como se desenvolverá melhor a seguir. A dimensão pulsional tem grande relevância nessa resposta fantasística, que perpassa tanto a relação com o significante quanto com o objeto, isso que resta impassível de uma apreensão simbólica. A partir disso, torna-se possível ratificar a ideia ressaltada por Santiago (2013) de que, quando Lacan se dedica à questão da fantasia a ponto de lhe conferir um matema – que veremos a seguir –, é porque está diante da insuficiência do significante para dar conta do que se passa com o gozo, esse modo paradoxal de satisfação.

## 2.5 *A função do desejo e a fantasia*

A fantasia como cicatriz que cunha o acontecimento da neurose surge como resposta ao enigma causado pela falta no Outro. O sujeito espera que o Outro seja um “todo-poderoso”, onipotente e sem faltas, pois, ao descobri-lo faltoso, essa falta o faz impotente. É o que Lacan (1956-57/1995) propõe em seu *Seminário 4*, ao trabalhar “*A relação de objeto*”, quando indica que, ao se sentir impotente diante da falta no Outro, o neurótico busca a onipotência em um lugar mais além, “ali onde alguma coisa não existe ao máximo” (p.171), ou seja, no desejo.

O neurótico transforma esse "para-além" que está referido ao desejo do Outro em uma demanda à qual tenta responder. Ou seja, ele prefere o capricho ou a onipotência do Outro a saber sobre sua castração (cf. Rabinovich, 1986). Seja histérico, obsessivo ou fóbico, o neurótico identifica a falta no Outro com sua demanda (Lacan, 1960/1998), pois ele dedica

sua castração à garantia do Outro (Lacan, 1962-63/2005). Desse modo, a demanda do Outro assume função de objeto em sua fantasia e, assim, está sempre a demandar que o demandem, que lhe supliquem, porque não quer pagar o preço de ser castrado<sup>22</sup> (Lacan, 1962-63/2005).

A demanda é o que se produz mais além das exigências biológicas tomadas pelo viés de seu reprocessamento pela necessidade (Santiago, 2013). Como se referiu anteriormente, o desejo não é a demanda de amor, nem mesmo um apetite de satisfação. O desejo é a margem do que faz surgir da demanda enquanto ela modifica a própria necessidade (Lacan, 1958-59/2013). Ele é a diferença que resulta da subtração da demanda pela necessidade, ou seja, é a própria fenda que se instaura no âmbito do sujeito do inconsciente (Lacan, 1958/1998).

Como indica Miller (2013), se o desejo é um dos fatores basais da leitura que faz Lacan da obra de Freud, é na medida em que não está pré-formado no organismo como um instinto, ou um saber infalível que conduziria ao bem-estar. Muito antes pelo contrário, o desejo é o que se extravie e, por isso mesmo, não é passível de nenhuma normatização. O objeto do desejo é metonímico e não está à frente, como alvo, mas atrás, como gatilho, como causa. Nesses termos, o objeto do desejo não é homogêneo à realidade. Não é um elemento da realidade, uma pessoa, uma ambição. É um objeto que, inscrito na fantasia, escapa à dominação do Nome-do-Pai e da Metáfora Paterna (Miller, 2013).

Insiste-se, portanto, que o desejo não é normatizável exatamente porque a fantasia padece dessa mesma característica. É assim que Miller (2008) reafirma que a fantasia é a mediação entre prazer e desejo – pode-se dizer entre prazer e gozo, segundo a fórmula que nos diz que ela efetua o prazer próprio do desejo.

Lacan (1960/1998) indica que o desejo é desejo do Outro, “em que o 'de' fornece a determinação chamada pelos gramáticos de subjetiva, ou seja, é como Outro que ele deseja” (p. 828). Onde o sujeito espera encontrar um oráculo, o que encontra é uma pergunta. Ou seja, ao se perguntar sobre seu desejo, depara-se com a seguinte questão: “*o que o Outro quer de mim?*”. O sujeito encontra o significante desse desejo no falo que, ao mesmo tempo em que representa a fenda aberta no Outro, indica a alienação do sujeito ao Outro (Lacan, 1959/2003).

O neurótico acredita no falo como o que viria a completar a falta do Outro,

---

<sup>22</sup> Sobre a castração, Elisa Alvarenga (2012) nos indica que Lacan conserva essa noção do início ao fim de seus Seminários, desmembrando-a da interdição e definindo-a com uma negação lógica: “o fato que não se pode segurar todos os significantes juntos”.

atribuindo-lhe uma função imaginária ( $-\phi$ ) de completude. O falo não é uma fantasia, nem um objeto conectado à realidade, nem mesmo o órgão. É um significante que tem a função de levantar o véu daquela que o sujeito mantinha envolta em mistérios, como diz Lacan (1958/1998). Nessa perspectiva, a fantasia seria o correspondente e o suporte do desejo, já que, como indica Lacan (1957-58/1998), ela possibilita uma fixação do objeto, construída a partir da posição do sujeito em relação ao Outro: “é com a ajuda dessa relação fantasística que o homem se encontra e situa seu desejo. Daí a importância das fantasias” (p. 455).

## 2.6 Uma resposta ao *Che vuoi?*

Essa noção de alienação ao desejo do Outro pode ser melhor compreendida através do exemplo que Lacan (1956-7/1995) encontra em uma novela de Jacques Cazotte (2011) intitulada “O diabo enamorado”. A narrativa se passa em Nápoles, nas ruínas do palácio de Portici. No início da novela, há uma conversa entre Álvaro, narrador e personagem principal, e um amigo em que discutem a ideia de que os poderes dos espíritos sobre os vivos apenas tem efeito devido à fraqueza humana. Acreditam que, na verdade, os homens nasceram para governar os espíritos e, como demonstração de sua coragem, Álvaro acaba por evocar o diabo. Ao fazê-lo, surpreende-se com a aparição de um fantasma hediondo, sob a forma de uma cabeça de camelo provida de grandes orelhas, a pronunciar em italiano: “*Che vuoi?*” (“que queres?”). De acordo com a solicitação do narrador, o fantasma passa a tomar a forma que lhe é demandada e, ao longo da história, se torna um cachorrinho, um jovem servo, uma jovem encantadora com sua lira e uma mulher fascinante e bela. Nessa última forma, é Biondetta, fonte de realização dos desejos de Álvaro, por quem passa a nutrir grande paixão. Apaixonado, Álvaro suplica que Biondetta não seja um ser fantástico, mas sim uma mulher real. O Belzebu afirma que, para se tornar uma mulher real, precisaria ser verdadeiramente amado, sem reservas. Dividido, Álvaro oscila entre a tirânica paixão e a rejeição, mediada pelo medo de Biondetta e a santa lembrança de sua mãe. Não obstante, Álvaro se entrega, estabelecendo o pacto com o demônio. Nesse momento, a figura aterrorizante da cabeça de camelo retorna e Álvaro, apavorado, desmaia. A atmosfera de fantasia e irrealidade se torna de tal modo perigosa que deixa o pacto com o diabo insuportável para o personagem (Lacan,

1956-7/1995). Ao recobrar os sentidos, Álvaro volta à casa de sua mãe, que chama um médico para lhe assegurar que se tratava de uma ilusão e que, embora seduzido, tivesse sido salvo por suas intenções morais e por seus remorsos. A mãe o aconselha a criar laços com uma mulher que ela mesma escolheria e que teria características celestes. Com esse retorno à mãe, e a conseqüente dissipação da imagem demoníaca, encerra-se a novela.

Da narrativa, Lacan (1960/1998) extrai o “*Che vuoi?*”, localizando-o como uma resposta antecipada, anterior à pergunta e que se mantém como interrogação para os sujeitos em sua relação com o Outro. Chama-lhe a atenção, mais do que a característica superegoica que essa pergunta carrega, a ambigüidade que esse personagem carrega em suas apresentações: ora como cachorrinho, ora como rapaz ou como moça encantadora. Campos (2013) lembra que há uma exterioridade na experiência do próprio desejo e que a pergunta sobre o mesmo se faz sempre em segunda pessoa. Na novela, vemos que, diante da falta de respostas ao *Che vuoi?*, Álvaro responde com sua ilusão, sua fantasia. É o que indica Lacan (1960-61/1992) ao afirmar que o objeto do desejo situa-se no mesmo lugar que a opaca resposta “eu sou aquele que sou”, que é também o ponto em que “ficamos sempre ouvindo a interrogação do *Che vuoi?* proferida por uma estranha cabeça de camelo metamórfico, de onde também pode sair a pequena cadela fiel do desejo” (p. 374). Não seria este lugar o da fantasia, que é o que dá suporte ao desejo e emoldura o eu?

Na concepção lacaniana, a fantasia define a relação de um eclipse do sujeito com o objeto, com aquilo que toma o lugar do falo (Lacan, 1958-59/2013). Esse eclipse tem o estatuto de um “*fading*”, termo retirado da comunicação para designar aquilo que se produz em um aparelho de reprodução da voz quando ela desaparece e reaparece em função de alguma variação própria à sua transmissão (Lacan, 1958-59/2013). Desse modo, a cada vez que entra em jogo a noção de realidade, está implícito o objeto, pois há um movimento de busca disso que se perde pela entrada na ordem simbólica. Como o objeto não pode nunca ser apreendido no ponto onde se procura, apenas em outro lugar, já que nunca será o mesmo das primeiras experiências de satisfação, a relação do sujeito com o mundo gravita em torno da noção da falta do objeto (Lacan, 1956-57/1995).

Lacan dedicou um ano de seu Seminário a investigar o problema do objeto na psicanálise, intitulado-o “*Relação de objeto*”. Em uma crítica aos pós-freudianos que trabalhavam segundo a tese de uma cooptação sujeito-objeto, ele enfatiza a falta de objeto como uma noção capital. Localiza, assim, três manifestações da falta de objeto: *privação*, que

concerne a uma ausência real do objeto que é simbólico, porque deveria estar lá, mas não está – tal como um livro que se retira da estante de uma biblioteca e deixa vazio, mas marcado, seu lugar; *frustração*, que corresponde a uma expectativa imaginária que não foi atendida com um objeto real e, portanto, causa um dano imaginário; e 3) *castração*, que está coordenada à lei e que interdita o acesso ao objeto, mantendo-o no plano imaginário.

Nesse contexto conceitual da falta de objeto, a fantasia é definida “como o imaginário aprisionado num certo uso significante” (Lacan, 1957-58/1998, p. 421). Isso porque, ao mesmo tempo em que se constitui como cena, sua dimensão de roteiro não deve ser desconsiderada: “é algo que não apenas o sujeito articula num roteiro, como no qual ele próprio se coloca em cena” (p. 421). É o que se comprova na fantasia do “*Bate-se numa criança*”. Isso conduz à elaboração que culmina na proposição da fantasia por meio de uma fórmula. A própria ideia de uma fórmula da fantasia é uma evidência do quanto Lacan visava nela um núcleo fundamental. Ele é explícito a esse respeito, alguns anos mais tarde, no Seminário “*O desejo e sua Interpretação*”. Diz Lacan (1958-59/2013): “A fórmula simbólica ( $\$a$ ) dá sua forma ao que eu chamo a fantasia fundamental” (p. 434, *tradução nossa*)<sup>23</sup>. Essa fórmula denota uma dupla relação entre seus termos. O símbolo  $\diamond$ , punção, contém quatro dimensões: “ $\wedge$ ” inclusão, alienação; “ $\vee$ ” exclusão, separação; “ $<$ ” menor e “ $>$ ” maior (Lacan, 1959). Trata-se de um símbolo topológico que permite a Lacan manter vinculados dois elementos tão diferentes como o sujeito e o objeto (Miller, 1997).

Nesse sentido, lê-se  $\$a$  como: sujeito barrado em junção e disjunção com o objeto. Estão presentes na fantasia tanto o sujeito em sua condição de *fading* em relação ao significante quanto o objeto. Este último, enquanto objeto de desejo, refere-se àquilo a que o sujeito é privado simbolicamente. O *fading* de que se trata nessa fórmula não é o do sujeito em relação ao objeto, mas, sim, do sujeito em relação aos significantes da demanda. Esta equivale, em Lacan, à pressão constante da pulsão. Nesse sentido, o *fading* está relacionado aos modos de aparelhamento significante que podem responder a diferentes tipos, como, por exemplo, o oral e o anal (Lacan, 1958-59/2013, p. 369). É em razão desse aparelhamento que se pode observar nos neuróticos um “catálogo das pulsões” bastante organizado, como indica Lacan, na página 838 dos Escritos, no texto “*Subversão do sujeito e dialética do desejo*”, de 1960.

---

<sup>23</sup> “La formule symbolique ( $\$a$ ) donne sa forme à ce que j'appelle le fantasme fondamental”.

Estabelecer uma relação formalizada entre o sujeito dividido e a causa de desejo (objeto *a*) é o que permite considerar uma “fantasia fundamental”, como indica Santiago (2011). Em última instância, essa fantasia é o elemento articulador entre o funcionamento libidinal e a realidade psíquica. Por essa razão é que se diz que a fantasia fundamental comanda as repetições da vida do sujeito. Ela emoldura a realidade, enquadrando-a e determinando a maneira de satisfação que ele estabelece com os objetos de uma maneira estática (Lacan, 1963/1998, p. 786). Vemos como o desenvolvimento lacaniano sobre a fantasia segue a trilha deixada por Freud no que concerne ao modo como o sujeito tenta se proteger da realidade insatisfatória através dela, embora em Lacan essa realidade satisfatória tenha o nome de real, ou até de não proporção sexual (Lacan, 1966-67).

Esse mecanismo neurótico de proteção que é a fantasia ganha contornos diferentes na histeria e na neurose obsessiva, como propõe Lacan em seu Seminário sobre “*A Transferência*”, ao trabalhar os casos clínicos de Dora e do “Homem dos Ratos”, ambos conduzidos por Freud (1901/1996, 1909/1996, respectivamente).

### 2.7 A fantasia na histeria

Dora, uma jovem de 18 anos, levada pelo pai ao Dr. Freud, chega com sua “*petite hystérie*”, apresentando “os mais comuns de todos os sintomas somáticos e psíquicos: dispinéia, *tussis nervosa*, afonia e possivelmente enxaquecas, junto com depressão, insociabilidade histérica e um *taedium vitae* que provavelmente não era muito levado a sério” (Freud, 1901/1996, p. 33). A amizade com a família K é indicada pelo pai adoentado como o cenário de uma fantasia criada pela filha: “o Sr. K. tivera a audácia de lhe fazer uma proposta amorosa, durante uma caminhada depois de um passeio pelo lago” (Freud 1901/1996, p. 35). Escutando Dora, Freud não deixa de reconhecer tal cena como verdadeira “em todos os aspectos” (p. 52). O tratamento da jovem durou três meses e foi interrompido por ela; porém, logo no início, contou com um alívio dos sintomas. Freud (1901/1996) acreditava que por trás deles haveria uma fantasia sexual em torno do termo atribuído ao pai, “*unvermögend Mann*” (homem sem recursos, impotente). Assim, pontuou para a paciente que seus sintomas representavam a cena de satisfação sexual entre duas pessoas que ela muito amava: o pai e a Sra. K. Eles eram uma busca por fazer existir a potência paterna. Para Freud (1901/1996), a solução do caso estaria na célebre cena do lago, numa frase dita pelo Sr. K.: “sabe, não tenho

nada com minha mulher” (p. 97). Em nota acrescentada em 1923, ele localiza nesta passagem o “amor homossexual profundamente arraigado de Dora pela Sra. K” (p. 97).

Se, primeiramente, Freud acredita que Dora abandonou o tratamento por uma atuação da fantasia, vingando-se dele como gostaria de fazer com seu pai, em 1923, considera que seu erro referiu-se à falta de comunicação dessa moção amorosa homossexual. Em “Intervenção sobre a transferência”, de 1951, Lacan indica que o tropeço de Freud refere-se à sua dificuldade em perceber que a Sra. K. encarna para Dora a questão sobre “o que é uma mulher”. No Seminário sobre a transferência diz: “seu pai é impotente com a Sra. K? Pois bem, que importância tem isso, é ela quem fará a cópula. Ela pagará com sua pessoa. É ela quem vai sustentar essa relação” (Lacan, 1960/1992, p. 243). O problema localizado na cena do lago foi a destituição dessa mulher, expressa na fala do Sr. K: “ela não é nada para mim”. Afirma Lacan (1960/1992):

é bem verdade que de uma certa maneira, o Sr. K. é o objeto *a*, e que na verdade é ali mesmo que está a fantasia, na medida em que a fantasia é o suporte do desejo. Mas Dora não seria uma histérica se essa fantasia a contentasse. Ela visa outra coisa, ela visa algo melhor, ela visa o A. Visa o Outro absoluto (p. 243).

Daí, pode-se notar que Dora, assim como toda histérica, troca a satisfação do seu desejo pela crença de ser a fornecedora daquilo que falta ao Outro (o falo imaginário,  $-\phi$ ). Ela se esforça em reanimar, reassegurar, recompletar e reparar o Outro (Lacan 1960/1992, p. 244). Com isso, tenta esconder sua própria castração, deixando um objeto substituto ou metafórico no seu lugar. Um objeto postiço que localiza a demanda como uma maneira de fugir da angústia frente ao desejo do Outro (Rabinovich, 1986).

Nesse sentido, Lacan indica que na fantasia histérica não há o *fading* entre o sujeito e o *a* ( $\$ \diamond a$ ), e sim o “*a* sobre *menos phi* [falo imaginário], em sua relação com A”<sup>24</sup> – desejo de A, é uma maneira de dizê-lo (Lacan, 1960/1992, p. 248). Ou seja, no lugar do  $\$$ , lá está ela tentando causar o desejo, fazendo-se de portadora do falo imaginário; e, no lugar em que estaria o objeto causa de desejo, está o Outro absoluto, que é o que ela busca em sua fantasia. É o que se observa na fórmula inventada para representar a lógica da fantasia histérica:

Fig.1

Fórmula da fantasia histérica:

$$\begin{array}{c} \underline{a} \quad \diamond \quad A \\ (-\phi) \end{array}$$

<sup>24</sup> “A” faz referência ao termo *Autre*, em francês, ou *Outro*, em português.

## 2.7 A fantasia na obsessão

Para compreender a fantasia na neurose obsessiva, o caso do Homem dos Ratos é a referência. Trata-se de um jovem senhor de formação universitária que se apresenta a Freud (1909/1996) com obsessões que o acompanham desde a infância e que se intensificaram nos últimos quatro anos. O medo de que algo terrível acontecesse a seu pai e a uma dama admirada por ele é destacado por Freud como principal aspecto. Também são importantes os “impulsos compulsivos” de cortar a garganta, as “proibições, às vezes sem conexão com coisas um tanto sem importância” e a vida sexual “obstruída” (Freud, 1909/1996, p. 143). O tratamento teve duração de onze meses e acarretou “o restabelecimento completo da personalidade do paciente, bem como a extinção de suas inibições” (p. 139). O caso tem como cenário os ratos (*Ratten*) que tomam relevo a partir do relato de um castigo feito pelo capitão “cruel” quando prestava o serviço militar. Tal castigo consistia em amarrar o criminoso e introduzir ratos dentro de suas nádegas. Esse relato se transforma em ideia obsessiva, produzindo sintomas que se referem ao termo: *Ratten* (ratos), *Spielratten* (ratos de jogo), *Raten* (prestações, pagamentos), *Heiraten* (casamentos, acasalamentos). Para Freud (1909/1996), no final das contas, o que se coloca é uma questão sobre sua própria existência como rato, por ver no animal uma “imagem viva de si mesmo” (p. 188).

A estratégia obsessiva do Homem dos Ratos é a de golpear, no plano imaginário, o falo no Outro para curar-se da castração simbólica. Seria uma busca por localizar nos objetos o que falta, produzindo, assim, “ausência, depreciação, rejeição, recusa, do signo do desejo do Outro” (Lacan, 1960/1992, p. 245). Desse modo, o sujeito obsessivo atribui a seu desejo a marca da impossibilidade, pois, quanto mais tenta tamponá-lo, mais ele insiste. Em sua fantasia, os objetos são colocados em certas equivalências eróticas, o que o se torna evidente na erotização que faz do mundo, especialmente do mundo intelectual (Lacan, 1960/1992, p. 250). Em Lacan essa ideia encontra uma notação que é o  $\phi$ . Trata-se de uma unidade de medida que representa o modo como o sujeito tenta acomodar os objetos de seu desejo no falo, o que está expresso na fórmula da fantasia obsessiva, trabalhada ainda no Seminário sobre “*A transferência*”:

Fig.2

Fórmula da fantasia obsessiva:

$$A \diamond \phi (a, a', a'', a''', \dots)$$

Essa fórmula pode ser compreendida do seguinte modo: diante da castração do Outro, o sujeito oferece objetos marcados pela insígnia fálica para tentar completá-lo. Essa notação explícita que a fantasia neurótica é sempre fálica por buscar reconciliar o sujeito com a falta, com a castração simbólica (Alvarenga, 2012). Na histeria, essa dimensão também se verifica, pois há uma tentativa de recobrir a castração pela identificação viril ao homem.

Embora as duas maneiras de fantasiar possam ser próximas, observa-se que a questão sobre o desejo do Outro tem configurações diferentes na histeria e na neurose obsessiva. Na histeria, há uma dificuldade em definir seu lugar no Outro, o que coloca a pergunta sobre seu sexo, sobre “o que é ser mulher?”. A partir dessa dificuldade, o sujeito histérico vai em busca de uma resposta no Outro, dando a outra mulher um estatuto fundamental em sua vida. Já na neurose obsessiva, a questão do desejo do Outro toma a forma de uma pergunta sobre sua própria existência e, por isso, a questão da morte é um tema muito caro a esses sujeitos (Miller, 1997). Fica nítido como tanto uma estratégia quanto a outra são maneiras do neurótico se esconder do desejo e de sua própria divisão subjetiva. O sujeito obsessivo o faz negando o desejo a ponto de torná-lo impossível, enquanto a histérica insiste em manter sua insatisfação. Transformando o desejo do Outro em demanda, o obsessivo se coloca como caucionador desse Outro, e a histérica, com sua intriga, revela a falta de fé no objeto (Lacan, 1960/1998, p. 838).

Tanto em um tipo clínico quanto no outro, percebe-se que a fantasia se faz como “uma tela sobre a qual o sujeito é instituído” (Lacan, 1956-7/1995, p. 120), ao mesmo tempo em que é o que constitui “para cada um, sua janela para o real” (Lacan, 1967/2003). No “Curso de Orientação Lacaniana de 2011”, Miller desenvolve essas duas dimensões da fantasia: a de “*écran au réel*”, tela no real, a escondê-lo; e a de “*fenêtre sur le réel*”, janela sobre o real, que permite um acesso enquadrado a ele. A partir dessas elaborações, Naveau (2011) indica que a fantasia é “uma tela que fecha ao sujeito o acesso ao real e, inversamente, uma janela que abre, para o sujeito, um ponto de vista sobre o real em questão” (p. 156).

Pensada como tela (*écran*), estaria a dimensão de “evitamento do real”, fazendo-lhe barreira. Como janela (*fenêtre*), seria uma abertura que denota em si mesma a conexão entre o sujeito e o real, mesmo que através dos limites do enquadramento fantasístico<sup>25</sup>. Seria uma

---

<sup>25</sup> O desenvolvimento proposto por Santiago (2011b) traz um questionamento sobre a predominância da dimensão de tela no masculino (a histeria entraria deste lado) e da de janela no feminino. Isto levando em conta as elaborações lacanianas sobre a sexuação (Lacan, 1972-73/1985), que Miller (2010b) circunscreve ao localizar os homens como aqueles sujeitos condenados à cautela por estarem sempre com medo de perder algo, e as

“função do real”, função subjetivada e singularizada do real, ou seja, o real para cada um (Miller, 2011c, p. 2, *tradução nossa*). De acordo com Miller (2012)<sup>26</sup>, dizer que “o real não tem sentido” equivale a dizer que ele não corresponde a nenhum “querer dizer”. A doação de sentido que é dada ao real concerne a uma elucubração e, nesse sentido, a fantasia teria a função de uma elucubração sobre o real.

Em seu Seminário sobre “*A angústia*”, Lacan define a fantasia de um modo próximo ao que se tem indicado. Ele afirma que a fantasia funciona tal como um quadro que é colocado em um caixilho de uma janela. Segundo Lacan (1962-63/2005), “seja qual for o encanto do que está pintado na tela, trata-se de não ver o que se vê pela janela. [...] a fantasia é enquadrada” (p. 85).

A referência a essa tela na janela se situa na pintura “*A condição humana*”, de René Magritte (1934/2012), em que uma tela se interpõe sobre parte da janela, driblando o olhar quanto aos seus contornos. A tela revela a condição de representação a que se está submetido, ao mesmo tempo em que demonstra também a insuficiência dessa representação, já que a tela não pode tapar toda a janela. Na pintura de Magritte, pode-se visualizar tanto a dimensão da tela, quanto a de janela, o que fica nítido no modo como essas dimensões se conjugam na fresta que há entre a tela e a janela.

Fig 3  
René Magritte (1934/2012), “A condição humana”.  
Óleo sobre tela 393/8 x 311/2.




---

mulheres como “amigas do real” em razão de sua maior permeabilidade à castração.

<sup>26</sup> “Lo real no tiene sentido, es equivalente a lo real no responde a ningún querer decir; se le da sentido, hay donación de sentido, a través de una elucubración fantasmática” (p. 2). Miller (2012) indica ainda que “Los testimonios del pase, esas joyas de nuestros congresos, son relatos de la elucubración fantasmática de uno (...)”.

Essas duas dimensões, para as quais a tela de Magritte serve como ilustração, revelam como a fantasia tem uma função decisiva na vida do sujeito neurótico, pois ele se posiciona no mundo e guia suas ações através da maneira pela qual o enxerga. Nesse sentido, a fantasia fundamental, constituída a partir do Édipo, como sua cicatriz, transforma-se em um elemento estrutural, que acaba por se emancipar do Édipo, subsistindo como um enunciado à parte de todo o conteúdo da neurose (Miller, 2013).

Percebe-se, portanto, que a fantasia fundamental possui uma função lógica que determina toda a vida do sujeito, que se torna escravizado a ela, como já se indicou. Essa lógica não é encontrada pronta, e a análise possibilita construí-la, através do esforço de localização do sujeito que começa a identificar em sua vida pontos de repetição que o levam sempre ao mesmo lugar. Localizar sua maneira de enxergar o mundo torna-se capital para que seja possível reconhecer que esta é apenas uma maneira dentre várias. Construir a fantasia fundamental permite reduzi-la a seu ponto axiomático, possibilitando seu atravessamento, o que consiste em retirar o sujeito da monotonia dessa tela e ampliar a abertura da janela para a visada de novas paisagens – contingências da vida. No capítulo que se segue, trabalha-se esse movimento lógico em torno da fantasia, considerando sua relevância para a própria direção da cura.

### Capítulo 3 – Três pilares da lógica da fantasia: construção, redução e travessia

O desenvolvimento proposto nos capítulos anteriores parte da necessidade de uma leitura retroativa da fantasia em Freud e demonstra como essa noção, antes genérica e plural, vai ganhando uma nova configuração conceitual. Esta última encontra seu ápice na investigação freudiana de uma fantasia que se repetia no relato de seus pacientes: a fantasia de surra. Através dela, Freud (1919/1996) chega a uma vertente mais concisa, reduzida e formalizada da fantasia, a fantasia fundamental – cicatriz do desenlace edípico.

Por comportar um limite em relação ao dizer, já que toca no recalque originário, a fantasia fundamental não pode ser recordada pelo sujeito, apenas construída. A fantasia trabalhada por Freud em “*Bate-se numa criança*”, que se desenrola em três tempos lógicos, evidencia essa dimensão em seu segundo momento. Como já indicado, no primeiro instante, o sujeito busca imaginariamente se sentir amado pelo pai, e fantasia uma cena em que o pai bate no irmão. No segundo tempo, que precisa ser construído, o sujeito se inclui numa cena em que figuram ele e o pai, a lhe bater. Esse tempo equivale ao Complexo de Édipo e é quando se expressa o assentimento do sujeito em estar submetido ao Outro. A forma final da fantasia, que se decanta no terceiro instante, é o resultado de uma redução que ocorre após a construção realizada no segundo tempo. Ela se evidencia como um resíduo dessubjetivado, um esquema geral, que expressa a relação essencial de submissão ao mundo do significante.

Essa forma final, que se manifesta no chicote, evidencia o quanto o sujeito, ao se instituir como tal, representado por um significante para outro significante, tenta buscar no Outro aquilo que perdeu por sua entrada nesse mundo da representação (Lacan, 1959/2013). A pulsão se mantém irrepresentável e, ao se tentar aprisioná-la pelo significante, ela se transforma em demanda: oral, anal, escópica, invocante. O seio, as fezes, o olhar e a voz são objetos destacados do corpo que o sujeito busca no campo do Outro como um complemento do que lhe falta, um objeto *a*.

Por essa divisão, o sujeito neurótico se coloca em *fadding*, evanescente frente à demanda, o que Lacan situou como  $\$ \hat{a}$ , fórmula da fantasia. Esta inclui tanto a vertente significante quanto a vertente libidinal, não passível de ser apreendida pelo simbólico, e apresenta a maneira com que o sujeito dividido se relaciona com o objeto.

Diante da incompletude estrutural do Outro, ao que resta impossível de representação, o sujeito neurótico transforma a falta em demanda, à qual está sempre tentando responder. “*Che vuoi?*” (que queres?) é a pergunta que o acompanha e o atormenta pela vida, determinando seu modo de escolher. A fantasia tenta se fazer de resposta, para isso buscando aprisionar o objeto metonímico do desejo e se fazendo de suporte para ele (Lacan, 1959/2013).

No capítulo anterior, indicou-se como na clínica das neuroses a fantasia se apresenta em uma vertente de resposta ao desejo do Outro. Na histeria, escuta-se que o sujeito se faz de portador do que faltaria ao Outro (o falo imaginário), abrindo mão de sua própria satisfação. Na obsessão, nota-se o sujeito procurando tamponar o desejo do Outro com objetos que faliciza para não ter que lidar com a falta ali subjacente.

Tanto a estratégia obsessiva quanto a histérica demonstram claramente a maneira como a fantasia se constitui enquanto uma tela que os protege do real ou, dito em termos freudianos, da realidade insatisfatória. Ao mesmo tempo, é o que os permite acessar o real, por torná-lo mais palatável – como Freud também demonstrou. E, nesse sentido, fica explícita a dimensão que a fantasia tem de elucubração sobre o real, tentando torná-lo sempre igual (Miller, 2011).

Indica-se, no desenvolvimento feito nesses capítulos iniciais, que a fantasia tem em Freud uma lógica, mesmo que ele não tenha recorrido a essa ciência para demonstrá-la. Percebe-se também que Lacan dá a essa “lógica da fantasia” grande relevância, a ponto de ministrar um seminário com esse título. A breve leitura desse texto, mesmo que esta pesquisa não comporte um aprofundamento de seus temas fundamentais, evidencia que a argumentação lacaniana sobre o assunto tem suas bases no movimento de Freud. Este parte de um primeiro momento de ver os elementos imaginários da fantasia, entra em um segundo tempo de construção e indica sua redução a uma frase axiomática. Mas teria Freud ido além dessa redução, extraindo dela consequências clínicas para que os sujeitos pudessem não ser mais tão escravos da fantasia? É uma questão importante porque concerne ao modo como se concebe o tratamento psicanalítico. O presente capítulo buscará elementos para respondê-la.

### 3.1 O trabalho de construção em análise

Para se compreender o percurso de Freud, que coincide com a lógica do tratamento psicanalítico, é crucial que se possa entender a operação de construção da fantasia. Já se indicou anteriormente que a fantasia fundamental, ao mesmo tempo em que expressa a submissão do sujeito ao significante, revela a insuficiência do mesmo para operar com a pulsão. A marca dessa insuficiência possui uma correspondência com o recalque originário (Miller, 1996) e, por isso, a fantasia não pode ser desvendada ou interpretada e, sim, construída (Freud, 1919/1996). Lê-se, em Freud (1937b/1996), que, enquanto a interpretação se restringe a uma aplicação isolada em determinado material, tal como uma associação ou um ato falho, o trabalho de construção não conta com esse material específico e possui um alcance maior.

Dada a importância da construção para toda a elaboração acerca da fantasia, torna-se necessário um aprofundamento sobre esse trabalho. Para tanto, duas perguntas servirão de balizas no desenvolvimento que se segue sobre o tema: *o que é o trabalho de construção em uma análise? E quem constrói: o analista ou o analisante?*

O texto “Construções em análise”, escrito dezoito anos após o “Bate-se numa criança”, fornece algumas respostas. Nele, Freud (1937b/1996) trata primeiramente da construção como trabalho solitário do analista; depois apresenta questões relativas à comunicação dessa construção ao analisante; e conclui com a consideração de que, se o delírio é uma construção patológica do analisante, a construção é um “delírio metódico” do analista (Miller, 1996, p. 94).

Esse artigo é uma resposta de Freud às críticas de que a psicanálise está sempre se arranjando para ter razão, não podendo ser refutada. Essas críticas são como as que faz o filósofo da ciência, Karl Raimund Popper (1994), que preconiza como principal característica científica a refutabilidade, o que não vê na psicanálise. Elas versariam sobre uma inferência de que o psicanalista formula seus enunciados de modo que sejam sempre infalsificáveis e irrefutáveis. Freud (1937b/1996) afirma que “certo bem-conhecido homem de ciência” diz que, quando o analista fornece suas interpretações a um paciente, segue o princípio do “Heads I win, tails you lose”<sup>27</sup> (p. 275), pois a discordância do analisante é tomada como

---

<sup>27</sup> Nota de tradução: “Cara, eu ganho; coroa, você perde...” [em inglês, no original] (p. 275).

resistência. Nessa lógica, se o analisante concorda com a interpretação, o analista está certo e, se discorda, o analista também está certo.

É importante lembrar que Lacan também respondeu à crítica popperiana na entrevista dada à Televisão francesa em 1973, momento em que afirmou categoricamente: “– Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras” (Lacan, 1973/2003, p. 508). Essa leitura lacaniana extraída de Freud implica em uma concepção da “verdade” que não pode ser entendida como totalidade. Por ser “fundamentalmente refratária à totalidade” (Miller, 2011a, p. 24), a psicanálise permite que sempre se diga algo a mais, pois considera que permanentemente haverá um resto, já que as palavras não podem tudo dizer. Embora esse limite do dizer se apresente, não é o caso de se calar diante dele (Miller, 2011a), pois há a possibilidade de bordejá-lo. Percebe-se que a resposta lacaniana às críticas de Popper deixa ainda mais clara a importância da construção, pois diante disso que da verdade não se evidencia por um limite que lhe é estrutural, é possível construir um bordejamento ao que faz furo no simbólico.

### 3.1.1 Construção e recalque originário

Como já se indicou, o trabalho de construção entra em jogo na relação do psicanalista com o que não pode ser dito. Freud teria recorrido à construção por visar “no inconsciente um ponto que não reaparece”, como propõe Miller (1996, p. 92). Esse ponto se refere ao recalque originário, que é o que se manifesta na clínica quando o analisante não consegue recordar tudo o que foi recalado (Freud, 1937b/1996). O inconsciente se apresenta através de pedaços e fragmentos, nunca de modo completo. Por essa razão, Freud (1937b/1996) associa o trabalho do analista ao do arqueólogo, que reconstrói culturas e sociedades antigas unindo os vestígios materiais que encontra. Diante das peças soltas apresentadas pelo analisante, o analista precisa inventar uma coerência para que elas constituam um todo (Miller, 1996).

Freud (1937b/1996) acreditava que tal como um arqueólogo, o analista trabalha com o que extrai de suas inferências a partir dos restos de lembranças, das associações, das repetições e do comportamento do analisante. Mas, se o arqueólogo encontra nessa

construção sua tarefa principal, a qual, ao se encerrar, coloca fim ao trabalho, com o analista é diferente. A construção psicanalítica se refere a um esforço preliminar, necessário ao direcionamento do tratamento. Embora não seja preciso esgotar a construção para se avançar ao momento seguinte, é importante destacar que a construção imprime consequências no rumo que o tratamento irá tomar e por isso é essencial a ele (Freud, 1937b/1996).

Essa ideia de que a construção é uma tarefa preliminar no tratamento se encontra presente nos testemunhos que os psicanalistas dão de suas experiências como analisantes, pois relatam que a construção da fantasia não é suficiente para levar a análise a seu término (Stevens, 1994). Construir a fantasia não implica necessariamente que o sujeito tirará dessa operação todas as suas consequências e Stevens (1994) indica que há numerosos casos em que se constrói a fantasia, mas não se consegue ir além. Existem sujeitos que enunciam a fantasia, mas esses enunciados não são construções do sujeito. Há aqueles em que os elementos da fantasia são claros e revelam uma cena infantil de punição que, pela operação da fantasia, se transforma em prazer. E há, ainda, os que produzem uma construção bem detalhada, que libera uma fantasia organizadora de um certo número de coordenadas da vida do sujeito. Vê-se que, nessas três situações, os sujeitos mantêm sua relação com a fantasia de modo preponderante, o que permite concluir que o enunciado da fantasia obtido com sua construção não equivale à sua travessia (Stevens, 1994).

A questão sobre o que leva uma análise a seu término foi trabalhada por Freud em “*Análise Terminável e Interminável*”, texto também de 1937, mas escrito pouco antes de “*Construções em Análise*”. No primeiro, ele investiga tal questão tomando-a em duas vertentes. Do ponto de vista prático e objetivo, considera ser uma pergunta de fácil resposta: “uma análise termina quando analista e paciente deixam de encontrar-se para a sessão analítica” (Freud, 1937a/1996, p. 235). Isso acontece segundo duas condições fundamentais: quando o paciente não mais sofre de seus sintomas, angústias e inibições e quando o analista não mais teme que eles se repitam. A outra vertente, mais “ambiciosa”, refere-se ao êxito de se solucionar todos os recalques do analisante e “preencher todas as lacunas em sua lembrança” (p. 235), o que lhe parece impossível, inclusive, pelas razões que se têm indicado neste trabalho sobre os limites do dizer. Nessa última vertente, dois pontos limítrofes se apresentam nas análises dos neuróticos, ambos ligados à posição deles frente ao complexo de castração: nas mulheres, a demanda de pênis (*penisneid*) e, nos homens, a angústia de castração, expressa na luta contra sua atitude passiva para com outros homens. Esses dois

elementos seriam irreduzíveis e insistir neles levaria a uma infinitização da análise, ou, nas palavras de Freud (1937a/1996), ao analista “pregando ao vento” (p. 269).

Como se indicou, a construção surge da necessidade do sujeito de seguir em frente, mesmo quando há um limite no dizer. O rochedo da castração, ponto limítrofe da análise freudiana e considerado o maior trauma neurótico (Freud, 1938/1996), é o lugar por excelência da falta de um significante no campo do Outro (Lacan, 1966-67). Não há representação para o sexual e, quanto mais se segue em busca de um sentido sexual, ou seja, de uma proporção sexual, mais a análise insiste em não se concluir.

Percebe-se que a fantasia funciona a serviço dessa elucubração infinita, pois aprisiona o sentido em uma trama constante e repetitiva de tentar responder ao desejo do Outro. Desse modo, produz uma inflação do imaginário, como se vê no primeiro tempo da fantasia do “*Bate-se numa criança*”, em que o sujeito se apega a uma cena em que se sente amado pelo pai, o preferido, em detrimento de seu rival em quem o pai bate.

O processo de construção da fantasia é o ponto de partida para que seja possível localizar a fantasia, essa tela situada na janela do sujeito (cf. Capítulo 2), evidenciando o modo como ele está aprisionado ao desejo do Outro. Como se pontuou anteriormente, a fantasia mantém o sujeito refém de seu modo próprio e padronizado de ver o mundo. Nesse sentido, sua construção evidencia que essa maneira de ver o mundo através da resposta ao desejo do Outro é apenas uma entre tantas. Trata-se de indicar o furo nessa elucubração, mantendo-o em aberto para que seja possível tentar, minimamente, bordejá-lo.

Considerando a construção como uma maneira própria de tentar bordejar o recalque originário, uma pergunta se faz importante: de quem é o trabalho de construção – do analista ou do analisante?

### 3.1.2 Tarefa do analisante, ato do analista

Seguindo as indicações freudianas, a construção é o que se faz quando há algo que as lembranças não conseguem abarcar, e depende tanto do analista quanto do analisante. Para Freud (1937b/1996), a tarefa do psicanalista é a de “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*” (p. 276). Na

primeira parte de “*Construções em análise*”, há apenas o analista em seu trabalho solitário diante do “objeto psíquico” (p. 277). O analisante não aparece em nenhum momento dessa elaboração inicial. Como o que se vê é o analista se ocupando dos fragmentos apresentados por seu analisante, justifica-se a correlação com a arqueologia, pois esses restos não se apresentam como vivos (Miller, 1996).

A maneira com que o analista transmite ao analisante suas construções constitui e fortalece o laço transferencial (Freud, 1937b/1996). Por essa via da comunicação da construção, o analisante é reintroduzido no texto freudiano, que passa a colocar tal transmissão em questão. Para Freud (1937b/1996), cabe ao analisante assentir ou não com a construção realizada por seu analista-arqueólogo, mas não se trata de um convencimento, ou mesmo de precisar ouvir do analisante que o analista tem razão. Ao contrário, o fato de o analisante dizer que nunca pensou nisso ou que nunca pensaria desse modo pode até ser traduzido por “sim, o senhor está certo dessa vez – sobre meu *inconsciente*” (Freud, 1937/1996, p. 281). Essa ideia pode ser compreendida pela indicação de Miller (1996) de que na análise o importante não é o que surge diretamente tal como “o *sim* direto, o *não* direto, o *não é verdade, não é isso*” (p. 95). Importa o que surge ao lado, que é apenas semi-dito, é o que está mais próximo da verdade, já que ela pode ser somente semi-dita.

Nesse sentido, a relação com o inconsciente é torcida, de viés, e só ocorre por formações substitutivas (*Ersatz*). Embora o que se constrói seja também um *Ersatz*, é experimentado pelo analisante como verdadeiro e original, pois ele vivencia a plena convicção dessa construção, como se fosse uma “lembrança recapturada” (Freud, 1937b/1996, p. 284). A construção pode provocar lembranças no analisante quase de modo alucinatório, como exemplifica Freud indicando que ocorre de alguns sujeitos se recordarem dos rostos das pessoas envolvidas na construção ou de mobiliários e lugares em que teriam acontecido. Miller (1996) extrai disso o que considera um princípio da psicanálise, criando um matema para ele: “E=UWk” (p. 95) – o que pode ser traduzido por Lembrança (*Erinnerung*) = convicção da verdade da construção (*Überzeugung von der Wahrheit der Konstruktion*).

Há uma analogia possível de ser feita entre o trabalho de construção e os delírios dos pacientes psicóticos, estes produzidos para afastá-los do mundo real, substituindo o fragmento de realidade insuportável que havia sido rejeitado (*Verwerfung*). A psicanálise considera a função do delírio como uma solução encontrada pelo sujeito diante do encontro

com algo muito insuportável para ele. Por isso, não tenta convencê-lo do erro de seu delírio ou expressar sua contradição em relação à realidade. Ao contrário, por considerá-lo como uma solução protetora, o analista reconhece que há um núcleo de verdade no delírio e trabalha a partir daí.

Como a construção também funciona como uma substituição dos fragmentos da realidade, Freud (1937b/1996) acredita que ela se assemelhe a um delírio: “os delírios dos pacientes parecem-me ser os equivalentes das construções que erguemos no decurso de um tratamento analítico – tentativas de explicação e de cura” (p.286). Isso equivale ao que ele já havia trabalhado em seu texto de 1924, quando aponta que há uma perda da realidade tanto na psicose como na neurose. Ou, ainda, trazendo a leitura de Lacan (1960/1998), é o mesmo que considerar que a verdade tem “estrutura de ficção” (p. 822). Como sintetiza Miller (1996), trata-se de considerar que, enquanto o delírio porta uma construção patológica feita pelo sujeito, a construção analítica seria um “delírio metódico” da análise (p. 94).

Em “*Construções em Análise*”, Freud (1937b/1996) transmite a impressão de que, diante do que não se pode dizer, restaria ao sujeito acreditar no analista, o que Miller (1996) considera como o aspecto “patético” desse texto, pois há um certo ideal freudiano de uma construção completa. Pode-se ver, inclusive, que a concepção de final de análise que Freud (1937a/1996) apresenta ratifica o ideal de uma construção completa. No texto sobre “*Análise Terminável e Interminável*”, preconiza que tenha se tornado consciente muito material recalçado e que muitas coisas ininteligíveis tenham sido explicadas (Freud, 1937a/1996). Para Miller (1996), esse aspecto patético e ideal do texto freudiano pode ser lido como um apelo a um outro regime da análise: “um apelo a Lacan” (p. 97).

Com a orientação lacaniana, fica claro que a construção não é do analista e, sim, do analisante; este é, inclusive, o responsável pelo curso que a análise irá seguir. Quando se considera o contrário, que a construção é do analista, abrem-se as portas para a sugestão. Isso acontece porque é importante considerar a relação que o sujeito estabelece com o significante para compreender o mecanismo de rememoração que ocorre na análise. Lacan indica essa dimensão em seu *Seminário 5*, quando comenta “*Análise Terminável e Interminável*”, texto que acredita evidenciar fortemente a relevância da referida relação. É o sujeito quem pode fazer das peças e pedaços que leva para análise sua própria narrativa, sua epopeia (Miller, 1996). Quando o analista constrói pelo sujeito, não lhe permite se responsabilizar por sua história e seus modos de escolha ao longo da vida. Assim, deixa o sujeito em completa

dependência das construções do analista, tornando o laço transferencial cada vez mais forte. A sugestão que esse tipo de conduta expressa mantém o sujeito ainda mais preso na malha de sua submissão ao desejo do Outro e cada vez mais escravo de sua fantasia.

É recomendável que o analista também construa os casos clínicos com os quais trabalha (Miller, 1996). O dispositivo da supervisão, um dos tripés em que a psicanálise se apoia, ao lado da análise pessoal e da formação teórica, é o lugar para se levar as construções dos casos. Uma construção do caso clínico nunca é acabada e, à medida que surgem novos elementos, precisa ser modificada. Não se trata de levar os “objetos psíquicos” dos analisantes, seus fragmentos e pedaços soltos para fazer arqueologia junto com o supervisor. Trata-se, antes, de trabalhar a construção que aquele analisante vem fazendo na análise e os pontos de impasse do analista frente a essa construção.

Como diz respeito a uma elaboração de saber, não há outra construção na análise que não seja a da fantasia fundamental, indica Miller (1996). Nesse sentido, está do lado do analisante não só a rememoração, mas também a construção. Do lado do analista, estaria o ato, a autorização simbólica dessa tarefa do analisante, como propõe Miller (1996):

Toda a tarefa está do lado do analisante, e o que cabe ao analista, é o ato, não a tarefa, é a autorização simbólica de proceder à tarefa analisante. Segundo Lacan, o analista terá o ato, e o analisante a tarefa. O ato analítico consiste em autorizar simbolicamente a tarefa analisante (p.103).

O ato analítico, expresso na autorização simbólica para que o analisante continue a seguir naquela construção ou que mude sua direção para outro ponto, tem grande relevância na construção da fantasia, como se pode depreender. Não é de se desconsiderar, inclusive, o fato de que Lacan tenha feito um Seminário sobre “*O ato psicanalítico*”, logo após trabalhar “*A lógica da fantasia*”.

Vê-se claramente, portanto, que, se o ato concerne ao analista, a tarefa de construção é inteiramente do analisante. Ao analista cabe não o silêncio absoluto frente às construções dos pacientes, mas acompanhá-los em suas construções, não os deixando fugir das consequências que elas produzem. Não é função do psicanalista procurar a fantasia em algum lugar a ser descoberto nos confins do psiquismo, nem mesmo tentar ajuntar os fragmentos desvelados pelo analisante tal como um arqueólogo. Ao contrário, é necessário um ávido trabalho do analisante para que se possa decantar, do material que vai levando para análise, os pontos de fixação e repetição que constituem sua fantasia fundamental.

A construção da fantasia não é, portanto, um esforço arqueológico da análise, e sim

um trabalho lógico. Busca-se, com esse trabalho, extrair dos fragmentos do inconsciente um modo de resposta constante e repetido apresentado pelo sujeito em diversas situações de sua vida, assim como um tipo de gozo que o acompanha. Isola-se a fantasia, reduzindo-a a essa resposta, para que se possa, a partir daí, atravessá-la. O psicanalista permite que o sujeito construa a lógica de sua fantasia reduzindo-a a um enunciado fundamental do qual ele precisa ir além.

### 3.2 Redução da fantasia – axioma fundamental

Da selva imaginária das fantasias, passa-se à construção da fantasia fundamental. Essa construção, como se indicou, viabiliza a passagem a um terceiro momento que implica em uma redução a uma frase curta e determinante. Tal como um enunciado reduzido, a fantasia fundamental é destacada de seu contexto e tem significação absoluta, já que não precisa de complementos para ser definida. É o que ocorre na frase “*Bate-se numa criança*”, exemplo paradigmático dessa operação de redução que é um movimento lógico. Por ser a redução um conceito lógico, faz-se necessário explicitar melhor essa referência à lógica.

A lógica é uma disciplina que possui tanto o objetivo de estudar a validade das inferências quanto o de prover maneiras adequadas para representar enunciados (Silvestre, 2011). Embora ainda não chamada de lógica, seu primeiro estudo amplo se encontra no grupo de textos que constitui o *Organon* de Aristóteles, obra que prepara o terreno para uma ciência da demonstração e do saber demonstrativo. Os objetos de estudo dessa disciplina são: a proposição, seus termos e o silogismo (Abbagnano, 2007).

Entende-se por proposição um enunciado inserido em um discurso demonstrativo, ao qual se pode atribuir a qualidade de verdadeiro ou falso (característica nomeada como apofântica). Na proposição há os termos, que são sujeito e predicado e que, ao serem relacionados, constituem um silogismo. Este se define como uma lei lógica ou uma série de leis lógicas que estabelecem relações entre termos universais, o que pode se expressar sob a seguinte forma: “Se a é predicado (é verdadeiro) de todo o b E b é predicado (é verdadeiro) de todo o c Então a é predicado (é verdadeiro) de todo o c”, o que está presente no exemplo “Se todos os homens são mortais E todos os australianos são homens, Então todos os

australianos são mortais” (Ferrater Mora, 1991).

Um sistema lógico é composto por uma série de definições que propõem entre seus termos uma consequência lógica (Silvestre, 2011). Nesse sentido, a transformação de um silogismo em um enunciado mais simples, mais preciso, ou mais capaz de decidir sobre a veracidade ou falsidade de outro enunciado é considerada uma operação de “redução” (Abbagnano, 2007). Esse processo pode ocorrer por uma redução dos termos do silogismo ao primeiro; por analogia a situações semelhantes (raciocínio apagógico); e, com maior frequência, pelo método de redução ao absurdo ou ao impossível, que se refere à refutação de teses contrárias em função do absurdo ou impossibilidade das relações indicadas por elas (Ferrater Mora, 1991). Vê-se o seguinte exemplo de redução em Ferrater Mora (1991): “Se Pedro fuma, Pedro tosse Pedro tosse Pedro fuma”. Também no uso matemático da lógica busca-se a redução para deixar as fórmulas mais concisas e precisas, poupando tempo de quem vai fazer cálculos matemáticos.

No plano da subjetividade, a análise propicia uma “operação de redução”. Miller (1998b) dá grande relevância a essa operação, opondo-a à amplificação e à proliferação de significantes. Esta se refere à vertente do sentido, da sonoridade e da referência, das associações metonímicas e infinitas. A redução, ao contrário, não se dirige ao sentido, e sim a uma localização do objeto *a*. Nesse sentido, se constitui como uma condensação surpreendente dos elementos enumerados pela narrativa que é levada pelo sujeito durante a análise.

A operação de redução se realiza em uma sucessão lógica com três momentos distintos: repetição, convergência e evitação. A *repetição* pode ser exemplificada através do caso relatado por Miller (2008) de um homem que, na análise, conta sobre seu relacionamento com três mulheres diferentes. O tratamento evidencia como as três histórias acabam por se superpor, já que, embora as mulheres não fossem iguais, todas alimentavam uma dúvida que o deixava inseguro quanto à fidelidade delas. Há uma estrutura lógica que indica o modo como o sujeito repete a escolha do objeto amoroso. Nesse caso, a operação de redução consiste em isolar esse traço que se repete, formalizando a repetição e a elaborando. A formalização seria como a redução a uma função proposicional, tal como  $f(x)$ , em que no lugar de  $x$  estariam diferentes personagens que poderiam se colocar como variáveis da mesma função. Trata-se, portanto, da redução a uma constante, o que Miller (1998b) indica como essencial na construção que se faz na análise. No exemplo em questão, o personagem

prototípico, o qual Miller (1998b) nomeia Heitor, é a mãe.

A segunda operação de redução, por *convergência*, pressupõe a ideia de que todos os enunciados do sujeito levam a um enunciado essencial – possuem uma regra no dizer. O exemplo para tal redução é o do sujeito que escuta de sua mãe que será um vagabundo para sempre e que passa a vida inteira levando esse voto materno como um oráculo. Assim, dedica os avatares e as desgraças a dar razão à sua mamãe (Miller, 2008).

Esse mesmo sujeito poderia tentar de todas as maneiras fugir desse dito oracular, buscando deslumbrar a todos com seus méritos, sua dignidade, sua honra e seu respeito à lei. Nessa situação, se depreende um ponto que o sujeito evita. Indica-se, portanto, um movimento da operação de redução que é a evitação. Esta se opõe à repetição e à convergência, mas só é possível a partir delas. Trata-se de reconhecer que há algo que se repete não por sua presença, mas pela ausência. Seria uma repetição do que insiste em não se representar simbolicamente. Se as reduções pela repetição e pela convergência apresentam uma redução do imaginário ao simbólico, produzindo formas simbólicas elementares, a redução pela evitação refere-se a uma “redução ao real” (Miller, 1998b, p. 67), ao ponto do que não pode ser recoberto pelo significante. Nessa terceira operação, trata-se de uma redução quantitativa, pois o que se coloca em questão nesse ponto é a quantidade de investimento que se atribuía a uma determinada representação.

Nota-se que tanto a redução por repetição como a redução por convergência e a redução por divergência tocam no ponto da fantasia. O primeiro concerne a uma construção, o segundo a uma redução do enunciado do sujeito a uma regra axiomática (tal como a fantasia fundamental) e o terceiro estaria relacionado a um desinvestimento desse axioma, como se observa na ideia de atravessamento da fantasia, indicada mais adiante.

A ideia de Lacan é a de que a fantasia se liga à estrutura neurótica tal como um axioma está ligado ao resto dedutivo de um sistema lógico (Miller, 1997). Essa referência pode ser lida textualmente em Lacan (1966-67/2003), que escreve que a fantasia possui função de axioma, pois se apresenta como “germe” (p. 327), inclusive, da formação dos sintomas. A fantasia fundamental, construída em análise, apresenta-se como um resíduo imodificável que define a maneira pela qual o sujeito se relaciona com o Outro. O neurótico está tão ocupado em sustentar o desejo do Outro, mantendo-o em suspense, que não consegue se aproximar da fantasia a não ser de viés – indica Lacan no resumo que faz de seu Seminário sobre a *Lógica da Fantasia*, na página 327 dos “*Outros Escritos*”. Destacou-se no “*Bate-se*

*numa criança*” que a fantasia se mantém apartada do conteúdo da neurose, podendo apenas ser construída – nunca encontrada. Essa indicação permite visualizar porque só se aproxima da fantasia de viés.

Sobre o axioma, é um termo lógico que, como indica Ferrater Mora (1991), originalmente significa dignidade. Em sua acepção mais clássica, é utilizado como um princípio que deve ser considerado como verdadeiro, digno de ser acreditado e valorizado, ocupando um lugar importante no sistema de proposições. São princípios gerais, com proposições irreduzíveis e aos quais se reduzem todas as outras proposições, que neles se apoiam necessariamente. Por essa razão, há, no axioma, um imperativo de assentimento, pois, uma vez enunciado e entendido, sua proposição se impõe imediatamente. Encontram-se dois exemplos de axiomas na definição proposta por Ferrater Mora (1991): “o todo é maior que a parte” e “duas coisas iguais a uma terceira são iguais entre si”. Ambas são noções comuns que apresentam as duas características fundamentais dos axiomas: indemonstrabilidade e evidência.

Por serem o ponto de partida de um sistema lógico, os axiomas não podem ser alterados pelas leis de transformação desse sistema. Miller (1997) indica que, para que um matemático faça suas descobertas, ele precisa inicialmente fazer operações. Depois, passa a formular axiomas, com frases o mais curtas e o menos numerosas possíveis, graças às quais poderá partir para realizar outras operações. Por assumirem posições absolutas em uma frase, eles não se submetem à “jurisdição” dos teoremas e às demonstrações que se apresentam após sua apresentação (p. 136).

A fantasia fundamental refere-se a uma “significação fechada” (Lacan, 1966-67, p. 415), absoluta, isolada, separada de tudo, tal como se vê na frase axiomática de *“Bate-se numa criança”*. Poderia haver complementos para essa afirmação, mas ela os dispensa por encerrar-se por si própria. Também não é possível deduzi-la, pois constitui um ponto mínimo em que não há mais o que dizer, tal como enunciam os pacientes de Freud (1919/1996) quando chegam nessa redução e revelam não saber mais o que falar sobre ela.

A falta de palavras não equivale a uma reticência do sujeito em dizer, mas, sim, a uma impossibilidade. Trata-se de um furo no saber, que no seminário sobre *“A lógica da fantasia”* é anunciado por Lacan de modo axiomático, indicando que nenhum significante pode representar-se a si mesmo, ainda que esteja reduzido à sua forma mínima que é a letra. No referido seminário, vê-se toda uma elaboração de Lacan para dar conta de entender a lógica

da direção da cura em psicanálise, dando à lógica da fantasia uma função central. Miller (2011) considera que esse *Seminário 14* de Lacan é como a metapsicologia de Freud, pois se ocupa das origens do sujeito. Nesse Seminário, tenta demonstrar como o sujeito nasce com uma qualidade de conjunto vazio e busca uma representação no campo do Outro. Essa representação deixa uma falta que o sujeito tenta complementar buscando um objeto. Nesse sentido, a operação de alienação no Outro, ao mesmo tempo em que produz uma mortificação do sujeito pelo significante, deixa um resto vivo que é o objeto *a*, índice de sua separação. Como se indicou anteriormente, o objeto *a* é a tradução de algumas peças destacáveis e ao mesmo tempo religadas ao corpo, tais como o seio, o cíbalo, o olhar e a voz. Lacan (1966-67) localiza essas peças destacáveis no campo do Outro, como se vê na seguinte passagem de seu Seminário:

o pequeno *a* é essa coisa de ambígua, que, por pouco que seja do corpo, do objeto, mesmo individual, está no campo do Outro – por uma razão conhecida, porque é aí o campo onde se desenha o sujeito – que ele tem que fazer a petição disso, encontrar seu traço (p. 423).

A alienação do sujeito ao significante implica em uma disjunção entre o ser e o pensamento, pois onde se pensa, não se é. E, onde não se é, pensa-se. Valendo-se da teoria dos conjuntos e da afirmação freudiana “*Wo Es war, soll Ich werden*” (traduzido na Edição Standart como “onde estava o Id, ali estará o ego” [Freud, 1932/1996, p. 86]), Lacan nega a concepção cartesiana do “penso, logo sou”. Enquanto a fantasia se inscreve no plano do “não penso, mas sou”, o inconsciente está do lado do “não sou, mas penso”. Miller (2011b) indica que o seminário sobre a “*Lógica da Fantasia*”, do início ao seu final, demonstra uma passagem que ocorre na análise: a de um sujeito que, para *ser*, rechaça o pensamento inconsciente, para um sujeito que admite o inconsciente ao preço de não se encontrar aí.

No “*Bate-se numa criança*” é nítida essa passagem de um primeiro instante em que há uma inflação egoica pelo fato de o sujeito querer ser amado, a um segundo tempo que expressa sua dependência ao desejo do Outro e que culmina em um terceiro momento em que se torna evidente uma dessubjetivação, manifesta na indefinição tanto do sujeito quanto do objeto da frase enunciada como “*Bate-se numa criança*”.

### 3.3 Extrair consequências da redução

Vê-se que o desenvolvimento lógico de Lacan sobre a fantasia encontra seu fundamento no “Bate-se numa criança”. Quanto mais se percorre o desenvolvimento do conceito de fantasia na psicanálise, mais nítido se torna o deslocamento que sofre a fantasia na obra de Freud. Percebe-se que ele parte de uma perspectiva mais descritiva das fantasias, mas chega a uma concepção lógica.

É possível, inclusive, considerar três tempos lógicos da noção de fantasia em Freud. Sabe-se que “o tempo lógico” é uma elaboração lacaniana sobre o tempo na análise que o psicanalista francês desenvolve a partir de um problema de lógica. Nesse desenvolvimento, ele enumera três tempos lógicos que não obedecem a uma continuidade, posto que o momento anterior é absorvido pelo seguinte, subsistindo apenas o último momento. Trata-se de três movimentos em que o posterior anula o primeiro.

O problema lógico que Lacan (1945/1998, p. 204) trabalha se passa em um presídio em que o diretor escolhe três prisioneiros para lhes propor uma questão a ser resolvida. Ele lhes comunica que aquele que primeiro a resolver, *atravessando* a porta para explicar a lógica de seu raciocínio, será libertado. Coloca-se um disco (branco) nas costas de cada um dos prisioneiros, mas eles não podem olhar a cor do seu próprio disco, embora possam ver o disco do colega. Sabendo que havia cinco discos, dentre os quais dois são pretos e três são brancos, o problema a ser resolvido consiste em saber a cor do disco que está em suas costas.

Há uma modulação do tempo que é importante na resolução dessa questão e se desdobra em três: “o instante de olhar; o tempo para compreender e o momento de concluir” (Lacan, 1945/1998, p. 204). O primeiro instante refere-se a uma exclusão lógica: “estando diante de dois pretos, sabe-se que é branco”. O segundo tempo a uma intuição que vai além das aparências: “se eu fosse preto, os dois brancos que estou vendo não tardariam a se reconhecer como sendo brancos”. Já no terceiro momento, trata-se de uma asserção sobre si, um juízo que produz movimento e se apresenta em sua urgência: “apresso-me a me afirmar como branco, para que esses brancos, assim considerados por mim, não me precedam, reconhecendo-se pelo que são”. O ato tem, portanto, uma função crucial já que não é a certeza lógica que produz a conclusão e sim o contrário, ou seja, a conclusão que produz uma certeza, uma afirmação sobre si mesmo.

A noção de tempo lógico permite compreender o modo como se sucedem os três tempos da fantasia, e também possibilita inferir algo sobre o percurso de Freud sobre o próprio conceito de fantasia. Destacam-se três tempos desse percurso: um instante de ver a selva das fantasias; o tempo de construir a lógica de seu funcionamento, para além das aparências; e o momento de, através da elaboração de sua forma reduzida, axiomática, poder concluir algo sobre si mesmo e extrair consequências dessa construção, atravessando a porta em um ato.

Em um primeiro momento, a selva das fantasias foi o que ganhou o destaque no percurso freudiano. Esse momento foi importante, pois ver a fantasia permitiu a Freud reconhecer sua função na subjetividade de seus analisantes: a de uma proteção à realidade insatisfatória – nome do real em Freud (1908a/1996). Em um segundo tempo, a pergunta sobre o mecanismo por trás da fantasia o levou a um ponto de limite do dizer, ao recalque originário – outro nome do real. A construção da fantasia permitiu realizar nesse ponto um bordejamento, mantendo vivo o buraco de significação ali evidenciado, como uma fratura na proteção da fantasia. Há também um momento conclusivo sobre a fantasia, que deveria se referir a uma resposta sobre o que fazer com esse resíduo após sua construção e consequente redução. No entanto, parece que a questão permanece em aberto, até que Lacan confira a ela algum tratamento.

Já se indicou anteriormente que a fantasia funciona como uma tentativa de abafar a pulsão fazendo-se de tela e construindo um mundo fictício em que é possível aos sujeitos domarem e controlarem suas pulsões. Nesse sentido, observa-se que a pergunta sobre o que ocorre com a fantasia após sua redução aparece de um modo bastante tímido no texto de 1919, quando, ao concluir o artigo, Freud lembra que as pulsões não sucumbem ao recalque e mantêm sua exigência de satisfação com toda sua força. A questão se evidencia de modo mais direto quando, em *Análise Terminável e Interminável*, Freud (1937a/1996) se pergunta sobre a possibilidade de o neurótico se livrar da pulsão. A conexão dessa pergunta com a fantasia parece clara, pois, ao colocar em questão os impasses que levariam ao final de uma análise, retoma um caso clínico onde o tema da fantasia apresenta-se de modo contundente. As elaborações sobre a fantasia de surra se encontram nesse texto, mesmo que não tenha explicitamente se referido ao “*Bate-se numa criança*”.

Trata-se de uma mulher solteira que se apresentou a Freud, no início de sua carreira, com uma importante incapacidade para caminhar em função de fortes dores nas pernas. A

análise lhe possibilitou o restabelecimento, porém, após passar por algumas “desventuras” familiares, perdas financeiras, dificuldades no campo do amor e uma operação para retirada de um mioma, retomou o adoecimento psíquico. O mioma foi decisivo para esse adoecimento, uma vez que, após a cirurgia, ela se apaixonou pelo cirurgião e “afundou-se em fantasias masoquistas sobre as temíveis alterações dentro de si – fantasias com que ocultava seu romance” (Freud, 1937a/1996, p. 238).

Esse caso demonstra claramente a ideia da fantasia como uma máquina de transformar gozo em prazer (Miller, 1997), ou seja, uma tentativa de proteger o sujeito da pulsão. A paciente se defende da pulsão tentando controlá-la através da fantasia de que não estava apaixonada pelo médico. Esse caso, que se mostrou “inacessível a uma nova tentativa de análise” (Freud, 1937a/1996, p. 238), traz para Freud um questionamento que é caro ao tema da fantasia e que ele enuncia na página 240 de “*Análise Terminável e Interminável*”: é possível, através da análise, livrar-se de um conflito entre a pulsão e o “eu” de modo permanente e definitivo? Ou seja, é possível livrar-se da exigência pulsional? Ou, ainda, há como “amansar” a pulsão?

Ainda nesse texto, Freud (1937a/1996) fornece uma resposta indicando que a análise permite ao sujeito empreender uma “revisão” de seus antigos recalques: alguns deles são demolidos, ao passo que outros são identificados e construídos de novo “a partir de material mais sólido” (p. 243). Freud insiste em erguer represas mais sólidas contra a pulsão, apostando no Édipo e no recalque como fortes aliados contra o excesso pulsional. É importante destacar que Freud (1937a/1996) não desconhecia o caráter infinito presente na tarefa de demolir o recalque para reconstruir outro no lugar. É infinito porque toca na falta do significativo, no rochedo da castração, buraco diante do qual Freud parece recuar e recomeçar de novo sua eterna e incansável construção.

Do mesmo modo como se indicou anteriormente que o texto “*Construções em análise*”, escrito pouco tempo depois desse, é um “apelo a Lacan” (Miller, 1996, p. 97), “*Análise terminável e interminável*” também o parece. Quando Lacan trabalha a fantasia em termos lógicos, parte de Freud. Assim como ele, Lacan reconhece a selva imaginária presente nas fantasias e sua dimensão de roteiro a ser construído. Mais além disso, Lacan não recua diante da vertente real da fantasia fundamental, esse resíduo que não pode ser destruído ou apagado, mas que pode ser atravessado.

### 3.4 *Viver a pulsão mais-além da fantasia*

Embora Lacan não tenha se referido à expressão “travessia da fantasia” muitas vezes em seus Seminários, Miller faz uso dessa referência sucinta tornando-a uma verdadeira doutrina teórico-clínica da fantasia, que assume uma relevância decisiva para a clínica psicanalítica de orientação lacaniana. Miller (2011b) a reconhece, inclusive, como uma concepção eminentemente lacaniana que supera os impasses de Freud com a dimensão interminável da análise, que se refere ao sexual.

A expressão “atravessar a fantasia” está presente no *Seminário II* de Lacan, sobre “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*”, proferido após sua “excomunhão” da International Psychoanalysis Association (IPA), a instituição fundada por Freud. O contexto da excomunhão o leva a retomar os pilares freudianos da psicanálise, colocando em questão, no encerramento de seu seminário, o modo como a IPA vinha concebendo o final de análise.

Sabe-se que, para a IPA, uma boa análise culminaria numa identificação com o analista, com a introjeção do seu eu – o analista é tomado como modelo. Esse tipo de orientação encontra eco numa recomendação dada por Freud em “*Análise Terminável e Interminável*” de que o psicanalista deveria ser um “modelo” para seu paciente. Na página 265, lê-se sua afirmação de que o analista deve “possuir algum tipo de superioridade, de maneira que, em certas situações analíticas, possa agir como modelo para seu paciente e, em outras, como professor”. No entanto, ao seguir-se com a leitura do texto, o próprio Freud denota o caráter impossível dessa recomendação, o que o leva a ressaltar a importância da análise pessoal na formação do psicanalista.

A crítica às análises que terminam por uma identificação do paciente ao eu do analista é feita por Lacan em seu *Seminário 2*: “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*”. Nele, pontua que, nos tratamentos conduzidos dessa maneira, vê-se o analista oferecendo seu próprio eu ao sujeito como uma forma de solução. Desde a época desse seminário, Lacan (1954-55/1995) já se opunha a tal diretriz, não acreditando que essa fosse a orientação de Freud, que apresentou um outro tipo de análise. Lacan preconiza, nesse seminário, que a formação do psicanalista propicia a produção de “sujeitos tais que neles o eu esteja ausente” (p. 310), ainda que esse “sujeito sem eu” seja um ideal da análise. Mesmo se dando conta de que nunca vai existir um sujeito sem eu, esse ideal deve ser visado pelo analista, como se vê

em sua afirmação: “não existe nunca sujeito sem um eu, sujeito plenamente realizado, porém é justamente o que sempre se deve visar a obter do sujeito em análise” (p. 310). Nessa perspectiva, o analista não funciona como um espelho vivo pelo qual o analisante deve se guiar, mas sim, como um espelho vazio que permite ao sujeito tratar de suas relações não com o eu do analista, mas com os outros. O novo modo de conceber a direção da cura permite, inclusive, que o analisante reconheça e localize o Outro a quem se endereça.

Dez anos mais tarde, no *Seminário II*, Lacan (1964-65/1998) retoma essa crítica de modo mais contundente. Para isso, ele busca o conceito de identificação no texto “*Psicologia das massas e análise do eu*”, de Freud, lembrando que a identificação de que se trata ali é uma identificação que se refere à maneira como o sujeito busca ser visto e amado pelo Outro, permitindo-lhe viver uma relação dual com o mesmo. Seria uma espécie de “miragem especular” (p. 253) em que o Outro veria o sujeito exatamente da maneira como lhe agradaria ser visto. Esse ponto é o que se tem destacado nesta pesquisa no que diz respeito à característica da fantasia de se fazer de resposta ao desejo do Outro, emoldurando a realidade e formatando o modo de o sujeito acessar o real.

Nesse sentido, Lacan (1964-65/1998) ressalta que uma análise não deve reforçar tal identificação (ou, pode-se dizer, a fantasia). A “manobra da transferência” (p. 255) precisa manter viva a distância entre o ponto em que o sujeito se vê como amável e aquele em que se experimenta como falta, dividido e em busca de um objeto que venha tamponar sua divisão, o objeto *a*. Essa distância entre o objeto causa de desejo e o ideal identificatório indica um “mais-além da identificação” (p. 257), o qual a operação analítica visa. A análise possibilita isolar o objeto causa de desejo, mantendo esse ideal a uma distância dele.

O analisante está sempre tentando colocar o analista nesse lugar identificatório de modelo a ser seguido. No entanto, para que a análise aconteça, é desse ponto que o analista deve “tombar” (p. 258), mantendo-se como objeto causa de desejo. Trata-se de uma operação de franqueamento do plano das identificações e isso é a travessia da fantasia. Ou seja, é através da localização do *a* que a fantasia pode ser atravessada e o sujeito pode experimentar uma posição diferente do constante encarceramento de ser o que agrada ao Outro. Esse encarceramento lhe impossibilita, inclusive, viver a pulsão, fazendo com que tente, a todo momento, se defender dela.

Percebe-se que a fantasia se superpõe à satisfação pulsional dando privilégio ao gozo numa vertente mais imaginária, de “miragem especular” – utilizando a expressão de Lacan

(1964/1998, p. 253). É diferente da pulsão, em que é a vertente real do gozo que se verifica. Exatamente por considerar esse ponto, Miller (1998, p. 142) indica que a fantasia encarcera o gozo, impossibilitando ao sujeito viver a pulsão. E, nesse sentido, o atravessamento da fantasia permite ao sujeito neurótico fazer valer a pulsão.

Feito esse percurso, pode-se indicar a passagem de Lacan, no *Seminário 11*, em que ele apresenta a expressão “travessia da fantasia” ao falar da saída da análise:

depois da distinção do sujeito em relação ao *a*, a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão. O que se torna então aquele que passou pela experiência dessa relação, opaca na origem, à pulsão? Como, um sujeito que atravessou a fantasia radical pode viver a pulsão? Isto é o mais-além da análise, e jamais foi abordado. Isto só é, até o presente, abordável, no nível do analista, na medida em que seria exigido dele ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica (p.258).

Trata-se da “travessia do plano da identificação” (p. 259), que só é possível na medida em que o desejo do analista se coloca como incógnita para o sujeito. Como se havia indicado anteriormente, o neurótico busca a demanda do Outro e faz o mesmo com o analista. Pede que o analista o demande, que lhe suplique algo, pois faz esse movimento para fugir da castração. Quando o analista não lhe apresenta nenhuma demanda, a não ser a de que associe livremente, nem lhe oferta mais ideais identificatórios, permite que o vazio do objeto se mantenha vivo, causando o sujeito a ocupar uma posição diferente no mundo.

A travessia da fantasia corresponde a uma modificação no estatuto do Outro, que passa a não ser mais que um semblante. Isso ocorre na medida em que, por consentir com a castração, com o furo estrutural no saber, o Outro perde sua consistência. Nesse sentido, há um desaparecimento do Outro a quem se demanda e até mesmo o “desvanecimento da demanda”<sup>28</sup> (Miller, 2011, p. 22, *tradução nossa*), já que o sujeito deixa de tentar buscar a completude no Outro.

Se do lado do Outro há seu desaparecimento, do lado do sujeito, há uma destituição subjetiva, causada pela experiência de perda do lugar que o sujeito tinha no Outro. Lacan (1967/2003) enuncia essa destituição subjetiva em termos de “*des-êtré*”, que designa tanto um “des-ser”, conforme foi traduzido para o português, como um deserto. É o que se vê na seguinte passagem de sua “Proposição de 9 de outubro de 1967”:

Nessa reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser (p.259).

---

<sup>28</sup> “Desvanecimento de la demanda”.

Isso implica em sustentar-se sem identificações, ou seja, em não poder contar com ninguém além de si mesmo, o que, como pontua Miller (2011b), é sustentar-se sem ter que se desculpar a todo momento, sem ter que dar explicações ou se queixar do mundo. Há uma célebre frase de Benjamim Disraeli (1804-1881), primeiro ministro da Rainha Victoria, no Reino Unido, de onde Miller retira essa ideia. O final de análise se aproxima do que Disraeli sintetiza no seguinte axioma: “*never complain, never explain, never apologize*” – nunca reclame, nunca explique e nem se desculpe.

Mas, o que é propriamente atravessar a fantasia?

Se, em relação à demanda, constata-se seu desaparecimento, com a fantasia não se trata de fazê-la desaparecer ou de eliminá-la, mas de poder tomar uma distância dela, ou seja, não se deixar enganar por ela (Miller, 1997). Ao trabalhar a lógica da cura, Miller (2011b) lembra que a fantasia funciona como “uma regra do dizer”<sup>29</sup> (p. 99, tradução nossa). Tal como uma regra lógica, a fantasia se faz de real e, ao mesmo tempo, determina o real, velando-o. É o que se trabalhou anteriormente sobre a função de “tela” e, ao mesmo tempo, de “janela para o real” (Lacan, 1967/2003, cf. Capítulo 2). Considerando essas dimensões fantasísticas, Miller (2011b) aponta que atravessar a fantasia é descobrir que a “regra” sobre a qual se está submetido é arbitrária, ou seja, que não passa de *uma* maneira de ver o mundo – uma entre tantas outras que poderiam ter sido escolhidas no lugar desta.

No tratamento psicanalítico, há um primeiro instante em que se fala livremente, sem que o analisante se dê conta da lógica que há em seu dizer. Passa-se a um segundo tempo em que se descobre que no dizer há uma regra e chega-se a um terceiro momento que abre para a dimensão contingencial, evidenciando a arbitrariedade dessa regra. Vê-se, com Miller (2011b), que a lógica do tratamento analítico inclui a lógica da fantasia que tem-se delimitado nessa pesquisa como um movimento de ver a selva das fantasias e construir a fantasia fundamental, reduzindo-a para que se possa atravessá-la.

Ao afirmar que atravessar a fantasia é conhecer sua lógica operando um ligeiro deslocamento, uma mudança de posição frente a ela, Santiago (2011) demonstra que compartilha dessa leitura. Essa modificação consiste em estar em condições de vê-la, apreendê-la, situá-la e ir além dela, o que viabiliza uma menor submissão ao rigor de suas imposições. Miller (1997) ressalta que atravessar a fantasia é ir ver o que há por trás, embora não haja nada atrás dela: “na travessia da fantasia se trata de dar uma volta pelos lados desses

---

<sup>29</sup> “La regla del decir es lo que se llama *fantasma*”.

nadas” (p.97). Atravessar a fantasia produz um franqueamento com modificações importantes na vida do sujeito, mas, ao mesmo tempo, o que essa travessia indica é que não há nada mais para se interpretar ou se construir depois disso.

Miller (2011c) localiza três efeitos que a travessia da fantasia produz nos sujeitos. Primeiramente, um efeito de “desarvoramento” (“*désarroi*” – p. 2), que ocorre pela perda da segurança dada pela fantasia. Com sua travessia, passa-se a estar mais aberto ao novo, não programável ou ordenável, e estar mais aberto à contingência é poder se surpreender sempre, sem garantias de uma regularidade do mundo.

Um segundo efeito é o da “deflação do desejo” (“*déflation du désir*” – p. 3), expresso na ideia do “des-êtré”, que indica uma destituição da qualidade do ser e, ao mesmo tempo, evidencia o deserto em que se está ao viver no mundo da linguagem – no qual reina o mal-entendido entre os seres-falantes. Como já se indicou anteriormente, a fantasia era o que dava suporte ao desejo (Lacan, 1957-58/1998) por servir como um orientador na relação do sujeito com o objeto, tentando aprisioná-lo. Não mais estar submetido a essa orientação faz como que o desejo desinfe, libertando o gozo que estava preso na malha imaginária e significativa com a qual a fantasia tentava envelopá-lo. Trata-se de um efeito que evidencia a possibilidade de o sujeito viver a pulsão sem precisar tanto do desejo para impulsioná-lo na vida.

O último efeito refere-se a um rompimento com o sujeito suposto saber. Isso ocorre porque o ser do desejo se transforma em um ser de saber, o que significa que a suposição de saber cai do analista e retorna para o próprio sujeito.

Embora produza efeitos tão importantes, percebe-se que o atravessamento da fantasia não é suficiente para resolver as dificuldades do sujeito com o corpo e com o que se apresenta como satisfação pulsional, sem o contorno dado pela fantasia. Uma vez atravessada a fantasia, torna-se necessário um saber-fazer aí (*savoir-y-faire*) com os restos sintomáticos, ou seja, com o que há de intratável e de ininterpretável dos sintomas do sujeito (Santiago, 2011). A identificação ao Sinthoma viria responder a isso que está mais próximo do saber do artesão, o que Lacan trabalhou a partir de sua leitura de James Joyce. Seria uma identificação que não fixa o sujeito em um ser, mas sim que lhe permite reconhecer e saber fazer com seu modo de gozo.

Não entraremos no conceito de Sinthoma, posto que seria necessário um aprofundamento cauteloso em torno do tema. Indicamos, apenas, com Miller (1998), que esse termo, inventado por Lacan ao final de seu ensino, engloba tanto o sintoma quanto a fantasia.

Para além da lógica da construção, da redução e do atravessamento, o *sinthoma* diz respeito a uma invenção que ganha estatuto de solução e amarra a realidade (real, simbólico e imaginário), permitindo ao sujeito fazer laço com o mundo a partir de sua singularidade. As conexões entre sintoma e *sinthoma*, assim como entre *sinthoma* e fantasia, são tema de uma investigação importante, ainda por se fazer.

Como se pode perceber, se a lógica freudiana da fantasia vai da selva das fantasias à fantasia fundamental, Lacan supera Freud acrescentando nessa lógica a travessia da fantasia e a identificação ao *Sinthoma*. Seu desenvolvimento demonstra como a travessia não equivale a um desaparecimento da fantasia. Quando se atravessa algo, não se destrói o que foi atravessado, apenas passa-se além dele (Santiago, 2011). Pode-se dizer que Lacan atravessa a lógica de Freud, conservando-a. A lógica freudiana da fantasia permanece na maneira como os tratamentos lacanianos são conduzidos, pois, na orientação lacaniana, é fundamental que a lógica da cura inclua esse movimento que sai da selva das fantasias à construção da fantasia fundamental e a seu atravessamento.

## Conclusão

A investigação realizada nesse trabalho de dissertação ao longo da obra de Freud acerca do conceito de fantasia tornou possível a localização de dois momentos distintos, capitais para melhor situar a questão.

Em um primeiro tempo, observa-se uma descrição freudiana dos elementos imaginários da fantasia. A expressão “embelezamento dos fatos” utilizada por Freud (1897/1996, p. 296) demonstra a característica imaginária da fantasia, instância da qual o sujeito neurótico se vale para se proteger do real. É um tempo decisivo para o prosseguimento dos avanços conceituais da psicanálise tendo em vista que, antes, a fantasia era tomada como uma instância que mantinha uma oposição dicotômica com a realidade, esta última concebida como um equivalente do mundo externo. Desde os primórdios da obra de Freud, observa-se uma grande proximidade da fantasia com a chamada realidade psíquica, considerada, por sua vez, como efetiva no mundo das neuroses.

Com efeito, o conceito de fantasia está na própria origem da psicanálise e no próprio modo como Freud passa a postular o funcionamento da vida psíquica. Vale observar a menção ao tema no *Estudo Autobiográfico*, já citado durante essa pesquisa. Conhecer as fantasias em seus detalhes e pluralidades permitiu-lhe não somente reconhecê-la como central na neurose, como também compreender como ela incide e opera sobre os sujeitos.

Esse primeiro instante da fantasia no percurso freudiano foi o tempo de tirar consequências da existência dessa noção que já estava no discurso corrente antes de Freud. Isso implicava em dar-lhe a devida relevância e, além disso, em reconhecer nela uma verdade na causalidade do sintoma. Isso se deu particularmente no momento em que Freud pôde apreender que a realidade comporta em si mesma um ponto de insuportável, do qual sujeito é compelido a se defender e fugir. Na neurose, o sujeito se serve da fantasia para viver a ilusão de estar longe da castração – nome desse insuportável. Através do relato da fantasia pelos pacientes, Freud aponta que ela se constitui como uma reserva natural na neurose – um lugar em que tudo se mantém como se não existisse intervenção dos processos civilizatórios, tal como ocorre numa selva.

Um segundo tempo de Freud em relação à fantasia também pode ser considerado. O texto de referência que expressa essa escansão lógica é o “*Bate-se numa criança*”,

extensamente trabalhado nesta pesquisa. Nele, fica claro um movimento de redução da selva imaginária das fantasias a um enunciado simbólico, este considerado como uma cicatriz da neurose.

Se o primeiro instante foi o de reconhecer (ver) a fantasia em sua função de afastar o sujeito da realidade, o segundo tempo lhe serviu para compreender sua lógica, que é determinante na maneira como o sujeito se introduz e passa a fazer parte do mundo através da fantasia. Nesse tempo, a insuficiência dos significantes para dizer o que está por trás da fantasia se apresenta, pois ela é exatamente o que serve para bordejar esse furo que o recalque originário deixa entrever. O “Bate-se numa criança” é um texto em que Freud permite manter esse furo em aberto de um modo interessante, pois recorre ao conceito de construção como uma maneira de tratá-lo e não de remediá-lo.

A noção de construção é decisiva para o direcionamento da análise e seu fundamento parte exatamente da fantasia. Embora já estivesse presente como ideia em 1919, é somente em 1937, dezoito anos mais tarde, que Freud escreve “*Construções em Análise*”, no mesmo ano que “*Análise Terminável e Interminável*”. No conjunto desses dois textos, a construção freudiana chega a um ponto de limite da análise que a torna ilimitada. Trata-se do rochedo da castração, um impasse em dizer o sexual. Isso ocorre porque Freud ainda acreditava que era importante fortalecer a barreira do recalque para que os sujeitos se defenderem da pulsão. Nesse sentido, ele afirma:

A análise, contudo, capacita o ego, que atingiu maior maturidade e força, a empreender uma revisão dessas antigas repressões; algumas são demolidas, ao passo que outras são identificadas, mas construídas de novo, a partir de material mais sólido. O grau de firmeza dessas novas represas é bastante diferente do das anteriores; podemos confiar em que não cederão facilmente ante uma maré ascendente da força instintual. Dessa maneira, a façanha real da terapia analítica seria a subsequente correção do processo original de repressão, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo. (Freud, 1937a, p.242)

Pode ser que esse tenha sido o terceiro momento freudiano, o de concluir sobre a impossibilidade de colocar um fim à pulsão. Tomando a obra de Freud fora de uma escansão temporal cronológica, é possível perceber que uma conclusão freudiana diferente ainda se esboçava no “*Bate-se numa criança*”. Nesse texto, ele vai além da construção da fantasia, deixando entrever uma redução que inclui tanto a vertente significante quanto a pulsional, esboçada na componente perversa que observa na fantasia. A frase fundamental, reduzida a partir da construção realizada em análise, indica um modo de o sujeito lidar com a pulsão. No entanto, ainda não é uma redução que retira o investimento na fantasia, posto que os sujeitos

mantêm seu aprisionamento às exigências da mesma; permanecem em uma posição de defesa frente ao real.

Se Lacan pôde superar Freud, foi por enfatizar a lógica da fantasia no centro do tratamento psicanalítico, coincidindo-a com a lógica da cura. A partir do “*Bate-se numa criança*”, ressaltou a fantasia como resposta ao desejo do Outro e inventou uma fórmula que lhe servisse de matema.  $\$$  nomeia o modo pelo qual o sujeito neurótico aprisiona a satisfação pulsional em um objeto  $a$ . Este último refere-se a um elemento que não é passível de apreensão pelo significante e é o que o sujeito vai buscar no Outro em razão da divisão subjetiva que resulta de sua própria inscrição no Outro. Nesse sentido, Lacan não se ocupa de tentar reforçar as defesas contra a pulsão, paralisando-se diante do rochedo da castração. Ao contrário, acredita ser importante para o sujeito viver a pulsão, sem as amarras da fantasia. Como ela aprisiona o gozo pulsional, tentando enquadrá-lo, é preciso seu atravessamento para se ir mais além.

Lacan serve-se da disciplina da lógica para compreender a função axiomática da fantasia e lê nas entrelinhas de Freud a noção de fantasia fundamental. A lógica da fantasia em Lacan se verifica a partir de dois aspectos. O primeiro refere-se à possibilidade de destacar no material fantasístico trazido pelo sujeito tanto uma dimensão imaginária – de selva; quanto simbólica – de cicatriz; quanto real – de resíduo imodificável. O segundo aspecto concerne à distinção entre a construção e a travessia da fantasia, que ocorre seguindo uma operação lógica de redução, que perpassa três modalidades distintas: a redução por repetição, por convergência e por evitação – como indicado no terceiro capítulo, a partir de Miller (1998b). A repetição destaca os traços que se repetem na vida do sujeito, permitindo uma elaboração dessa repetição. A convergência possibilita situar a regra onde se encontram todos os dizeres do sujeito. Nesses dois movimentos, há uma redução da selva imaginária ao simbólico, chegando a uma frase axiomática. A evitação, que permite um desinvestimento dessa frase, culmina em uma redução do simbólico ao real, o que possibilita a travessia da fantasia.

Quando se vai além da fantasia, o Outro perde a consistência que tinha até então e o sujeito não precisa se defender das contingências da vida com tanto afínco, já que consente com a castração. Mas essa travessia ainda mantém viva a pergunta que Freud faz em 1937 sobre o que se pode fazer com a pulsão. Para isso, Lacan vai recorrer ao *sinthoma*, que é uma possibilidade de laço a partir de um modo singular de satisfação. Não há como construir um

sinthoma, posto que se trata de uma invenção. Porém, percebe-se que a construção tem relevância para o modo como ele será inventado. Ainda caberia uma investigação mais detalhada sobre esse conceito tão importante na obra de Lacan.

No entanto, à guisa de conclusão, pode-se dar a presente pesquisa por encerrada, indicando-se que, certamente, Lacan conseguiu, através de todo o seu tratamento sobre o conceito de fantasia, explicitar claramente que a análise tem uma saída. Para concluir fazendo uso do que foi apreendido sobre a disciplina da lógica, encerra-se este trabalho com um axioma: Porque há lógica na fantasia, há final de análise.

### Referências Bibliográficas

- Abbagnano, Nicola. (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cazotte, Jacques (s.d.). *Amores do diabo*. Rio de Janeiro: Aurora.
- Coelho, Tânia. (n.d.) A pulsão é pulsão de morte? In: Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Recuperado em 29 de dezembro de 2013, de [http://www.isepol.com/alem\\_do\\_principio\\_prazer.html](http://www.isepol.com/alem_do_principio_prazer.html)
- Dicionário Etimológico*. (2013). Recuperado em 29 de dezembro de 2013, de <http://www.dicionarioetimologico.com.br/searchController.dohidArtigo=DF874725250F61A802E8C09385114646>
- Ferrater Mora, José. (1991). *Dicionario de filosofia*. Lisboa: Dom Quixote.
- Freud, S. (1886/1996) Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S.(1892-1899/1996). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1892/1996). Carta a Josef Breuer. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1895/1996). Estudos sobre a histeria. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1895b/1996). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1898/1996). A sexualidade na etiologia das neuroses. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1899/1996). Lembranças encobridoras. In *Edição Standard das Obras*

*Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1900/1996). A Interpretação dos Sonhos. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1906/1996). O esclarecimento sexual das crianças. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1906/1996). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1907/1996). Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908a/1996). Escritores criativos e devaneio. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908b/1996). Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908c/1996). O esclarecimento das crianças. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908d/1996). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1909/1996). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910a/1996). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In

*Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910b/1996). A significação antitética das palavras primitivas. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910c/1996). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens: contribuições à psicologia do amor I. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1911/1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912/1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor: contribuições à psicologia do amor II. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913/1996). Totem e Tabu. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915/1996). Os instintos e suas vicissitudes. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917a/1996). Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917b/1996). História de uma neurose infantil. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1918/1996). Tabu da virgindade: contribuições à psicologia do amor III. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919/1996) Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1919/2010). “Batem numa criança”: Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In *Obras completas* (Paulo César de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 293-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1920/1996). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923/1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/1996). A perda da realidade na neurose e na psicose. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1925a/1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1925b/1996) Estudo Autobiográfico. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/1996). O Mal-estar na civilização. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1931/1996). Sexualidade Feminina. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933/1996) Conferência XXXIII: Feminilidade. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937a/1996). Análise terminável e Interminável. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937b/1996). Construções em análise. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1938/1996). Esboço de psicanálise. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago.
- Hanns, Luiz Alberto. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Houaiss, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Recuperado em 01 de dezembro de 2013, de <http://houaiss.uol.com.br>.
- Jones, Ernest. (1981) *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, V. 1-3. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1954-55/1995). Introdução do grande Outro. In *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (p. 296-311). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1956-57/1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957-58/1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1958-59/2013). *Le Séminaire, livre 6: le désir et son interprétation*. Paris: Éditions de La Martinière.
- Lacan, J. (1960/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1960/1992). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1962/1966). Kant avec Sade. In *Écrits* (pp. 765-790). Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (1962/1998). Kant com Sade. In *Escritos* (pp. 776-803). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1962/2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1964/1998). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1966/no prelo). *Seminário 14: A lógica da fantasia*. Versión completa de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1967/2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In *Outros Escritos* (pp. 28-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (1972-73/1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (1973/2003). Televisão. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (1975-76/2007). *O Seminário: Livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1980/no prelo). *Seminário 27: Disolución*. Versión completa de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Laurent, Eric. (2011). *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Laurent, Eric. (2012). Uma fantasia: “uma criança é espancada”. In *A psicanálise e a escolha das mulheres* (cap. 3, pp. 29-46). Belo Horizonte: Scriptum.
- Magritte, R. A condição humana. Recuperado em 27 de junho de 2012, de <http://www.rene-magritte.org>
- Miller, Jacques-Alain. (1996, novembro). Marginalia de ‘construções em análise’. *Opção Lacaniana* 17, 92-107.
- Miller, Jacques-Alain. (1997). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Miller, Jacques-Alain. (1998). Goce, saber y verdad. In *Los signos del goce* (cap. 14, pp. 237-254). Buenos Aires: Paidós.
- Miller, Jacques-Alain. (1998b) O osso de uma análise. Salvador: EBP-BA/Biblioteca Agente.
- Miller, Jacques-Alain. (1999). *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, Jacques-Alain. (2008). *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (2010). *Los cursos psicoanalíticos*, Los divinos detalhes. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, Jacques-Alain. (2010, março). Mulheres e Semblantes. *Opção Lacaniana on-line*. Recuperado em 20 de outubro de 2013, de <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero1/texto1.html>
- Miller, Jacques-Alain. (2011a). A psicanálise, seu lugar entre as ciências. In *Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 69, 15-30.
- Miller, Jacques-Alain. (2011b). La lógica del fantasma. In *Donc, La lógica de la cura* (Cap. 19, pp. 373-392). Buenos Aires: Paidós.
- Miller, Jacques-Alain. (2011c) Troisième séance du Cours. Orientation lacanienne III, 13. Inédito.
- Miller, Jacques-Alain. (2012). *Hay gran desorden en lo real, en el siglo XXI*. Presentacion del tema del IX congreso de la Asociacion Mundial de Psicoanalisis. Recuperada em 10 de junho de 2012, de <http://www.lacanquotidien.fr/blog/2012/05/hay-gran-desorden-en-lo-real-en-el-siglo-xxi/>
- Miller, Jacques-Alain. (2013). O Outro sem o Outro. Recuperada em 20 de janeiro de 2014, de : <http://www.diretorianarede.com.br/orientacao/orientacao005.asp>.
- Miller, Jacques-Alain. (2013). *Une réflexion sur l'OEdipe et son au-delà*. Recuperada em 20 de janeiro de 2014 de <http://www.ch-freudien-be.org/2013/09/une-reflexion-sur-l'oedipe-et-son-au-dela-par-jacques-alain-miller/>.
- Monteiro, Maria Margarida da Silva. (2012). Introdução. A figura de Judite. In *A tragédia Judith de Rolf Hochhuth* (p. 8-18). Dissertação de mestrado, Aveiro. Recuperado em 15 de julho de 2013, de <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/10659/1/7456.pdf>

- Naveau, Pierre. (2011). *Fantasia. A ordem simbólica no século XXI: não é mais o que era*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Popper, Karl Raymund. (1994). *Ciência: Conjecturas e Refutações*. In *Conjecturas e Refutações* (Cap. 1). Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- Rabinovich, D (relatora). (1986). *Neurosis y pulsion*. In *Histeria y Obsesion. Cuarto Encuentro Internacional del Campo Freudiano*. Buenos Aires: Ed. Manantial.
- Ramirez, Mário Elkin (2007). *Develamientos del fantasma*. Medelin.
- Roudinesco, E; Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santiago, Jésus. (2011a, novembro). *A fantasia como um nome dos limites do simbólico (comentários)*. *Opção Lacaniana*, 61.
- Santiago, Jésus. (2011). *Conferência Sobre el fantasma como cicatriz del Edipo*, Bogotá: NEL.
- Santiago, Jésus. (2011). *Notas de aula da disciplina A lógica da fantasia e o sinthoma sexual*, Belo Horizonte: Fafich.
- Silvestre, Ricardo Sousa. (2011). *Um curso de lógica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Stevens, Alexandre. (1994). *Construction et traversée du fantasme*. *La Cause Freudienne*, 27, 91-94. Paris: Navarin Seuil.